Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Filosofia e Ciências – campus de Marília/SP
Programa de Pós-Graduação em Educação

MARIA PAULA MARTELLI GIRALDES

A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLARIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ORLÂNDIA/SP de 1914 a 1946: um estudo por meio de aspectos da história do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

Marília/SP
2018

MARIA PAULA MARTELLI GIRALDES

A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLARIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ORLÂNDIA/SP de 1914 a 1946: um estudo por meio de aspectos da história do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

Dissertação de Mestrado apresentada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista - UNESP "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília/SP, para obtenção do título de Mestra em Educação

Linha de pesquisa: "Filosofia e História da Educação no Brasil"

Orientador: Dr. Macioniro Celeste Filho

Marília/SP
2018

Giraldes, Maria Paula Martelli.
G516c A constituição da escolarização do município de Orlândia/SP de 1914 a 1946: um estudo por meio de aspectos da história do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”/ Maria Paula Martelli Giraldes. – Marília, 2018.
153 f. ; 30 cm.

Orientador: Macioniro Celeste Filho.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.
Bibliografia: f. 120-124.

1. Educação. 2. Educação - História. 3. Escolas primárias. I. Título.

CDD 370.9

Ficha catalográfica elaborada por
André Sávio Craveiro Bueno
Bibliotecário
CRB 8/8211

MARIA PAULA MARTELLI GIRALDES

A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLARIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ORLÂNDIA/SP de 1914 a 1946: um estudo por meio de aspectos da história do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação, pela Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC - da Universidade Estadual Paulista – UNESP – "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília/SP.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientador: Dr. Macioniro Celeste Filho
(FC-BAURU – UNESP-/SP)

_____
Dra. Rosane Michelli de Castro
(FFC – UNESP-Marília/SP)

_____
Dra. Márcia Lopes Reis
(FC-BAURU – UNESP-SP)

Dedico este trabalho para aqueles que guardam todo o meu amor e admiração, aos meus pais, Rosângela e José Luiz e meu irmão Luís com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Sobretudo e acima de tudo ao onipotente Deus que com sua graça patrocinou e patrocinam todos os meus sonhos, sem Deus eu nada seria e nada faria;

Ao meu orientador desta dissertação, Dr. Macioniro Celeste Filho, por ter me ensinado que o processo de pesquisa pode ser leve, sem esquecer-se da seriedade e responsabilidade necessária, por ter me pego em um momento no qual eu já não achava que teria saída; ao Macioniro por ter me mostrado que pesquisadores são humanos e não máquinas que apenas lêem e escrevem textos, agradeço pela bondade em aceitar me orientar, pela sinceridade, autenticidade, conselhos e pelas risadas envolventes;

À professora Drª. Rosane Michelli de Castro que carinhosamente me auxiliou nos momentos necessários da minha vida acadêmica, que me encontrou e retirou as pedras do meu caminhar, a ela agradeço por disponibilizar toda sua atenção e me ouvir atentamente, buscando compreender o que de fato eu estava realizando. Sua paciência e compreensão nesse processo foram essenciais, encontrá-la alterou a minha trajetória acadêmica, através dela conheci os Institutos de Educação e ela me mostrou que ainda existe generosidade e amor nos caminhos da pesquisa;

Aos meus tio, Ricardo Martelli, a Tia/Madrinha Kátia Martins, e juntamente com a minha Vó Maria que residem em Orlândia/SP, pelo acolhimento nas visitas que fiz à cidade a fim de realizar a pesquisa, agradeço ao amor e cuidado demonstrado, mesmo sem entenderem o que de fato eu estava fazendo naquele espaço;

Aos meus pais, Rosângela e José Luiz, por permitirem que eu realizasse essa escolha mesmo sem entender às vezes do que se tratava, não teria conseguido nada se não fosse a ajuda desses dois seres humano em minha vida, agradeço também por irem e me levarem a Orlândia/SP constantemente;

Aos meus amigos que me acompanharam nesse processo, destaco Leonardo Marques Tezza, companheiro de viagens acadêmicas, de textos, de graduação, de pós-graduação e da vida, com certeza a UNESP sem sua amizade não teria o mesmo sentido. Por fim, destaco os amigos do Grupo de Pesquisa GP FORME e HiDEA BRASIL, que me receberam muito bem em todas as reuniões em Marília-SP.

À equipe escolar da Escola Coronel Francisco Orlando, pelo carinhoso apoio na pesquisa e coleta das fontes, nas pessoas a Orientação da Vice- Diretora Rosângela Borghetti Vinha pela forma carinhosa que me recebeu e me orientou durante as buscas no acervo da escola; à Professora da Família Cecília Gasparetto Volpato e a Diretora Marlei Oliveira, pelo

admirável trabalho desenvolvido no resgate do acervo iconográfico do Centro de Memória da referida escola.

E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que concedeu bolsa para o desenvolvimento da pesquisa que resultou nesta dissertação.

Agradecer antes de mostrar é reconhecer que sozinha eu não saberia, eu não poderia fazer.
Para nos constituir enquanto ser, para fazer, para crescer, precisamos juntos ser.
Sejamos juntos o que não poderíamos ser sozinhos.
Façamo-nos a imagem e semelhança do outro, buscando pluralmente o nosso ser singular!

"[...] não existe história simples, nem mesmo história tranquila. Se o arquivo serve realmente de observatório social, é só por meio da desordem de informações aos pedaços, do quebra-cabeça imperfeitamente reconstituído de acontecimentos obscuros. Trilha-se uma leitura em meio a fraturas e dispersão forjam-se perguntas a partir de silêncios e de balbucios".

Arlette Farge

RESUMO

Apresentam-se neste texto, o trabalho realizado no âmbito do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista-UNESP "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília/SP. O objetivo consistiu em reconstituir aspectos históricos especificamente da escola Coronel Francisco Orlando, a primeira escola primária na cidade de Orlândia/SP, localizada no Brasil, no interior Paulista, entre 1914 a 1946 (período de funcionamento desse instituto). Para isso, mediante abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, a partir dos procedimentos de localização, identificação, reunião, seleção e sistematização foram sistematizadas as elaboradas nas pesquisas conteúdo sobre as referências e as fontes localizadas no arquivo permanente do Instituto de Educação "Coronel Francisco Orlando" e outro contendo referências de textos sobre essa instituição. Com isso, os objetivos gerais constituíram em reunir w analisar aspectos históricos do Grupo Escolar, ainda foi objetivo especificamente reunir, localizar, identificar, selecionar, aspectos das instalações desse instituto. A partir disso, para integrar o *corpus* documental da investigação, foram selecionadas atas, exames realizados pelos alunos, livro de correspondência, livro de compromisso, livros de matrícula, planta do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", os jornais, e locais. Além dessas fontes sistematizadas nos instrumentos de pesquisas, foram reunidos a legislação educacional orientadora e normatizadora desse instituto, figuras e bibliografia sobre o tema e um periódico, pautado que circulou no período centralmente sobre as histórias das instituições escolares. A análise das fontes foi realizada considerando a História Cultural, compreendendo a importância de pesquisar os cotidianos das instituições escolares a partir da utilização de diversas fontes. Portanto, constatou-se que para o desenvolvimento até o momento da pesquisa que há ausência de estudos sobre a escolarização no município de Orlândia/SP. Partindo de conceitos cunhados sobre a história da escola e de cultura escolar (Carvalho, Vidal, Faria Filho, Chartier) focamos nossa análise já concluída nos aspectos intrínsecos ao processo de escolarização, num momento que vai da crise proposta republicana da escolarização à publicação da Lei Orgânica do Ensino Primário (1946) ambas com algumas conclusões, voltamos ao passado da instrução pública permitindo assim que compreendamos os aspecto da organização educacional no presente.

Palavras-chave: Educação. História da Educação. História das Instituições Escolares. Escola Primária. Grupo Escolar.

ABSTRACT

This paper presents the work carried out in the Master's Program of the Graduate Program in Education of the Faculty of Philosophy and Sciences (FFC), State University Paulist-UNESP "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marilia / SP. The objective was to reconstitute historical aspects specifically of Coronel Francisco Orlando School, the first primary school in the city of Orlândia / SP, located in Brazil, in the interior Paulist, between 1914 and 1946 (period of operation of this institute). For this, through a historical approach, centered on documentary and bibliographical research, from the procedures of localization, identification, meeting, selection and systematization were systematized those elaborated in the researches content on the references and the sources located in the permanent archive of the Institute of Education " Colonel Francisco Orlando "and another containing reference of texts about this institution. With this, the general objectives were to gather and analyze historical aspects of the School Group, but it was also specifically aimed at gathering, locating, identifying, selecting aspects of the facilities of this institute. From that, to integrate the documentary corpus of the investigation, were selected minutes, exams done by the students, correspondence book, book of commitment, books of enrollment, plant of the School Group "Coronel Francisco Orlando", the newspapers, and local. In addition to these sources systematized in the research instruments, the guiding and normative educational legislation of this institute, figures and bibliography on the subject were collected, and a periodical, patterned that circulated in the period centrally on the histories of the school institutions. The analysis of the sources was carried out considering the Cultural History, understanding the importance of searching the daily life of the school institutions from the use of diverse sources. Therefore, it was found that for the development until the moment of the research that there is absence of studies on the schooling in the city of Orlândia / SP. Based on concepts coined on the history of school and school culture (Carvalho, Vidal, Faria Filho, Chartier) we focused our analysis already concluded on the aspects intrinsic to the schooling process, in a moment that goes from the proposed Republican crisis of schooling to the publication of the Law (1946) both with some conclusions, we return to the past of public education, thus allowing us to understand the aspects of educational organization in the present.

Key Words: Education. History of Education. History of School Institutions. Primary school. School Group.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estação ferroviária de Vila Orlando em 1908. ..... **49**
Figura 2 – Localização do município de Orlândia no estado de São Paulo, em 1932..... **51**
Figura 3 – Autoridades à frente da Prefeitura municipal, em 1911. ..... **52**
Figura 4 – Propaganda do Estabelecimento Bordignon. **60**
Figura 5 – Propagandas da Elmo S.A. e da Cia. Mogiana de Óleos Vegetais. **60**
Figura 6 – Propaganda da Indústria Fabrízio. **63**
Figura7 – Propaganda da Casa Bucci. **64**
Figura 8 - Entrada do 1° Curso Prático Profissional na Cidade de Orlândia. **66**
Figura 9 - Prédio do Ginásio Estadual de Orlândia. **67**
Figura 10 -Propaganda da Casa São João e do Cine São João, com foto do cinema. **68**
Figura 11 -Ginásio Estadual de Orlândia. **72**
Figura 12 -Oswaldo Ribeiro Junqueira **75**
Figura 13 -Sala de Aula do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando. **78**
Figura 14 -Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando (tombado). **79**
Figura 15 -Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando, anos 1914-1999 ..... **81**
Figura 16 -A planta do terreno data de 06/1911, no Departamento de Obras Públicas do Estado (1)..... **83**
Figura 17 - A planta do terreno data de 06/1911, no Departamento de Obras Públicas do Estado (2)..... **84**
Figura 18 –Entrada da esquerda do prédio, em 1911..... **85**
Figura 19 - Fachada externa do Grupo Escolar, em 1911..... **86**
Figura 20 - Porão do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”..... **72**
Figura 21 - Planta original do Grupo Escolar Coronel. **73**
Figura 22 –Grupo Escolar em Restauração. **74**
Figura 23 - Entrada do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” (1)..... **75**
Figura 24 –Entrada do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" (2)..... **76**
Figura 25 - Pátio do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando. **77**
Figura 26 - Clube Recreativo de Esportes de Orlândia (CREO). **81**
Figura 27 –Movimento de matrículas no Grupo Escolar “CF. Orlando”. **90**
Figura 28 –Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando, em 1927. ..... **91**
Figura 29 – Relação escola/aluno- *Annuarios do Ensino*, em 1934 ..... **95**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –Material Coletado no Grupo Escolar.....**23**
Quadro 2–Ordem de Criação e Transformações dos Grupos Escolares. **41**
Quadro 3 –Infraestrutura e Dependências do Grupo Escolar, em 1999 ..... **94**
Quadro 4 –Matrículas e frequência dos alunos do Grupo Escolar (1)..... **101**
Quadro 5 –Matrículas e frequência dos alunos do Grupo Escolar (2)..... **102**
Quadro 6– Matrículas no ensino primário paulista, em 1910. ..... **105**
Quadro 7 –Inspetores de alunos, em 1914-1994.....**109**
Quadro 8– Números de delegacias de ensino por município do estado de São Paulo, em 1936..... **112**
Quadro 9– Documentos oriundos do Total de Alunos - Resultados e Aproveitamento no Grupo Escolar "CF. Orlando", em 1914 a 1946..... **113**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALESP Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
CFESP Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional
CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONDEPHAAT Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
MEC Ministério da Educação e Cultura
CF.Orlando Coronel Francisco Orlando
IE Instituto de Educação
CREO Clube Recreativo de Esporte de Orlândia
GE Grupo Escolar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....18
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL ENTRE 1914 A 1946..... 29
2.1 A Escola Nova no estado de São Paulo..... 37
2.2 Os Grupos escolares no estado de São Paulo..... 40

3 UM OLHAR SOBRE ORLÂNDIA 47
3.1 Aspectos Introdutórios do ensino de Orlândia..... 48
3.2 O município de Orlândia – "Vila Orlando" 58
3.3 Aspectos populacionais de Orlândia 59
3.4 Aspectos econômicos de Orlândia……..... 57
3.5 O ensino em Orlândia ……59

4 A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE ORLÂNDIA 76
4.1 O Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando e o processo de racionalização e padronização do ensino..... 77
4.2 As Concepções Arquitetônicas: aspectos arquitetônicos do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando 78
4. 3 O perfil do diretor do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando 97
4. 4 O exercício do magistério no grupo escolar de Orlândia..... 98
4.5 Meninos e meninas: os alunos do Grupo Escolar de Orlândia 100
4.6 As matérias pedagógicas e matrículas escolares do Grupo Escolar 101

5 ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE ENSINO DO GRUPO ESCOLAR: UM RESGATE DE MEMÓRIAS..... 104

6CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 113

REFERÊNCIAS..... 116

FONTES "A" LIVROS DE REGISTRO E ANOTAÇÕES DO GRUPO ESCOLAR "CORONEL FRANSCISCO ORLANDO"..... 126

FONTES "B" ANUÁRIOS DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO: GRUPO ESCOLAR "CORONEL FRANSCISCO ORLANDO"..... .....

1 INTRODUÇÃO

"A teoria também se converte em graça material uma vez que se apossa dos homens"
Karl Marx

A escolha definitiva pela temática no campo da História da Educação foi motivada pela minha atividade profissional ligada ao ensino, nos últimos anos. A convivência com alunos e com a estrutura da escola pública atual despertou-me para a importância de algumas questões, as quais procurei responder, em parte, com esta pesquisa.

Frequentando regularmente as aulas ministradas em duas escolas públicas da rede estadual paulista, ambas situadas em diferentes bairros na cidade de Orlândia e, numa dessas escolas, ouço sempre o seguinte questionamento: "– Quem fundou essa escola municipal foi realmente o Coronel, já que a instituição se denomina Escola Municipal Coronel Francisco Orlando?". No início, respondíamos: "– Boa pergunta!".

Hoje, já somos capazes de refletir sobre os indícios correlatos da história dessa instituição. Por outro lado, é necessário evidenciar, também, que o interesse pela História das Instituições Escolares se enfatiza, sobretudo, a partir da experiência acumulada como aluna egressa da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) [1], no campus de Marília/SP.

Assim, com essa pesquisa[2], em nível de mestrado, podemos observar que nasceu, aqui, a preocupação em compreender as relações históricas estabelecidas entre a origem da escola pública no Brasil e o modo de produção das cidades. Os resultados de investigações que venho realizando sobre essa temática após me formar como pedagoga no curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)[3], no campus de Marília/SP.

Então o interesse pela escola "Coronel Francisco Orlando", situada em Orlândia-SP por ser uma das escolas mais antigas e também porque pude constar que a ausência de trabalhos sobre o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" na área da história da educação.

---

[1] Na ocasião, quando cursei a Disciplina "História da Educação no Brasil", cujo a Professora a Dra. Rosane Michelli de Castro, era responsável por ministrá-la fizemos nosso primeiro contato;

[2] Na faculdade não consegui trabalhar com o tema da História da educação, então, trabalhei na Revista de Educação Especial. Era "estagiária", e também participei como aluna de uma disciplina obrigatória: "Didática" no meu segundo ano em 2011;

[3] Quando cursei essa disciplina, a Dra. Rosane Michelli de Castro era a professora responsável por ministrá-la fizemos nosso primeiro contato;

Passei a realizar investigações relacionadas ao tema História da Educação, sobre o Grupo Escolar[5]"Coronel Francisco Orlando". Localizei e recuperei informações sobre a escola em que eu realizava observações participantes como professora, inclusive informações sobre a origem e sobre o patrono dessa escola.

A fim de ampliar essas investigações, participei em 2015, na condição de integrante do Grupo de Pesquisa "HIDEA-BRASIL" [6], História das disciplinas escolares, sob orientação da professora Dr. Rosane Michelli de Castro as atividades que me proporcionaram reflexões sobre a História da Educação e a compreensão dos passos da pesquisa científica, em especial a pesquisa com abordagem histórica em educação. Além disso, refleti sobre o fim da minha graduação, e resolvi que deveria continuar.

---

[4] No ano de 2010, iniciei a graduação em Pedagogia na UNESP, a qual conclui em abril de 2015;

[5] O grupo escolar foi criado primeiramente no estado de São Paulo, em 1893, visando reunir escolas isoladas de uma região comum. Em Santa Catarina os grupos escolares foram introduzidos em 1911, a instituição dos grupos escolares deu-se enquanto estratégia políticas da recém-proclamada república. Seus idealizadores visavam criar espaços de educação continuada simultaneamente ao de formação de professores, oferecendo outra concepção de ensino e, portanto, outra organização da instituição escolar. As concepções destes republicanos visavam, principalmente, a universalização do ensino enquanto modernização da Nação.

[6] Grupo de estudos e pesquisas HIDEA-Brasil-História das disciplinas escolares e acadêmicas do Brasil. Líderes: Rosane Michelli de Castro e Maria Isaura Cação; esse grupo de pesquisa desenvolve suas atividades no âmbito da UNESP "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília/SP e é cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq.

Vinculei-me à linha de pesquisa "História das disciplinas escolares e acadêmicas do Brasil". Para refletir sobre esse tema, elaborei um projeto de pesquisa, que apresentei no processo seletivo de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação no período de 25 de março de 2016, na UNESP de Marília/SP. Então, fui selecionada, e ingressei com esse projeto de pesquisa sobre o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"

Investigar as transformações que uma determinada instituição escolar sofreu, implica a possibilidade de observar e compreender as continuidades, rupturas e contradições, além de problematizar as transformações que ocorrem na sociedade que, como bem observa Lombardi (2003), de certa forma, altera o modo de vida de uma grande parcela da coletividade – sendo capazes de gerar, ainda, novos conflitos ao lado de velhas demandas que, a priori, não se concretizaram para a maioria da população.

Durante essa caminhada, um dos temas que me chamaram particularmente a atenção foi o processo político de institucionalização, implantação, expansão, bem como o funcionamento dos novos grupos escolares implantados nos bairros central da cidade de Orlândia, principalmente aqueles organizados entre os anos de 1920 e 1930 – uma vez que esse foi um período de grande transformação nos Grupos Escolares havia a formação de professores era o eixo central de uma Instituição Escolar,[8] que eram escolas de excelência e ser formado por uma instituição como essa dava certo *status* ao professor no contexto histórico da cidade de Orlândia.

Segundo no Código de Educação do Estado de São Paulo[7]em relação às finalidades dos, Institutos de educação, tem-se que:

> a) formar professores primários secundários e inspetores e diretores de escolas;
> b) manter cursos de aperfeiçoamento e de divulgação, para os membros do magistério;
> c) ministrar ensino primário e secundário a alunos de ambos os sexos, em estabelecimentos que permitam a observação, a experimentação e a pratica de ensino, por parte dos candidatos ao professorado. (SÃO PAULO, 1933, p. 106-107).

Por ter sido a primeira Escola de Educação instalada no interior de São Paulo, sua instalação teve um sentido "conquistador" para os habitantes da cidade, ainda foi observada a ausência de estudos sobre a escolarização no município de Orlândia, situada na zona de ligação entre Ribeirão Preto (pólo cafeeiro) e o triângulo mineiro.

"(...) graças à equiparação de estabelecimentos particulares e municipais[8] (Tanuri, 1979, p. 9).10 utilizo "[...] a expressão 'fonte' que além de ser uma expressão mais abrangente, é menos associável às práticas historiográficas do passado [...] 'documento' tomado exclusivamente como uma espécie de 'prova' ou 'testemunho do que aconteceu', à maneira positivista as fontes são "[...] fragmentos de fatos que é preciso organizarem".

A região foi cortada por uma das companhias férreas mais importantes do estado, como afirmou o paraninfo Coronel Francisco Orlando, em ata na Câmara Municipal de Orlândia-SP (CM ata p.33, 1902-1911), em 30 de março de 1910, data em que é comemorado o aniversário do município.

A partir do processo seletivo de mestrado, com orientação do professor Macioniro Celeste Filho, no desenvolvimento da pesquisa, foi constatado que, o prédio em que foi instalada a escola Coronel Francisco Orlando, havia a instalação da fazenda São João da Boa Vista, cujo terreno de forma retangular estava situado na rua quatro, confrontando de um lado a Avenida três.

E do outro lado o Clube Recreativo de Esportes de Orlândia – CREO, e nos fundos com a Rua seis, a escola "Coronel Francisco Orlando" que atende do 5º ao 9° ano do Ensino Fundamental. Essa escola está localizada na Rua Quatro, 146, Centro, Orlândia/SP. Como afirma Cardoso (2002), a disponibilidade de fontes é um dos critérios para a seleção de um tema em pesquisa histórica e:

> [...] um arquivo ou a descoberta de novos registros que contenham informações sobre determinada instituição trazem sempre a expectativa da descoberta, a possibilidade de novos caminhos e podem até imprimir novos direcionamentos ao trabalho [...] (MIGUEL, 2007, p. 31)

Tal formulação levou-me ao encontro das fontes para localizar o arquivo permanente da atual Escola Municipal "Coronel Francisco Orlando" Esse arquivo constitui-se principalmente em fontes administrativas, Segundo Vidal (2006, p. 64) os gestores da educação privilegiam as atividades cuja conservação das fontes está relacionada com:

> [...] o funcionamento da burocracia escolar que está no cerne do interesse em conservar os documentos. No caso dos historiadores da educação, a ênfase recai sobre as atividades-fim: são as finalidades da escola, ou seja, a própria relação ensino-aprendizagem que se coloca como problema na preservação da massa documental.

Assim, localiza-se:

> [...] muito mais facilmente nos arquivos os testemunhos da atividade do que propriamente os vestígios dos processos de ensino e aprendizagem. Por uma espécie de *seleção natural*, alguns desses vestígios, entretanto sobrevivem, escapando ao descarte intencional ou à deterioração. (VIDAL, 2007, p. 66, grifo do autor).

A partir da verificação das fontes que localizei, passei a realizar reflexões sobre a Instituição de Educação "Coronel Francisco Orlando" no âmbito dos estudos sobre a História das Instituições Escolares[9]

Com isso, após delimitar o tema da pesquisa, passei a realizar pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema, buscando, como é comum nas investigações científicas, conhecer e situar a minha investigação nas pesquisas sobre os Institutos de Educação do estado de São Paulo.

Para isso, utilizei os seguintes procedimentos: localização, seleção e reunião de referências sobre, a temática e os objetivos da pesquisa considerando que ler é "[...] a forma como se interpreta um conjunto de informações presentes em um livro, ou em uma notícia de jornal, ou em um determinado acontecimento" (GIRALDES,2017).

Consultei[10], utilizando as palavras-chave: "Escola Primária", no arquivo permanente do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", base de dados da Biblioteca, localizei, selecionei, sistematizei os textos/e referências de textos em que os temas estavam relacionados à escola "Coronel Francisco Orlando" e em que há ênfases em aspectos diversos como: patrono, trajetória da escola, ensino primário e secundário, educação de sem-terra, gênero, magistério e escolas isoladas.

Contudo, vasculhei manuscritos, livros do museu, arquivos da Prefeitura Municipal de Orlândia, Museu de Orlândia, fotos, Fórum, Câmara Municipal de Orlândia, estatísticas de exames, listas de nomes, pequenas anotações que expressam as decisões dos diretores e professores e outros registros, com aspectos dos mais velhos, que é uma história viva, o sentimento que permanecerá na escola.

Com isso, constatei que há ausência de estudos sobre a Instituição de Educação "Coronel Francisco Orlando" Grupo Escolar do Estado de São Paulo e a maioria dos estudos consistem na busca de compreensão de aspectos relacionados à Escola Municipal da cidade do estado de São Paulo. Desses textos, constituíram, principalmente o *corpus* da investigação os seguintes: jornais, fontes localizadas no arquivo permanente da instituição (grande parte) e fontes

---

[9] Há duas maneiras de se referir a essas pesquisas, a saber, "Instituição Escolar" e "Instituição Educativa" "[...] entende-se instituição escolar em um sentido estrito e instituição educativa em um sentido amplo, como, por exemplo, igrejas, clubes, presídios, sindicatos, partidos políticos etc." (SANFELICE, 2007, p. 76).

[10] Atualmente, as pesquisas realizadas no âmbito desse grupo, estão articuladas em um dos seguintes eixos de investigação: "História das instituições educativas"; "História da cultura material escolar" e "História das ideias pedagógicas articuladas à divulgação de práticas e saberes". A pesquisa desenvolvida está diretamente relacionada ao primeiro eixo mencionado.

[11] *Corpus* documental consiste em: "Conjunto de fontes ou documentos constituídos pelo historiador para a realização do seu trabalho de análise histórica, de compreensão de uma determinada sociedade do passado através de certo problema, ou de comprovação de informações que deverão constar da sua síntese histórica" (BARROS, 2007, p. 195).

impressas, localizadas com ex-professores e ex-alunos da instituição (uma). Dessa forma, as fontes mais utilizadas consistiram em fontes do arquivo permanente da instituição.

Ressalta-se que, com base nos estudos sobre Instituições Escolares, por meio é importante considerar a cultura de cada instituição a fim de buscar a identidade, realizando uma pesquisa com abordagem histórica que se inicie na própria instituição. Assim, no caso da pesquisa, utilizei as fontes primárias do arquivo permanente do local pesquisado, vem trazer esse quadro para pautar afirmações sobre o Grupo Escolar.

As fontes localizadas foram às seguintes: atas, diplomas, certificados, inscrições, livros caixa, livros ponto pessoal dos professores, livros de chamada, atestado de frequência, livros de matrícula, recibos de transferências, papeletas de notas, exames, dicionários, enciclopédias, dicionários, entre outras, utilizadas para compor uma tabela de sistematização; conforme o quadro 1:

Quadro 1- Material Coletados no Grupo Escolar

TIPO DE TEXTO	**QUANTIDADE DE REFERÊNCIAS**
Atas	**50**
Diplomas	**50**
Livros Caixa	**1**
Livros de Ponto Pessoal	**100**
Atestado de Freqüência	**50**
Livro de Matrícula	**50**
Total	**301**

(Criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Dentre essas fontes que mencionei, no Quadro 1 foram selecionadas para a pesquisa, portanto passaram a constituir o *corpus* documental da investigação as seguintes: em atas, exames realizados pelos alunos, livros de correspondência, livro de compromisso, registro de frequências, inventário, livros de matrícula e planta do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”. Além dessas fontes, utilizei e selecionei do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, as atuais e da década de 1930.

Posteriormente, localizei, identifiquei, reuni sistematizei e analisei um conjunto da legislação educacional orientadora e normatizadora dessa instituição. Para isso, consultei o *site* da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, mediante busca das seguintes palavras-chave: “Coronel Francisco Orlando”. A partir disso, foram selecionadas todas as informações entre 1914 a 1946.

Busquei também ampliar a utilização da imprensa na pesquisa. Para tanto, utilizei o jornal "*O jornal de Orlândia*" nos anos de 1935 a 1947.

Busquei localizar textos do jornal orlandino, nos meses de dezembro de 1935, a janeiro, abril, junho, setembro e outubro de 1946. Destaca-se que esse jornal foi escolhido pelo fato de ser o "único" jornal que localizei e os meses foram escolhidos, considerando a possibilidade de localizar textos sobre datas comemorativas tais como: formatura, aniversário da instituição, festa junina, dia da independência, aniversário da cidade e dia do professor.

Assim, busquei como fontes os textos do jornal "*O jornal de Orlândia*", com aspectos de funcionamento da primeira escola primária "Coronel Francisco Orlando" (1935 a 1946). É importante considerar que nesse tipo de trabalho, em que se valoriza a cultura, o contexto é importante, mas segundo é essencial para o pesquisador pautar da instituição para realização das suas pesquisas.

Outra forma de realização da pesquisa sobre a Instituição Escolar é valorizar o impresso, destacando a relação do geral com o particular a fim de buscar a totalidade da Instituição Escolar, ou seja, os pesquisadores partem da sociedade para posteriormente, relacionarem com a escola; ressaltando os aspectos significativos da própria instituição.

Dos autores que trabalham com o tema Instituições Escolares, temas que centram a atenção sobre impressos, destinados à formação de professores, constituem, em uma área de relevância para a historiografia, enfatizando sua produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos pelos destinatários. Seus aspectos são ressaltados pela História Cultural proposta por Roger Chartier e problematizada por Marta Carvalho, no artigo "Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos", publicado em 1998.

A autora ressalta a importância do uso dos impressos como fonte de estudos em educação, tendo em vista que a investigação dos impressos de destinação pedagógica e seus usos escolares dão suporte para a história cultural dos saberes pedagógicos, interessada na materialidade dos processos de difusão e imposição de saberes e na materialidade das práticas que deles se apropriam.

No campo sobre as Instituições Escolares há diante de tal questão, sabendo que perguntas formuladas, como um eixo determinante na produção do conhecimento histórico, "terão respostas diferentes conforme a perspectiva teórica em que se coloca o historiador" (SAVIANI, 2008, p. 2) − um quadro de questões se abre para fins de investigação, como

também as pesquisas centradas na valorização da preservação do patrimônio escolar e a preservação do arquivo permanente da instituição.

A partir disso, considerando que na pesquisa documental realizada, não foram localizados textos que o seguinte problema de investigação:

A) Quais aspectos identificados no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" dialogam com o cenário político social e a educação na época?

B) Quais os aspectos da instalação, e os aspectos arquitetônicos do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"?

C)Quem eram os sujeitos dessa instituição?

D) Qual o conjunto de saberes que constituiu as disciplinas do currículo primário?

Com relação a esse último questionamento, destaca que vislumbrei a possibilidade de identificar aspectos sobre a formação dos professores e em busca da preservação do patrimônio escolar e do seu acervo como se fosse possível um melhor entendimento do papel social e da responsabilidade dessa escola primária na comunidade na qual se insere.

Com isso, os objetivos da pesquisa consistiram em reunir e analisar aspectos históricos do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" da cidade de Orlândia-SP entre 1914 e 1946, período de funcionamento do ensino primário. Ainda foram objetivos específicos: Reunir especificamente aspectos da instalação desse instituto, e aspectos das vivências dos sujeitos na instituição. Dar existência material e referenciar as fontes primárias relacionadas ao Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", organizando-as em informações de pesquisa.

A fim de buscar a realização desses objetivos, como procedimento metodológico deliniei, como primeira etapa da pesquisa, localizar, identificar, reunir, selecionar, sistematizar e analisei fontes documentais relacionadas ao Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando". Ainda, os pesquisadores afirmam que as investigações no interior das instituições educacionais devem acontecer mediante a apreensão de aspectos que lhes conferem um sentido e identidade, de um cenário que fizeram ou ainda fazem parte, mesmo que as instituições tenham se transformado no decorrer dos anos.

Dentre tais fontes, os quais destacaram os impressos, podem ser examinados como estratégias editoriais, porque os discursos normativos contribuem para implantar e justificar as

medidas do reformador e, além disso, trazem as regras de usos dos impressos pelos destinatários.

Segundo Carvalho (1998, p. 34) ênfase na materialidade das práticas, dos objetos e de seus usos pode ser mais bem aquilatada na reconfiguração historiográfica pela observação que Chartier fez de uma questão proposta por Bourdieu:

> [...] o que é que as pessoas fazem com modelos que lhes são impostos ou com os objetos que lhe são distribuídos. É nesse sentido que o referencial proposto por Chartier visa ao estudo da "arqueologia dos objetos em sua materialidade. Esse procedimento implica tratar o impresso analisado como objeto cultural e discernir, na sua materialidade, as marcas de sua produção, circulação e usos. Dessa maneira, os impressos de destinação pedagógica podem ser analisados da perspectiva de sua produção e distribuição, como produto de estratégias editoriais em correspondência com os usos que modelarmente lhe são prescritos e, em acréscimo, é possível analisá-los como dispositivo de normatização pedagógica e como suporte material das práticas pedagógicas.

Assim, é importante contextualizar a análise dos usos dos impressos em situações determinadas, lembrando novamente que, conforme Chartier *apud* Carvalho (1998, p. 16) "a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler".

> [...] análise de situações específicas, como por exemplo, as delimitadas por iniciativas circunscritas de reforma escolar podem pôr em evidência a complexidade das relações entre as concepções pedagógicas e estratégias editoriais. Na situação de uma reforma educacional, a relação entre pedagogia como discurso normativo e usos do impresso é explicada pelas inúmeras justificativas que o reformador apresenta de suas iniciativas. Tal explicação é importante, pois nela se configuram representações sobre as relações ensino/aprendizagem que funcionam como regras que regem o uso que a Reforma faz do impresso, pondo-o em circulação. Regras que também prescrevem usos do impresso para destinatários visados. Com isso vêm à tona questões cruciais, relativas a representações sobre a prática docente e sobre o papel do professor como usuário do impresso, seja este material destinado ao aluno ou ao professor. Pondo em cena essa interpelação entre usos do impresso e modalidades de concepção e intervenção pedagógica que regem as estratégias de difusão, imposição e apropriação dos saberes pedagógicos (CARVALHO, 1998, p. 37).

A análise dos impressos de destinação pedagógica contribui para a recuperação de aspectos da História da Educação Brasileira, visto que possibilitam uma leitura que revelam as transformações políticas e culturais emergentes em determinados momentos e locais e as tendências pedagógicas que formavam o professor.

É importante considerar o mencionado por Farge (2009, p. 13): “O impresso é um texto dirigido intencionalmente ao público. É organizado para ser lido e compreendido por um grande número de pessoas; busca divulgar e criar um pensamento, modificar um estado de coisas a partir de uma história ou de uma reflexão”.

Há necessidade de pesquisas sobre Instituições Escolares em que há o cruzamento das fontes internas e externas da instituição com a legislação, a fim de recuperar aspectos reconstituir reais indícios das histórias dessas instituições. Dessa forma, essas pesquisas com abordagem histórica devem ser realizadas como “[...] história problematizam, integrando as dimensões normativas e teóricas e as práticas educativas, focalizada na relação entre cada instituição educativa [...]” (MAGALHÃES, 2004, p. 152).

É importante destacar que as pesquisas sobre Instituições Educativas apresentem os conflitos da instituição e não apenas as grandes conquistas, buscando a análise e não apenas a arrumação temporal. As fontes que selecionei, são as fontes contidas no arquivo permanente ao Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, as figuras, os textos publicados nos jornais orlandinos relacionados ao Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, foram considerados *corpus* documental[11] privilegiado da pesquisa para se realizar a análise, de modo a constituir aspectos da história do ensino primário do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” da cidade de Orlândia-SP entre 1914 a 1946.

Dentre as dificuldades que enfrentei no decorrer da pesquisa, destaco as relacionadas às fontes primárias, considerando a desorganização do acervo do Grupo de Escolar “Coronel Francisco Orlando” e as letras contidas nas fontes desse acervo, pois por serem manuscritas, em determinados momentos encontrei dificuldades em compreende-las.

Com base em Diniz (2012, p. 18). Quando se realiza estudos com base na Historia Cultural:

> [...] utiliza-se da cultura, enquanto construção social, como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo a partir da análise de fontes variadas, representações, simbolismos, mentalidades, práticas, atribuindo assim sentido à realidade de uma determinada comunidade historicamente datada e localizada.

Segundo Souza (2014, p.5) em cada instituição há uma cultura o que ressalta a sua singularidade de cada instituição e a existência de culturas escolares.

Assim, olhar a escola pelas lentes da cultura escolar permite não apenas ampliar nosso entendimento sobre o funcionamento interno da instituição como nos provoca a rever as relações estabelecidas historicamente entre escola, sociedade e cultura [...] Nessa medida, a cultura escolar não deixa de ser uma importante ferramenta teórica para explorar o passado e o presente da escola na sua relação com a sociedade e a cultura, no jogo tenso das lutas de poder que perpassam o escolar e expressam nele as contradições sociais. (VIDAL, 2006, p. 39).

A partir do que foi apresentado, organizei esta dissertação em seções. Além desta introdutória, Na seção 2, apresento aspectos históricos da Educação no Brasil entre 1914 a 1946, até a Escola Nova; na seção 3, apresento um olhar sobre Orlândia, os aspectos históricos, sociais e econômicos do município de Orlândia; na seção 4 foram analisados os aspectos arquitetônicos do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"; na seção 5, apresento algumas análises dos relatórios de ensino do Grupo Escolar Coronel Orlando e também das festividades dos membros do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

Como referências foram buscadas pesquisas a respeito da educação, bem como trabalhos relacionados a outras escolas profissionais. Para o delineamento histórico da cidade e região, os levantamentos demográficos, agrícolas e outros efetuados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foram um importante suporte.

Após as considerações finais, apresento as referências dos textos citados, as fontes utilizadas e os locais consultados. Portanto, dentro do recorte temporal de 1914 a 1946 foram encontrados jornais (Cidade de Orlândia). Apesar das publicações dos jornais e uma edição comemorativa do jornal Folha de Orlândia e Imparcial não pertencerem ao período cronológico citado, foram encontradas notícias relativas ao período citado. A fonte que localizei no arquivo permanente e na biblioteca do prédio em que funcionou o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" no período entre 1914 a 1946. Trago em Apêndice "A e B" os relatórios dos *Annuários de Ensino do estado de São Paulo*, por fim, apresento os materiais contidos nos espaços internos do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL ENTRE 1914 A 1946

> *Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre é uma tarefa, uma paciente reconstrução.*
> *Marilena Chauí.*

Nesta seção[12], será abordada a organização do ensino no período de funcionamento do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando". Após isso, serão apresentados aspectos sobre a instalação dessa escola relacionando com os Grupos Escolares do estado de São Paulo e finalizando, com os aspectos da Escola Nova no Estado de São Paulo. Serão apresentadas, algumas transformações ocorridas entre os períodos de 1914 a 1946.

A partir de 1947, o Curso Primário que poderia ser ministrado nas escolas isoladas, grupos escolares, cursos anexos às Escolas Normais e o Ensino Primário dos Institutos de Educação passou a ter a duração de quatro ou de cinco anos (SÃO PAULO, 1947).

O Curso Primário era composto com no mínimo quatro séries anuais, sendo que quando não houvesse o Ginásio Oficial na cidade, o Ensino Primário poderia estender-se para a 5.ª e 6.ª série, ou seja, poderia ser estendido por mais dois anos (SÃO PAULO, 1968a):

- O ensino Pré-Primário poderia ser ministrado em escolas maternais, jardins de infância e o Ensino Primário dos Institutos de Educação, sendo que, essas escolas eram locais de observações para os professorandos, os alunos do Curso de Aperfeiçoamento e do Curso Normal realizavam seus estágios obrigatórios (SÃO PAULO, 1947).
- O Ensino Primário dos Institutos de Educação era:

> [...] de caráter acentuadamente experimental [...] [objetivava] ministrar educação primária a alunos de ambos os sexos, ao mesmo tempo, favorecer para os alunos do Curso de Formação dos Professores Primários, a

[12] A partir desta seção, intencionalmente, redigirei o texto, na pessoa impessoal nas apresentações da pesquisa (ANEXO A)

> observação, a experimentação e a prática de métodos e processos de ensino. (SÃO PAULO, 1947).

Os professores dos cursos Pré-Primários e Primários consistiam em professores que tivessem "aptidão" para essa educação e "[...] estudos especiais da matéria, indicadas pelo diretor do Instituto de Educação dentre professores do quadro do magistério primário" (SÃO PAULO, 1947).

Em 1971, na legislação educacional o Ensino Primário passaria a ter duração de oito anos e seria denominado de ensino de 1.º grau e o Ensino Médio passaria a ser denominado de ensino de Segundo Grau Completo. Nesse primeiro grau estariam crianças a partir dos sete anos de idade (BRASIL, 1971). Todavia, no GE "Coronel Francisco Orlando", desde ano de 1930, a idade mínima para ingressar ao curso de grau médio[13] era de 11 anos completos ou a completar até o final do ano letivo e era necessária a aprovação no exame de admissão (SETTE, 1968).

O Ensino Normal também era considerado de grau médio e em cada ciclo dos cursos desse grau haveria "[...] disciplinas e práticas educativas obrigatórias e optativas, sendo o currículo das duas primeiras séries do primeiro ciclo, comum a todos os cursos do ensino médio [...]" (SETTE, 1968, p16.).

O Grupo Escolar era ministrado em dois modelos, a mesma orientação prevaleceu, no que se refere ao ensino normal, com a aprovação em âmbito nacional do decreto-lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946).Na nova estrutura, o curso normal, em simetria com os demais cursos de nível secundário, foi dividido em dois ciclos: o primeiro correspondia ao ciclo ginasial do curso secundário e tinha duração de quatro anos.

O segundo ciclo, com a duração de três anos, correspondia ao ciclo colegial do curso secundário. Seu objetivo era formar os professores do ensino primário e funcionaria em Escolas Normais e nos institutos de educação.

> [...] os estabelecimentos de ensino normal [...] [manteriam] obrigatoriamente um curso primário de aplicação anexo, que, além de ministrar educação de grau primário, [...] [serviria] como campo de experiência e de aplicação de técnicas didáticas, para os alunos-mestres. (SÃO PAULO, 1968a, p. 6-7).

Dessa forma, o Grupo Escolar, deveria:

- I-formar professores, orientadores, supervisores e administradores escolares, destinados ao ensino primário;

[13] O objetivo desse ciclo era a "[...] formação profissional imediata ou mediata, preparando-o para os cursos de nível superior." (SÃO PAULO, 1968b, [p. 5]).

- II - aperfeiçoar a formação do professor primário e ensejar a sua especialização para o ensino pré-primário e o de excepcionais;
- III - desenvolver e difundir conhecimentos de técnicas relativas à educação da infância. (SÃO PAULO, 1968a, [p. 6]).

Em suma, nas Escolas Normais havia:

- Curso de formação profissional do professor primário, com duração de dois anos;
- Curso Secundário fundamental de preparação para o Curso Profissional, com duração de cinco anos; e
- Ensino Primário com duração de quatro anos.

No ciclo colegial também havia o Colégio Secundário em que poderia haver uma ou mais orientações básicas, a saber: eclética, clássica ou científica. Na terceira série do colégio, havia a preocupação em preparar os alunos para os Cursos Superiores (SÃO PAULO, 1968).

Dessa forma, a educação secundária poderia ser ministrada em Ginásios, colégios e o Ensino Primário dos Institutos de Educação e o Ensino Normal poderia ser ministrado em Escolas Normais (SÃO PAULO, 1947).

A fim de normatizar o funcionamento de estabelecimentos de Ensino Primário e Médio, a partir de 1963, houve a criação do Conselho Estadual de Educação. Esse conselho deveria ser constituído de "[...] (vinte e quatro) membros nomeados pelo Governador do Estado e escolhidos dentre pessoas de notório saber e experiência em matéria de educação [...]" (SÃO PAULO, 1967, não paginado). A partir disso, os Cursos dos Grupos Escolares seriam regulamentados por esse conselho (SÃO PAULO, 1968a).

No Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" não havia o Ensino Superior, mas havia o Ensino Pré-Primário, A partir de, em funcionamento do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ocorreu em 3 de outubro de 1910, como é possível constatar pelo decreto-lei-Federal n. 136 em 1910. "Fazendo uma doação de terreno para a construção do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", fica decretado para a construção do prédio para o Grupo Escolar" (SÃO PAULO, 1910).

Ao ser construído o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", essa instituição, funcionaria com as instalações precárias e além do Curso Colegial Clássico, passaria a abranger os seguintes cursos:

I - Curso Normal, de 3 (três) anos, destinado à formação de professores primários e pré-primários;

II - Curso Secundário (Ginasial), 1.º ciclo, de 4 (quatro) anos, com organização e finalidades estabelecidas pela legislação federal;

III - Curso Primário, de 5 (cinco) anos, subdividido em curso primário comum de 4 (quatro) anos, e complementar de 1 (um) ano;

IV - Curso Pré-Primário (Jardim da Infância) de 3 (três) anos.

[...] [com duração de dois anos, havia os seguintes cursos]

Assim, os Institutos de Educação poderiam ser compostos da Escola de Professores, da Escola Secundária, da Escola Primária e do Jardim da Infância.

A educação tradicional manteve-se durante este período como consequência do modelo socioeconômico tão pouco alterado com o advento da República.

Nas palavras de Azevedo (1953, p.134):

> Do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança do regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação radical no sistema de ensino para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias às novas instituições democráticas.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um surto de nacionalismo conquistou boa parte dos intelectuais brasileiros, o que refletiu em novos parâmetros que objetivaram o desenvolvimento do país e da educação. Assim, no final da década de 1910 o Brasil foi marcado por um relativo crescimento industrial e urbanização da sociedade, o que significou novas pressões em favor da escolarização (SILVA, 2014).

É nesse contexto que se tem o que Nagle (1886) denominou “o entusiasmo pela educação”, o que fez surgir “ligas contra o analfabetismo” como meio de divulgação de suas pretensões. Dentre estas estão: Liga de Defesa Nacional (1916) e Liga Nacionalista do Brasil (1917), ambas fundadas por intelectuais, médicos e indústrias com o intuito de erradicar o analfabetismo.

O objetivo dessas ligas era na verdade, o aumento do contingente eleitoral (o voto do analfabeto era proibido). Os líderes dessas ligas entendiam que o analfabetismo contribuía para a perpetuação das oligarquias. Assim sendo, esse movimento foi fomentado por intelectuais ligados à nascente burguesia e pela classe média urbana (SILVA, 2014).

Em face dessa conjuntura sociopolítica, Ribeiro (1993, p.18), menciona que:

> Concretamente, houve certa ampliação no ensino secundário, mas ela só ocorreu no ensino particular. No ensino público houve um pequeno aumento no pessoal docente e uma diminuição nas escolas e matrículas. A elite governante, tendo conhecimento do baixo nível das escolas oficiais e

> desejando que seus filhos estudassem em níveis elevados, incentivava as escolas particulares. Numa sociedade agrícola onde os meios de produção eram elementares, só a elite dominante necessitava ser letrada. O governo não se interessava em ampliar a rede secundária, pois a economia não exigia nível médio. A elite, tendo o poder aquisitivo nas mãos, matriculava seus filhos nas escolas particulares, com finalidade de que atingissem o nível superior para serem os futuros administradores do país. Sendo assim, a estrutura educacional não foi alterada neste período.

Considerando essa conjuntura social, Meirelles (2013, p.1) ressalta que:

> A idéia de uma Educação para todos só ganhou força na década de 1920. Nesse período, se destacaram os pioneiros da Escola Nova – Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974), Lourenço Filho (1897- 1970) e outros –, que defendiam a escola pública e laica, igualitária e sem privilégios.

É importante salientar que na década de 1920 houve um declínio das oligarquias, com um impulso à industrialização, o que fortaleceu a classe burguesa. Com a queda da oligarquia e a ascensão da burguesia industrial, diversos movimentos (a saber: as revoluções, o Tenentismo, o Partido Comunista, a Semana de Arte Moderna, as linhas de pensamento filosófico dos escolanovistas e dos católicos) passaram a ser incorporados à educação, influenciando toda a organização escolar neste período (RIBEIRO, 1993).

No Curso do Ensino Primário, o número mínimo de alunos era 20 e nos demais cursos do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” era de 22 alunos (GE “CORONEL FRANSCISCO ORLANDO”, 1922). Somente dois alunos concluíram os estudos do curso preliminar, sendo dois meninos 2° ano e uma menina dos 4.°ano do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”. O ano letivo terminou em 15 de dezembro de 1915.

Na década seguinte a essas reformas, o Brasil presenciou o conflito entre dois grupos de classe dominante: a oligarquia cafeeira e a burguesia industrial. Esse conflito culminou com o fim da República Velha e a tomada do poder por Getúlio Vargas, caracterizando a queda do setor agrário, comercial e exportador brasileiro (RIBEIRO, 1993).

No ano de 1930, o Brasil entra no modelo capitalista de produção a partir de investimentos realizados no mercado interno e na produção industrial. Em face dessa conjuntura, surgiu a necessidade de uma mão-de-obra especializada e para tal era preciso investir na educação.

Foi então, que no ano de 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sancionou decretos organizando o ensino secundário e as

universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes Decretos ficaram conhecidos como "Reforma Francisco Campos" (SILVA, 2014).

Sobre esse momento histórico, Ribeiro (1993, p.21) menciona:

> Em 1930, é criado o Ministério da Educação e Saúde, cuja pasta é ocupada por Francisco Campos. A reforma do secundário teve o mérito de dar-lhe organicidade, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental de cinco anos e outro complementar de dois anos, e a exigência de habilitação neles para ingresso no curso superior.

Em 1920, os professores e administradores do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” faziam uma “revolução pedagógica”, em que foi feito um levantamento que registrou 75% de analfabetos na população de até 15 anos e 65% na população acima dessa faixa. Assim com base na Reforma da Escola Nova, a infância deixava de ser considerada uma etapa transitória; em 1925 a reforma de João Luís Alves redefiniu a finalidade do curso secundário, dava-lhe autonomia, reformulou o ensino técnico-profissional.

Na Constituição de 1934, observa-se a existência de um capítulo dedicado à Educação, atribuindo à União, a competência privativa de traçar as diretrizes educacionais do país. Nesse período são criados os Conselhos Nacional e Estaduais de Educação, ocorre a determinação de um mínimo de verbas a serem aplicadas para o ensino e tem-se o reconhecimento da Educação como direito de todos a obrigatoriedade do ensino primário, bem como a assistência social e bolsas de estudo aos alunos (RIBEIRO, 1993).

Nesse contexto, congressos, seminários e conferências foram realizados (CURY, 1986). Para Ribeiro (1993, p. 21):

> As divergências na área de educação, porém, são apenas parte do conflito de ideias que acirravam os ânimos das facções da classe dominante que procurava seus próprios interesses. Podemos dizer que num determinado ponto, confunde-se as reivindicações educacionais com interesses políticos. Getúlio Vargas vai aproveitar muito bem este antagonismo para solidificar- se no poder, a partir do que, procura atender tanto um quanto outro grupo

Ribeiro (1993) ressalta que ao se fazer uma análise do texto da Constituição de 1934 muitos pontos contraditórios possam ser observados, uma vez que as diretrizes estabelecidas davam margem a interpretações dúbias devido à falta de clareza e objetividade.

Esse clima ideologicamente rico em debates durou apenas até 1937, quando foi instituído o Estado Novo por Getúlio Vargas, um período marcado por forte ditadura com repressão aos cidadãos e com o Estado de Sítio:

> O interesse da Carta de 1937 não era obrigar o Estado a dar uma educação geral e gratuita para a população. Pelo contrário, a intenção era manter esse dualismo: Os ricos estudariam nos sistemas públicos ou privados e os pobres, sem acesso a esses sistemas, estudariam nas escolas profissionalizantes. Assim, o artigo 129 prevê como primeiro dever do Estado à sustentação do ensino pré-vocacional e profissionalizante destinado às classes mais baixas (SILVA, 2014, p.1).

Esta fase foi caracterizada pelos reflexos da crise do café, pelo processo de urbanização e intensa repressão às manifestações populares. A influência dos escolanovistas foi marcante e a ação de educadores como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, trouxe para a realidade educacional brasileira, ideias e técnicas pedagógicas dos Estados Unidos, representadas pela filosofia educacional de John Dewey. Todavia, a realidade brasileira era totalmente adversa à realidade americana ou europeia (RIBEIRO, 1993).

Durante o Estado Novo, com o aumento das verbas destinadas à Educação, houve uma tentativa de se traçar uma política educacional de âmbito nacional. Sobre essa questão, Ribeiro (1993, p.23) menciona que:

> Criaram-se órgãos como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937), o Instituto Nacional do Cinema Educativo (1937), o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938) e o Serviço Nacional de Rádio fusão Educativa (1939). Com o desenvolvimento industrial, havia a necessidade de uma formação mínima ao operariado, e de maneira rápida e prática. Assim foi criado o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – através do Decreto-Lei no 4.048, de 22 de janeiro de 1942, com finalidade de ministrar um sistema de ensino paralelo ao sistema oficial. O SENAI era dirigido pela Confederação Nacional das Indústrias e mantido pelas contribuições das empresas a ela filiadas.

No ano de 1942, tem-se a Reforma Capanema, cuja ideologia era voltada para o patriotismo e o nacionalismo, difundindo disciplina e ordem através dos cursos de moral e civismo e de educação militar para os alunos do sexo masculino nas escolas secundárias (SILVA, 2014).

O ano de 1947 é delimitado como o marco temporal dessa pesquisa, pois como a publicação em Decreto n. 17.698, de 26 de novembro de 1947, foi aprovada a consolidação das Leis de Ensino do Estado de São Paulo, a partir da qual a escolarização foi dividida em duas modalidades diferentes: primária e a rural (SILVA, 2014).

A primária era oferecida nos grupos escolares, nas escolas isoladas, nos cursos primários anexos as escolas normais, no curso primário, de cinco anos, subdividindo em primário comum de quatro anos e complementar em um ano, do Instituto de Educação

"Caetano de Campos" nos cursos populares noturnos. A escolarização rural era oferecida nas escolas normais, com cursos especiais intensivos, destinados aos professores, com ou sem função no magistério oficial. Nesse sentido, no que tange a termos legislativos, conforme aponta Ribeiro (1993, p.23):

> O ensino secundário passou a ser ministrado em dois ciclos de quatro e três anos. Os primeiros quatro anos correspondiam ao curso ginasial e os três últimos ao curso colegial, que apresentava duas opções: o clássico e o científico. O ensino continuou a ter caráter humanístico, enciclopédico e aristocrático, e os cursos clássicos e científicos não apresentavam diferenças substanciais, a ponto de serem consideradas opções diferentes. Havia ainda o ensino industrial e o comercial.

Contudo, as reformas educacionais desse período não apresentaram mudanças essenciais em relação à reforma de Francisco Campos. No caso da Reforma Capanema, esta representou uma simples reafirmação de muitos pontos da reforma de Francisco Campos e um recuo a alguns dos princípios proclamados pelo Manifesto dos Pioneiros (RIBEIRO, 1993).

Sobre os decretos sancionados nesse período, Silva (2014) destaca o Decreto-lei n. 4.073, de 30 de janeiro de 1942 (que organizou o ensino industrial); Decreto-lei n. 4.048, de 22 de janeiro de 1942 (que instituiu o SENAI); Decreto-lei n.4.244 de 9 de abril de 1942 (que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginasial, com quatro anos, e o colegial, com três anos); e o Decreto-lei n.6.141, de 28 de dezembro de 1943 (que reformou o ensino comercial).

Em relação ao contexto social desse período, no ano de 1945, Getúlio Vargas é derrubado do poder e o Brasil passa por um período democrático, quando eleições livres são realizadas e o general Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República.

De acordo com Ribeiro (1993, p.24):

> Neste período, o ensino primário, que desde 1827, com a reforma de Cunha Barbosa, não recebia atenção do Governo Federal, sofreu uma reestruturação através de decreto-lei chamado Lei Orgânica do Ensino Primário, que "renovava" aqueles princípios estabelecidos pelos pioneiros no seu manifesto de 1932. Também o Ensino Normal, que até então era alçada dos estados, foi centralizado através da Lei Orgânica do Ensino Normal.

Em 1946, já no fim do Estado Novo e durante o Governo Provisório, a Lei Orgânica do Ensino Primário organizou esse nível de ensino com diretrizes gerais, que continuou a ser de responsabilidade dos estados (Decreto-lei n. 8.529, de 02 de janeiro de 1946). Quanto ao ensino primário supletivo (com duração de dois anos), passou a se destinar aos adolescentes a partir dos 13 anos e adultos. A legislação de ensino organizou também o ensino normal

(Decreto-lei 8.530, de 02 de janeiro de 1946) e o ensino agrícola (Decreto-lei n. 9.613 de 20 de agosto de 1946), criando o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) (Decreto-lei n 8.621 e 8.622, de 10 de janeiro de 1946) (SILVA, 2014).

Nesse contexto foi instalado o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", em momento em que a cidade estava pouco alfabetizada, sendo necessário que se buscassem a realização de ações educacionais. A possibilidade de trabalhar empiricamente a história da educação local, que significa a possibilidade de avançar na especificidade da educação regional, nos levaria, inevitavelmente, a iniciar a construção de um conhecimento histórico da educação que é singular (local/regional), mas que também é parte integrante do nacional/do todo.

Marx (2002) compreende que a forma como os homens produzem a sociedade depende, em primeiro lugar, da natureza, isto é, dos meios de existência já elaborados e que lhes é necessário reproduzirem. No entanto não devemos considerar o modo de produção apresentado desse único ponto de vista, ou seja, enquanto mera reprodução da existência física dos indivíduos.

As formas como os indivíduos manifestam sua vida reflete muito exatamente aquilo que são, e o que são, coincide com a sua produção − tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem aquilo de que os indivíduos dependem, isto é, das condições materiais da sua produção.

Para isso, importava à criação de uma instituição cujo eixo central era a formação de professores, considerando a prática possibilitada pela vivência em uma escola anexa ao próprio instituto. Portanto, era necessário um Instituto de Educação na cidade de Orlândia-SP e para a sua instalação foi escolhido o Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando, ou seja, uma instituição em que formasse à população.

Havia somente mais uma instituição (particular) que realizava a formação mencionada, o que demonstra ainda mais a importância do Grupo Escolar na cidade, que além de continuar com o Curso Colegial, Normal e com a Escola Primária anexa, passaria a ter cursos relacionados à formação continuada dos professores.

2.1 A Escola Nova no estado de São Paulo

No início da República no Brasil, dois modelos pedagógicos concorrentes configuram-se no Estado de São Paulo com o objetivo de apresentarem novos pressupostos ao saber pedagógico, pautados no saber experimental e científico (CARVALHO, 2011).

> A propaganda republicana desencadeada na década de 1870 amplia e qualifica a difusão desses modelos e alardeia que os termos dotrinômio Educação, República e Cidadania são indissociáveis. É no repertório de modelos pedagógicos assim constituídos que, proclamada a República em 1889, os primeiros governos paulistas vão buscar os elementos necessários para institucionalizar uma nova escola (CARVALHO, 2011, p.193).

Tendo como base esses pressupostos, tem-se o modelo escolar paulista instaurado nesse período histórico, caracterizado por Carvalho (2011, p.189) da seguinte forma:

> Na definição que propus desse modelo, o grupo escolar é a instituição que condensa e faz ver a modernidade pedagógica pretendida: o método "intuitivo", com suas "lições de coisas", é a peça fundamental na lógica que preside o processo de institucionalização de um sistema de ensino público; e, a Inspeção, dispositivo de modelagem cujo adequado funcionamento depende de sua articulação a uma pedagogia entendida como arte de ensinar. Da conjunção desses elementos, resulta o que chamo de modelo escolar paulista.

Em seu estudo sobre a denominada Moderno Escola Primária Paulista, Souza (2006) tece algumas considerações. A autora ressalta que as transformações da escola unitária ocorreram de forma lenta. Quanto aos programas de ensino primário instituídos no início da República, eles eram caracterizados por serem programas enciclopédicos, fragmentados em disciplinas, o que representou um entrave para a modernização pedagógica, ou seja, para a adoção dos novos métodos de ensino.

Nas palavras de Carvalho (2011, p.194):

> É com a Reforma Sampaio Dória, realizada em São Paulo, no início da década de 1920, que começam a aparecer os primeiros sinais de sua exaustão. O intento de expandir a escola, "nacionalizando" as populações operárias rebeldes à ordem republicana instaurada, trará à tona seus limites políticos, evidenciando seu caráter restritivo à universalização da escola popular [...] Na nova lógica, o analfabetismo é alçado ao estatuto de marca de inaptidão do país para o progresso. Erradicá-lo é a nova prioridade na hierarquia das providências de reforma na escola. É a extensão da escolarização a populações até então marginalizadas pelas políticas estatais é o objetivo principal.

Foi por influências desse impulso republicano de erradicar o analfabetismo, juntamente com o pressuposto de que o Estado é o responsável pela manutenção e o desenvolvimento da instrução pública, que ocorreu o aumento do número de escolas em São Paulo.

Conforme aponta Souza (2004), o processo de expansão da escola pública primária pode ser compreendido como elemento constitutivo da implantação da escola moderna em

São Paulo. Essa expansão foi contínua, contudo, muito aquém das necessidades da população em idade escolar.

Os pressupostos da Escola Nova representaram nas décadas de 1930 e 1940, uma inovação do ensino primário paulista com as propostas de renovação didática (escola ativa), de socialização da escola por meio da implementação das instituições auxiliares (bibliotecas, jornais infantis, associação de pais e mestres, caixas escolares, cooperativas, amigos da escola, etc.), e das práticas simbólicas voltadas para a construção da nacionalidade (a questão da nacionalização do ensino, festas escolares, dentre outras). Entretanto, a difusão da Escola Nova irá encontrar resistência na tendência tradicional representada, na década de 1930, hegemonicamente pela Igreja Católica (SAVIANI, 2005).

Com o regime republicano instaurado no Brasil, a escola passou a ser de responsabilidade do Estado (e não mais da Igreja), e passou a ter-se a preocupação em combater o analfabetismo e difundir os rudimentos da cultura (ler e calcular), sendo as classes divididas por idade, mediante disciplinas e submetidas à prática de exames (CARVALHO, 2011).

Nas primeiras décadas do século XX, o sistema escolar paulista de educação primária de forma geral, apresentava muitos aspectos considerados modernos para a época, tais como: instituições com organização administrativa e pedagógica mais complexa (o caso dos grupos escolares), a construção e manutenção de prédios pelos poderes públicos, programas de ensino ampliados, orientação técnica pelos inspetores, diversificação de materiais escolares, publicação de manuais didáticos e periódicos educacionais, dentre outros aspectos (D'ÁVILA, 2005, SOUZA, 2006, CARVALHO, 2011).

De acordo com D'Ávila (2005, p.225):

> Na pedagogia da Escola Nova, então, a prática pedagógica passa a ser regulada por atividades reais, ou melhor, cotidianas, e quase inteiramente conduzida pela capacidade que o aluno tenha em autodesenvolver. O método de ensino se resume à pesquisa, às possibilidades de elaboração de hipóteses que normalizam o caminho que o aluno deve percorrer para fazer descobertas. A mediação do professor é exercitada aqui mediante orientação das atividades didáticas. O seu papel é de orientação de estudos e não de imposição de conteúdos abstratos.

Entretanto, para além dessas considerações de aspecto positivo, o movimento da pedagogia moderna ficou aquém do esperado teoricamente. As escolas se ampliaram, mas a qualidade da educação não era condizente com essa ampliação. Observou-se a dicotomia de um ensino de qualidade para as elites e um ensino precário destinado às camadas populares.

No tocante às práticas docentes, conforme elucida Souza (2006, p.7):

> A própria expansão do número de escolas e vagas pode ser vista como outro traço da modernização, assim como as práticas simbólicas instituídas – as festas escolares, as comemorações cívicas e os rituais públicos dos exames finais [...] O mesmo não se pode dizer em relação à questão sobre *como ensinar*. Nesse campo, as disputas foram constantes e as propostas de modernização e inovação vieram em ondas sucessivas reivindicando primazia e reiterando promessas. As próprias práticas discursivas de renovação pedagógica tornaram-se constitutivas da cultura escolar primária.

Essas transformações refletiram sobre o Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando nos parâmetros a ser seguido para construção e funcionamento das escolas no estado de São Paulo, o que implicou em uma renovação educacional que buscou desestabilizar vários princípios sobre os quais se instaurara a recente tradição da escola primária. Compreender essas transformações é importante para a prática pedagógica contemporânea, pois permite auxiliar o educador a compreender os desafios da escola atual, principalmente no sentido de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem na escola pública.

2.2 Os Grupos escolares no estado de São Paulo

Os Grupos Escolares foram criados em contraposição à forma de organização do ensino no Período Imperial, as Escolas Isoladas, as quais não precisavam estar juntas a outras escolas para seu funcionamento. O rompimento com os modelos anteriores, aqueles considerados tradicionais, fazia parte da busca de um ensino com configuração moderna.

Como proposta, os Grupos Escolares surgem em substituição à pedagogia jesuíta do Período Imperial. As finalidades educativas passam a ser: ler escrever, e contar a formação científica, cívico-patriota e instrumental, introduzidas nos programas de ensino nos Grupos Escolares.

Os Grupos Escolares eram criados e mantidos pelo governo do Estado de São Paulo nos municípios que requeriam os seus estabelecimentos. A matrícula mínima para funcionamento de uma escola era de vinte e dois discentes e a média de freqüência de quinze alunos. A baixa freqüência dos alunos era um dos fatores para o fechamento da escola.

Na cidade a representação da instituição escolar neste período colocava o Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando em uma posição de destaque dentre as demais instituições sociais. O edifício escolar tornou-se uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao passo em que o identificava como um espaço próprio (SOUZA, 1998, p.123).

A ruptura com o modelo escolar anterior a partir da institucionalização da escola Primária é, de certo modo, a inovação. Burke (2008) ao relatar acerca de Cultura, tradição e educação, detém-se ao conceito de tradição. Para esse autor, no século XX, a tradição é entendida como patrimônio cultural. As inovações que se colocam com a institucionalização da escola primária, permitem a afirmação de que a escola moderna brasileira foi inventada neste período.

Do mesmo modo, a continuidade de elementos novos numa estrutura de aparentemente inovação. Assim, é possível afirmar que acontece em Orlândia-SP, com a implantação do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", a invenção da escola moderna, enquanto instituição social destinada ao ensino, essas invenções no plano arquitetônico, pedagógico e administrativo.

As materialidades da instituição educativa imprimiram os símbolos e códigos para a construção da cultura na escola moderna. Operam-se mudanças nas relações entre os indivíduos implicados na atividade educativa, como também na relação espaço-tempo escolar. Vale salientar, que as tarefas escolares obedeciam aos horários e se realizavam em seus espaços específicos de ensino, que concernem uma identidade própria ao estabelecimento de ensino.

Segundo Junqueira (1999) o Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” se encontra nessa tabela em transformação, em 4º. lugar pela cidade de Ribeirão Preto, em um total de 120 Grupos Escolares a serem instalado no estado de São Paulo, dentre esses, 10 foram instalados na capital desse estado e os demais no (interior),onde encontra-se o Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”.

No Quadro 2 é possível visualizar os Grupos Escolares criados em um período anterior ao do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”:

Quadro 2- Ordem de Criação e Transformações dos Grupos Escolares

ORDEM DE CRIAÇÃO/ TRANSFORMAÇÃO	CIDADE
1º.	São Paulo
2º.	Campinas
3º.	Bauru
4º.	Ribeirão Preto
5º.	São José RP
6º.	Botucatu
7º.	Itapetininga

Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Constata-se que além do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" situado em Ribeirão Preto em 1953, foi criado os Grupos Escolares nas seguintes cidades paulistas: Bauru, São José do Rio Preto, Botucatu, Itapetininga, Franca, Pirassununga e São Carlos. Os grupos escolares, conhecidos também como escolas graduadas, foram responsáveis por disseminar uma nova organização da instrução primária (SANTOS 2013).

No Brasil, os grupos escolares foram às principais instituições educacionais a difundirem o ensino por graduação. Conforme menciona Santos (2010, p.4), os grupos escolares "começaram a ser implantado no contexto brasileiro em 1893, quando foi inaugurado, no estado de São Paulo, o primeiro grupo escolar do país".

Esse novo modelo de organização escolar reunia as principais características da escola graduada, um modelo utilizado no final do século XIX em diversos países da Europa e nos Estados Unidos para possibilitar a implantação da educação popular (SANTOS, 2017).

Em relação à escola graduada, Souza (2004, p.114) destaca:

> A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor.

Observa-se assim, que a escola graduada se constituía, nas primeiras décadas republicanas, como o modelo de instituição educacional almejado pelos governantes brasileiros. Sobre essa premissa, Schuller, Sá e Ferro (2017, p.128) mencionam: "Tal centralidade se evidenciará em termos de interiorização e de expansão, inclusive com a atuação crescente de poderes locais e regionais no processo de escolarização".

O ensino primário era ministrado em quatro anos, com um programa enciclopédico a partir de matérias ministradas que proporcionavam uma educação integral (Educação, Física, Intelectual e Moral) (SOUZA, 2004, LAGE; SANTOS, 2015).

Conforme aponta Souza (2004, p.127); tal concepção [...]

> Reportava a uma clara concepção de ensino; educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho,

> honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívicos – patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade.

Para atingir tais objetivos utilizava-se o método intuitivo (que usava diversificados materiais didáticos, laboratórios e museus); também se exigia uma rígida disciplina dos alunos (assiduidade, asseio, ordem, obediência, etc.) e o tempo escolar passou a ser controlado através do calendário. Além disso, havia também práticas "ritualizadas" e "simbólicas", como os exames finais, as exposições escolares, as datas cívicas e as festas de encerramento do ano letivo (SOUZA, 2004, LAGE; SANTOS, 2015).

De acordo com Souza (2008, p. 114), a escola graduada:

> [...] fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor.

Observa-se assim, que o método simultâneo[12] veio em substituição ao método individual, constituindo-se como um elemento importante na organização da escola graduada, pois por meio deste método "o professor ensinava a mesma lição a todos os alunos com se fossem um só, sendo, para isso, necessário homogeneizar os grupos redistribuindo os alunos em graus e classes." (SILVA, 2008, p.1).

Conforme mencionam Lage; Santos (2015), os grupos escolares foram criados inicialmente no Estado de São Paulo em 1893, como uma proposta de reunião de escolas isoladas agrupadas segundo a proximidade entre elas.

As escolas graduadas no estado paulista tiveram seu processo de implementação decorrente de profundas transformações no ensino primário. Conforme elucida Souza (1998, p.31), acerca desse modelo escolar, partia-se "de uma escola de ler - escrever - contar para uma escola de educação integral com um programa enriquecido e enciclopédico; de uma escola de acesso restrito para uma de acesso obrigatório, generalizado e universalizado".

Um dos pontos interessantes nesta seção é a relação entre a memória que ficou dos

[12] O método intuitivo caracterizava-se como um método "concreto, racional e ativo, denominado 'ensino pelo aspecto', 'lição de coisas' ou 'ensino intuitivo'. O novo método pode ser sintetizado em dois termos: observar e trabalhar. Observar significa progredir da percepção para a ideia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. Trabalhar consiste em fazer do ensino e da educação na infância uma oportunidade para a realização de atividades concretas, similares àquelas da vida adulta. "Aliando a observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, tornando indissociável pensar e construir". (VALDEMARIN, 2001, pp. 158-159, grifos da autora).

grupos escolares e a identidade visual das escolas. Com a necessidade de registrar um novo momento para a escola primária brasileira, demonstra-se como a introdução de novas práticas determinou a distribuição dos espaços no interior dos prédios, além de alterar as atividades do professor e a hierarquização da direção nos grupos escolares.

Salienta-se que todas as modificações arquitetônicas introduzidas nos edifícios tinham a importante função de fixar a nova visão da escola primária trazida pelo regime republicano. Quanto ao Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", era recém-construído, seu material didático, também era novo, acabava de ser instalado em todas as salas e em outras dependências, de orientação do atual Diretor Afonso Sette; com: "tais condições passaram a funcionar com oito salas literalmente lotadas de alunos, de ambos os sexos, em sua maioria extinta das escolas rurais ou isolada".

Assim sendo, os modelos educacionais destinados à escola primária faziam parte da realidade urbana e "fundaram uma representação de ensino que não apenas regulou o comportamento, reencenando cotidianamente, de professores e alunos no interior das instituições escolares, como disseminou valores e normas sociais (e educacionais)" (VIDAL, 2006, p.9).

Em linhas gerais, os grupos escolares representaram um modelo de escola eficiente para a seleção e a formação das elites, uma vez que, a questão do ensino para as massas populares só esteve presente na reforma paulista de 1920 (SAVIANI, 2004; VIDAL, 2006, LAGE; SANTOS, 2015).

A escola graduada foi também responsável por gerar novos "dispositivos de racionalização administrativa e pedagógica", necessários para o desenvolvimento da sociedade capitalista, principalmente nos processos de urbanização e industrialização (LAGE; SANTOS, 2015).

Esse é o tema do livro: Templos da Civilização, no qual Souza (2006, p.24) analisa a estrutura e a forma da escola primária no estado de São Paulo pelo projeto educacional republicano. Através do conceito de representações culturais observados em Roger Chartier, Souza (2006, p24), reconstrói a institucionalização de um modelo que, através da introdução de diversas inovações na escola primária, marcou uma nova realidade no Brasil, ajudando a legitimar o recém-inaugurado regime republicano.

Destaco que, se referindo ao corpo docente do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, o Diretor Afonso Sette, que iniciou os trabalhos do Grupo Escolar de Orlândia, afirmou: “correspondeu as minhas expectativas, contribuindo com esmero aos alunos e aos pais.” Contudo, como consequência, não muito tarde existiu a necessidade do desdobramento das classes em dois períodos, para atender aos novos alunos matriculados em 1919 (GE - Ata,1920).

Conforme destaca Souza (2006, p.24): “os grupos escolares constituíram-se numa nova modalidade de escola primária, uma organização mais complexa, racional e moderna. Essa inovação significou profundas transformações na organização e na constituição dos sistemas estaduais de ensino público no país.”

Dessa forma a ideia de implantação dos grupos escolares difundiu-se para o restante do Brasil, fazendo parte da política de diversos presidentes (ou governadores) de Estados (LAGE; SANTOS, 2015).

A partir dos textos apresentados, é possível constatar que as pesquisas sobre os Grupos Escolares de Educação do estado de São Paulo apresentam aspectos diversos que permaneceram até dezembro de 1975 e que devido à Reforma do Ensino decorrente da lei 5.692/71, passaram a ser Escola Estadual de Segundo Grau Completo. Portanto, percebemos a relevância da pesquisa sobre este estabelecimento.

Na próxima seção, apresento aspectos históricos, sociais e econômicos do município de Orlândia, município que acolheu o Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, cujo modelo de organização educativa contribuiu para a história da escolarização e da cidade de Orlândia.

3 UM OLHAR SOBRE ORLÂNDIA

"Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis".
Italo Calvino

2.3 Aspectos Introdutórios do ensino de Orlândia

Nesta seção, por meio de jornais impressos, revistas educativas, e livros do período estudados analisamos a configuração e a escolarização do município de Orlândia, entre 1914 a 1946. Ao tomarmos os impressos como referência na construção da representação no início do século XX, é preciso estar consciente que expressam visões políticas, os interesses que defendiam e jamais fatos que os contrariassem.

Desse modo, surgiram alguns questionamentos: Qual era o cenário político, social e cultural da época nesta pequena cidade do interior paulista? Que sentido teria a escolarização nesse contexto? Procurando apresentar reflexões a respeito, torna-se necessário um rápido retrospecto quanto à trajetória desta cidade desde sua fundação.

O cenário educacional orlandino no recorte temporal delimitado nesta dissertação envolveu somente o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" por ser a primeira escola primária na cidade de Orlândia-SP, em que o início das atividades foi em um sábado dia 2 de maio de 1914. O Grupo Escolar de Orlândia-SP iniciou seu primeiro ano letivo com as classes existentes no Colégio.

No início a escola tinha apenas um período de funcionamento. Mas com o aumento de números de matrículas, os meninos tinham aulas no período da manhã, orientados pelos professores, como a esposa do diretor Professora Julieta Muller, enquanto as meninas tinham as aulas no período contrário, à tarde.

A escola desenvolveu as suas atividades durante oito décadas e continua a atender os jovens que pretendem enriquecer os seus conhecimentos e adquirir cultura.

Recuperar aspectos da história da escolarização de Orlândia-SP a partir do ano de 1914 é fundamental para compreender sua importância histórica, tendo em vista que a escola foi à primeira instituição educacional da cidade, sendo que atualmente em 2016, completou 100 anos dedicados ao ensino e a formação de jovens orlandinos.

Segundo (Junqueira 1999), no domingo de 1º de julho de 1951, a população orlandina levantou-se em festa para receber o governador do estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez. Tendo chegado no dia anterior a Uberaba (Minas Gerais) de avião, vindo da capital de São Paulo, o governador e sua comitiva, cumprindo uma pauta de inaugurações e festividades, visitaram diversas cidades do nordeste do estado paulista.

Nas cidades de Igarapava, Miguelópolis, Ituverava e Guará, o governador inaugurou serviços de água e galerias fluviais, prédios de escolas profissionais, grupos escolares e postos de puericultura. Ao chegar a Orlândia, pernoitou como hóspede oficial na fazenda do deputado estadual Oswaldo Ribeiro Junqueira e, no dia seguinte, participou das homenagens e inaugurações nesta cidade.

Ao retornar à capital do estado, passou por São Joaquim da Barra, encerrando os compromissos políticos da viagem. Destaco que nesta cidade de Orlândia, interior de São Paulo cumprindo um longo protocolo de homenagens e discursos, o governador Lucas Nogueira Garcez inaugurou oficialmente o Ginásio Estadual, a escola profissional e o posto de saúde. O programa abaixo, veiculado pelo jornal Cidade de Orlândia, na edição do mesmo dia, ou seja, 1º de julho de 1951 apresenta a programação do dia:

> 7:40h – Chegada de Sua Excelência, que será recebido na entrada da cidade, pelas formações do Tiro de Guerra 33, do Ginásio Estadual, da Escola Profissional, e do Grupo Escolar.
> 8h – Missa solene, na Praça Mário Furtado, com a presença do Sr.Governador, comitiva e povo.
> 9h – Saudação ao Sr. Governador do Estado, no Palanque Oficial – Desfile do Tiro de Guerra 33 e formações escolares.
> 10h – Inauguração Oficial do Ginásio Estadual e Escola Profissional.
> 10:30h – Inauguração Oficial do Posto de Saúde e visita no Fórum.
> 11h – Visitas às novas instalações da Prefeitura e inauguração do retrato de Sua Excelência o Dr. Lucas Nogueira Garcez, na sala da Câmara Municipal.
> Abrilhantarão as festividades a Banda dos três B. C. de Ribeirão Preto (JORNAL,1951, p. 1).

Uma vez concretizadas, as expectativas da cidade voltaram-se para instalações futuras de uma Escola Normal e de um colégio, conforme os: Projetos de Lei de nos. 204 e 110, propostos pelo deputado estadual Oswaldo Ribeiro Junqueira ao governo estadual.

2.4 O município de Orlândia – "Vila Orlando"

No final do século XIX, a região compreendia terras do Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira[15], localizadas, na época, no município de Nuporanga, nas quais se encontrava a Fazenda Boa Vista, com cultura de café, criação de gado e de cavalos manga-larga.

Interessado na política, quando vereador e presidente da Câmara de Nuporanga, o Coronel tomou conhecimento de que a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação passaria por esta região até a cidade mineira de Uberaba, desbravando uma região agrária até então inaproveitada por falta de meios de transporte.

Como Nuporanga não se encontrava bem localizada em relação ao traçado da estrada de ferro, a região inteira queria conquistar sua sede de comarca, diante da provável possibilidade da transferência.

Articulações políticas foram realizadas em todos os sentidos, envolvendo a própria história de Orlândia, iniciada muito antes de sua fundação, como foi apresentado pelo poeta orlandino e ex-prefeito, professor Cyro Armando Catta Preta:

Resfolegando fagulhas
sobre os trilhos avançando,
a Mogiana com seus trens
foi a paisagem mudando
plantando sua estação,
na terra de Cel. Orlando.
Da Estação veio a cidade
que foi crescendo febril,
atraindo muita gente
de outros cantos do Brasil,
mãos dadas com imigrantes,
logo amando o chão gentil (PRETA, 2004, p 43)

Estrategicamente, em 1900, o Coronel Francisco Orlando fez uma doação de terras à Companhia Mogiana de Estradas de Ferro para a construção de uma estação de trem e, em

[15] O Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira nasceu em 03 de dezembro de 1858 na Fazenda Invernada, pertencente ao então município de Cana Verde de Batatais, hoje município de Orlândia, filho de Francisco Marcolino Diniz Junqueira, o capitão Chico, e de Maria de Paula Franco Junqueira. Iniciou as primeiras letras em São Vicente de Férrea no estado de Minas Gerais, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde terminou seus estudos. Casou-se com sua prima-irmã, Genoveva Angélica Teixeira (Geny) na Fazenda Melancia, em Uberaba, em 06 de junho de 1882, sendo que sua esposa não via com bons olhos seu envolvimento com a política. De 19 gestações o casal criou seis filhos e em 1905 o Coronel enviuvou. Foi um grande fazendeiro, proprietário das Fazendas Buracão, Monte Belo e Espírito Santo, plantador de café e criador de gado vacum, além de aprimorar cavalos da raça manga-larga. Abolicionista, nunca teve escravos e sempre pertenceu ao Partido Republicano Paulista, aderindo imediatamente ao movimento constitucionalista. Morreu em 09 de julho de 1940, na Fazenda Monte Belo, em Orlândia, estando enterrado no cemitério local (FÉLIX, 2012).

1901, a estação Coronel Orlando foi inaugurada. Ao seu redor, surgiram às primeiras moradias, decorrentes de doação gratuita de 270 datas, que valeriam 27 contos de réis, para quem quisesse ali se instalar. Vila Orlando foi reconhecida legalmente pela comarca de Nuporanga, sendo que, a partir de 1907, contava com água encanada proveniente das cabeceiras do córrego dos Palmitos.

A figura 1 representa um flagrante de uma ocasião especial, na qual moradores da Vila Orlando aguardam a chegada do trem na estação Coronel Orlando. Como homem de larga visão e pensando na fundação de uma futura cidade, o coronel Francisco Orlando encarregou o engenheiro Luiz de M. Azevedo Marques, então prefeito de Nuporanga, de planejar o traçado de uma cidade, a ser projetada com largas avenidas no sentido norte-sul e com ruas no sentido leste-oeste.

1 – Estação ferroviária de Vila Orlando em 1908



Fonte: Prefeitura Municipal de Orlândia

Em 1909, Vila Orlando contava com onze casas e mais ou menos cinqüenta habitantes (BASTOS, 1999). Segundo Félix (2012), uma vila compreende uma unidade política administrativa autônoma equivalente a um município, sede do termo, que envolve o território de uma vila, com limites imprecisos:

> Enquanto isso, as disputas políticas intensificaram-se para a conquista da sede da comarca, que escapava de Nuporanga. O desfecho final e vitorioso ocorreu em uma sessão da Câmara Municipal nuporanguense, em outubro de 1909, por meio de votação para que a comarca fosse instalada na Vila Orlando. As justificativas pautaram-se no fato de esta "ser considerada um ponto central, com água encanada e maior facilidade de obtenção de rede de esgoto, tão reclamada pela higiene" (FÉLIX, 2012, p. 54)

Dessa forma, a instalação oficial do município e comarca na então existente Vila Orlando, ocorreu em 30 de março de 1910, em decorrência da transferência da sede do município e comarca de Nuporanga, conforme Lei n. 1.181, de 25 de novembro de 1909.

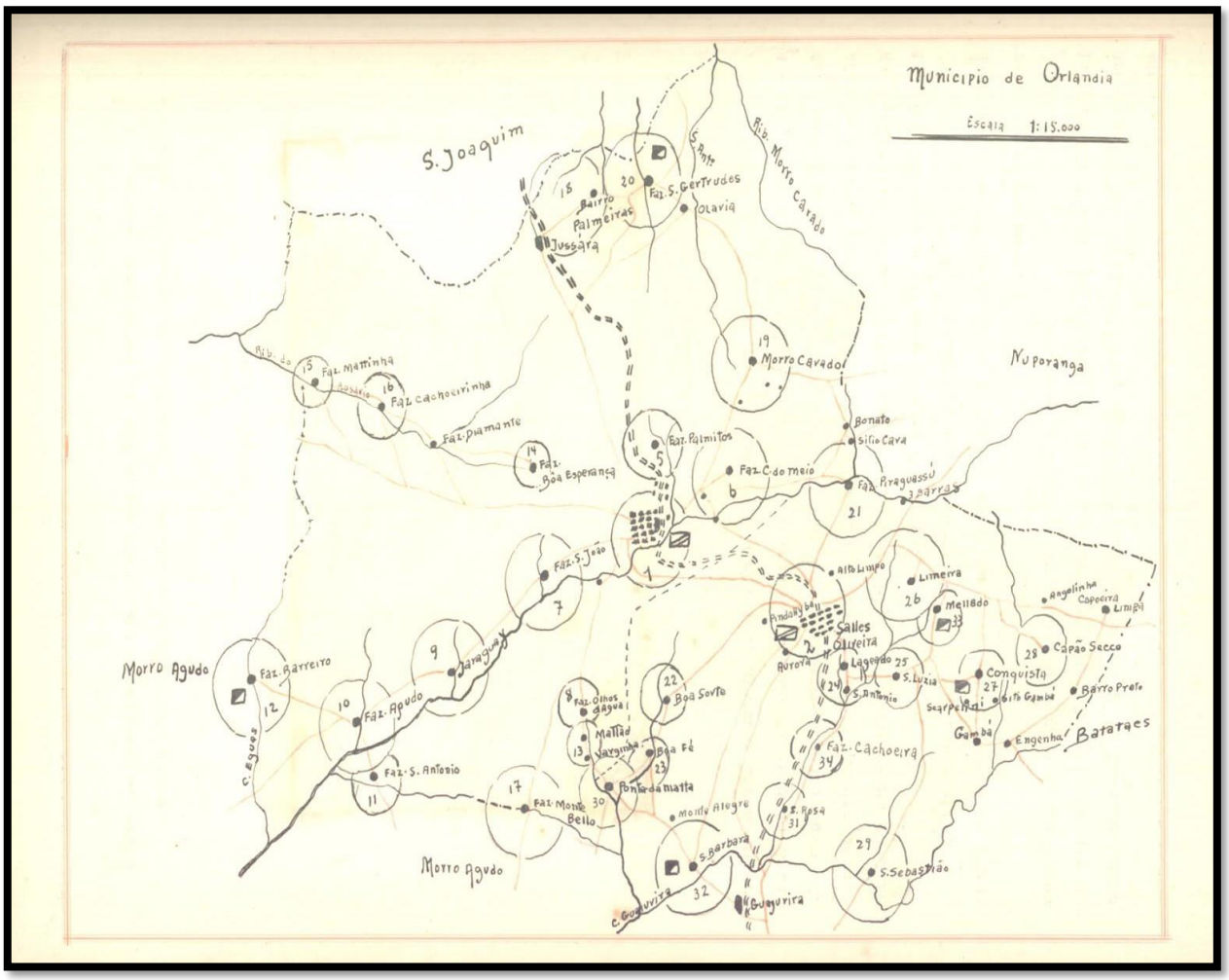
Assim nasceu Orlândia, cuja denominação representou uma homenagem ao seu fundador, Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira. A comarca de Orlândia abrangia os atuais municípios de Nuporanga, Sales Oliveira, Ipuã (antiga Santana dos Olhos D'Água), São Joaquim da Barra, Guairá (antiga Corredeira), além de Morro Agudo (antiga São José do Morro Agudo), todos atualmente desmembrados. Por esta mesma lei, Nuporanga passou a ser distrito de Paz de Orlândia (FÉLIX, 2012).

A instalação do município de Orlândia, em 1909, acompanhou a tendência da época quanto ao nascimento e disseminação de cidades no estado de São Paulo. O aumento da quantidade de cidades neste estado foi considerado muito significativo, uma vez que, entre 1872 e 1906, o número de municípios praticamente dobrou.

Porém, dos 172 existentes em 1906, apenas 86 eram considerados cidades, que em sua maior parte estavam localizadas em regiões de ocupação agrícola antiga, sendo o restante constituído por vilas. E, para cada cidade, havia uma proporção de quatro povoações, formas de aglomeração extensivas à vida da roça, que deixavam muito a desejar quanto ao modo de vida propriamente urbano.

Destaco o mapa, que apresenta a localização do município de Orlândia, no estado de São Paulo no ano de 1932.

2 – Localizações do município de Orlândia no estado de São Paulo, em 1932



Fonte: Junqueira (1999)

Podemos observar no mapa o município de Orlândia, no interior do estado de São Paulo está situado na zona de ligação entre Ribeirão Preto (pólo cafeeiro) e o triângulo mineiro. Historicamente, essa região foi cortada por uma das companhias férreas mais importantes do estado de São Paulo.

> O município de Orlândia foi desmembrado de Batatais em 1890, tendo por sede a localidade denominada Espírito Santo de Batatais. Por decreto estadual de 1896, essa localidade passou a denominar-se Nuporanga, a sede do município, por força da lei de 25 de Novembro de 1909, foi transferida

> para o povoado de vila Orlando, que recebeu então o nome de Orlândia, em homenagem ao Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, fundador da cidade. Por essa mesma lei foi elevada à categoria de município, que foi instalado à 30 de Março de 1910, data em que é comemorado o aniversário do município. Homem de larga visão o Cel. Francisco Orlando Diniz Junqueira, determinou que a cidade fosse projetada com características urbanas modernas, cortadas por amplas avenidas. Orlândia afamada pela cultura de sua gente, nela despontando constantemente poetas de valor (PREFEITURA, 2016, p.1).

Contudo, destaco na figura 3 algumas das autoridades, datada de 1911, tirada na frente do então prédio da Prefeitura de Orlândia, interior de São Paulo, situado na Rua 1, esquina com a Avenida do Café, aparecem, da esquerda para a direita, o Sr. José Aurélio da Silva, primeiro prefeito da cidade; Mansuetto Ferrari, representante do distrito de Morro Agudo; Francisco de Almeida Prado, presidente da Câmara; José Junqueira Reis, representante do distrito de Nuporanga e o coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira (JUNQUEIRA, 1999).

3 – Autoridades à frente da Prefeitura municipal, em 1911



Fonte: Junqueira (1999)

A cidade foi crescendo, e em 1913, mereceu registro em publicação britânica com o título “Impressões do Brasil no Século 20”, sendo que na página 743 consta que, nesse ano, apesar de Orlândia possuir apenas mil habitantes, já era iluminado por luz elétrica e gozava de bom serviço telefônico, estando rodeada de 6 milhões de pés de café. Embora não sejam datados do mesmo ano, estes indicadores urbanos de 1913 podem ser comparados com dados dos 176 municípios existentes no estado de São Paulo em 1906.

Destaco que destes, apenas 25 possuíam luz elétrica, cinco tinham iluminação a gás, 37 contavam com rede de água, 17 possuíam rede de esgoto, três tinham telefones e 84 eram alcançados por alguma ferrovia. A vida urbana, apesar de ser ainda muito restrita, de qualquer modo era muito mais significativa do que anteriormente, quando se limitava a meia dúzia de cidades, no início da expansão cafeeira. Em 1906, a maioria dos municípios produzia café, cana e cereais, e 33 produziam algodão. Estes dados são indicativos de que apesar do domínio econômico do café, a economia não era uma monocultura.

Ainda em seus primórdios, o coronel demarcou um cinturão ao redor da cidade de Orlândia, transformando-o em sítios e chácaras, decorrentes de lotes também doados a produtores hortifrutigranjeiros com a finalidade de suprir as necessidades da população por ali instalada. Conforme o traçado original, na quadra central mandou construir a igreja Santa Genoveva, em homenagem à sua falecida esposa, e uma casa paroquial, ambas doadas ao bispado de Ribeirão Preto em 1910.

Conforme Junqueira (1999), que realizou pesquisas sobre as primeiras instalações do município, sendo a primeira casa bancária, denominada Banco de Custeio Rural de Orlândia S.A., surgiu em 1912 e, ao falir, em 1914, abriu espaço para a instalação da Casa Bancária Coronel Orlando, cujo capital era constituído por títulos de empréstimos feitos pelo Coronel aos correligionários políticos. Essa casa fechou em 1929, quando a crise da bolsa de Nova York fez o preço de o café cair de 65$000 o saco para 5$000 (JUNQUEIRA, 1999).

Os dados de Orlândia dos anos seguintes, conforme referências disponíveis para consultar em “Orlândia antigamente” referem-se à vida de uma elite voltada ao lazer e à vida em sociedade. Sendo assim, em 1917, foi inaugurado o primeiro clube da cidade, com um grande baile abrilhantado pela orquestra de Ribeirão Preto, que chegou com trem da Mogiana à tarde e retornou no trem da madrugada, às 5 horas da manhã.

O viço das novas cidades, alicerçadas no tripé café, trilhos e imigrantes, era percebido pela crescente população urbana na presença de atividades de cunho agroindustrial e no comércio. No final da década de 1910, as melhorias urbanas incluíam embelezamentos e serviços públicos (água encanada, iluminação pública, calçamento de ruas, arborização,

construção de monumentos, chafarizes e praças) e manifestavam-se por escolas mais bem equipadas, pela imprensa diversificada e pela inauguração de teatros e cinemas (BASTOS, 1999)

Esses, freqüentados por um público ávido de emoções e novidades difundidas nas telas, eram representativos da sociabilidade urbana, com suas regras e códigos forjados por uma elite que se esforçava em ser progressista culta e elegante.

Em 1923, foi iniciado o calçamento da cidade na Rua 2, com paralelepípedos vindos de uma pedreira da fazenda Diamante, demorando quase um ano para ser terminado. Nesta época, Orlândia tinha mais de trezentos automóveis registrados no município (JUNQUEIRA, 1999).

Além do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" com o curso primário, a cidade contava com algumas escolas que ministravam aulas particulares. Entre elas, merecem destaque a do Dr. Alfredo de Vasconcelos, com internato e semi-internato, que teve pequena duração, uma vez que seu proprietário voltou-se ao exercício da advocacia e a do Sr. Antônio Guedes de Azevedo. Esta última, de dimensão bem modesta, funcionou desde 1922 em duas salas de uma casa residencial.

Ali eram ministradas aulas aos alunos que tencionavam prestar exames parcelados no ginásio estadual de Ribeirão Preto. Em 1929, esta escola foi comprada pelos senhores Olavo de Paula e Silva e Álvaro Augusto dos Santos Pereira que, após alguns meses, venderam-na para Paulo Emílio dos Santos Pereira, já sob a denominação de Liceu Municipal.

Até 1931, os alunos que cursavam aulas no Liceu dependiam de aprovação em exames em Ribeirão Preto para validação do grau médio. Uma grande dificuldade, na época, consistia no acesso a esta cidade, realizado por balsa para atravessar o rio Pardo, uma vez que a construção da ponte só terminou em 1933 (ABRAHÃO, 1984).

Para oficialização do curso ginasial do Liceu Municipal, foi solicitada uma vistoria, realizada por Lourenço Filho, fiscal do Departamento Nacional do Ensino, na qual foram aplicadas provas em doze alunos do primeiro ano ginasial e cinco alunos do segundo ano ginasial. O reconhecimento veio em setembro de 1931, um mês após a visita do fiscal.

Nesse mesmo ano o Liceu obteve a inspeção condicional do governo federal; em 1934 obteve a inspeção preliminar e, em 1945, conseguiu, por meio de inspeção permanente, o reconhecimento e oficialização admitidos para estabelecimentos particulares para o curso ginasial (ABRAHÃO, 1984).

Tendo adquirido os materiais e as mesmas instalações da escola de Guedes de Azevedo, o Liceu foi inicialmente instalado em um pequeno prédio na Avenida 5. Porém, em

razão do internato masculino e feminino, o número de alunos aumentou, passando o Liceu a ocupar de dez a doze casas vizinhas, alugadas para este fim. O então proprietário da escola convidou o professor Geraldo Rodrigues para ser diretor e, em 1934, a referida escola, como Junqueira (1999) aponta, em 1931 o Liceu já contava com cem alunos externos e trinta internos de ambos os sexos e, conforme histórico da própria escola, as casas alugadas estavam sendo destinadas para outros fins, em virtude da valorização imobiliária.

No intuito de conservar o ginásio, criou-se uma comissão formada pelo prefeito municipal, Virgílio Ferreira Jorge, Antônio de Quadros, Alcides Costa e Nestor Môndio, para angariar fundos necessários à construção de um prédio próprio. A lista de doações foi aberta pelo Dr.Celso Torquato Junqueira, pelos senhores das famílias Almeida Prado e Junqueira, e por João Francisco Diniz Junqueira, sendo completada por outras pessoas.

Abrahão (1984) aponta que o prédio foi construído mediante empréstimo público, tomado pela firma proprietária, com o lançamento de letras hipotecárias no valor de um conto de réis cada, subscritas por pessoas da cidade e das imediações e pela Prefeitura Municipal de Orlândia-SP sendo posteriormente resgatadas por sorteio, semestralmente.

A construção ficou em 310 contos de réis, tendo sido realizada pelo empreiteiro orlandino Fortunato Menegassi. O prédio foi instalado na Praça denominação de Liceu Municipal de Orlândia, passou para a propriedade de uma firma, cuja sociedade era constituída pelo professor e diretor Geraldo Rodrigues, Antônio Siqueira e Nestor Môndio (ABRAHÃO, 1984).

A crise econômica de 1929, que aniquilou economias em várias partes, produziu um efeito, em boa medida e ao contrário, no estado de São Paulo. O café, produto de sobremesa e, na época, um item de luxo no consumo de europeus e americanos, também foi atingido pelo abatimento do mercado. Fundamental para a economia paulista, a situação indicava o início de uma crise e uma depressão que arrastaria tanto as elites como a massa trabalhadora.

No entanto, providências de política econômica, com a compra e queima de café, mantiveram a demanda, e o eixo da economia cafeeira foi deslocado para a indústria (MARTINS, 2011).

Luca (2011) acrescenta que a crise de 1929 e a subseqüente depressão, mesmo tendo abalado a prosperidade da cafeicultura, também contribuiu para o aprofundamento da diversificação agrícola, pois a escassez de divisas forçou a substituição de mercadorias industrializadas por similares nacionais. Junqueira (1999) apresenta eventos marcantes para a vida social, cultural e esportiva da cidade na década de 1930.

O Teatro Municipal foi inaugurado em janeiro de 1931, com capacidade para mais de quinhentas pessoas e, com lotação completa, teve o lucro da noite inaugural revertido em benefício dos desvalidos da Conferência São Vicente de Paula. Os esportes mais praticados na cidade eram o pólo e o futebol, e em junho deste ano foi inaugurado o campo de futebol da Associação Atlética Orlândia, fundada em 1920, com a presença maciça das famílias orlandinas. O pólo, iniciado na cidade oficialmente em 1924, foi praticado em uma série de jogos durante a inauguração das arquibancadas do campo do Orlândia Pólo Clube, também em 1931 (JUNQUEIRA, 1999).

Em 1931, nasceram em Orlândia 435 crianças e morreram 239 pessoas. Mesmo sendo uma cidade pequena, contava com bons estabelecimentos comerciais, sendo muitos de imigrantes italianos. A cidade tinha duas farmácias, a farmácia Orlândia, de Virgílio Ferreira Jorge e a farmácia Santa Genoveva, de Oswaldo Ribeiro Junqueira, um empório de calçados, do Sr. Morandini, a Casa Ítalo Brasileira, de Luiz Izalberti, uma padaria, de Luiz Benine, a loja A Notícia, de Altino Cividanes, a madeireira de Luiz Marcussi, a Casa Econômica, de Dr. Rosa Martins, n. 1.030, inaugurado em 1º de março de 1939, quando a sociedade mantenedora foi remodelada, com a inclusão dos sócios Celso Torquato Junqueira e Arnaldo Cardoso.

O pólo foi introduzido em Orlândia por meio de um inglês, que chegou à cidade para trabalhar como administrador de uma revenda Ford. Ao perceber o potencial dos cavalos criados por fazendeiros, convidou os filhos do Coronel Francisco Orlando para iniciar o esporte, motivando a compra de um terreno para instalação de um campo de pólo, fundando a Sociedade Hípica de Orlândia e popularizando o esporte, que passou a fazer parte da história orlandina (FÉLIX, 2012).

Para o José Ribeiro de Paula, a Casa Garbim, dos irmãos Antônio e Santo Garbim, a Casa São João, de Hugo Degiovani, com sortimento de secos e molhados, uma empresa de laticínios e a oficina de Pedro Massaro (JUNQUEIRA, 1999). A economia cafeeira continuava predominante na cidade, sendo que em 1931, ao ser fundado o Sindicato Regional Agrícola de Orlândia, o potencial de produção da região, de propriedade de 56 fazendeiros, foi avaliado em 10.875.000 pés de café, quantia considerada representativa e correspondente a um enorme faturamento (JUNQUEIRA, 1999).

Em 1932 ocorreu a Revolução Constitucionalista, que consistiu em uma luta do estado de São Paulo contra o Brasil, com a duração de noventa dias. A cidade de Orlândia participou com bravura e solidariedade, enviando o primeiro voluntariado que chegou à capital na primeira semana de agosto, ficando disponível ao comando geral, organizado pelo professor Geraldo Rodrigues, orlandinos tiveram maior atuação.

Conforme no Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, do qual fez parte o Senhor Oswaldo Ribeiro Junqueira, e na Legião Negra, constituída de voluntários negros. Senhoras orlandinas levaram suas máquinas de costura para uma oficina improvisada e fizeram uniformes para os soldados, 24 horas por dia. Mercadorias e dinheiro foram enviados, com destaque para uma contribuição de quatro mil contos de réis, arrecadada da população, para a compra de capacetes de aço. A cidade perdeu um soldado no campo de batalha, próximo à cidade de Capão Bonito e, em sua homenagem, a Praça da Matriz recebeu o nome de Mário Furtado, em fevereiro de 1933. Onde se encontra, atualmente, um monumento ao soldado constitucionalista (JUNQUEIRA, 1999).

2.5 Aspectos populacionais de Orlândia

Na busca de uma visão mais abrangente da população orlandina, foram reunidos dados nos diversos censos do IBGE. Apoiados nos recenseamentos, inicialmente compreenderam somente o censo da população, em 1872, 1890 e 1900. O recenseamento de 1920, além do censo demográfico, abrangeu os censos da agricultura e da indústria. O censo demográfico de 1940, afora inquéritos complementares, constou de sete censos distintos, a saber: demográfico, agrícola, industrial, comercial, dos transportes comunicações, dos serviços e social (IBGE, 2017).

Apresentou dados da população orlandina em seus diversos segmentos, uma vez que as outras fontes disponíveis, embora relevantes como únicas contribuições, relatam aspectos de uma pequena elite letrada, representativa de uma parcela privilegiada da população da cidade.

Sendo assim, no Censo Demográfico do estado de São Paulo, com dados do Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1940 pelo IBGE, podem ser apreciados os seguintes dados a respeito de Orlândia: A população era constituída de 19.064 pessoas, sendo 9.820 homens e 9.244 mulheres. Desta população, 15.697 pessoas eram brancas, 2.459 pretas, 317 amarelas, 570 pardas e 21 de cor não declarada.

Conforme a nacionalidade, 17.789 habitantes eram brasileiros natos ou naturalizados, e 1.261 estrangeiros, sendo que 14 pessoas constam com nacionalidade não declarada. Dos 1.261 estrangeiros, a maior quantidade era constituída de italianos (523), seguidos por 272 portugueses e 251 japoneses. Das 3.445 unidades prediais, 2.522 eram distribuídas na zona rural, 821 na zona urbana, e 102 na zona suburbana.

Quanto à instrução, de um total de 15.888 pessoas de 5 anos e mais, 6.860 declararam saber ler e escrever, 9.012 declarou não saber, e 16 pessoas constaram como instrução não declarada. Entre as 13.061 pessoas de 5 a 39 anos, 1.671 estavam recebendo instrução, e destas, 1.369 sabiam ler e escrever. Quanto ao grau de escolaridade, 1.174 pessoas de mais de dez anos declararam ter algum curso completo. Destas, 964 possuíam o curso elementar, 125 o grau médio e 63 o grau superior, das quais sete eram mulheres.

Diante destes dados, constata-se que a população de 19.064 pessoas era predominantemente branca (82,3%) e brasileira nata ou naturalizada (93,3%). Dos estrangeiros, 41,4% eram italianos, seguidos de 21,5% de portugueses e 19,9% de japoneses.

A grande maioria vivia na zona rural (73,2%), seguida por 23,8% na zona urbana, com apenas 2,9% na zona suburbana, considerando-se uma relação de proporcionalidade entre a quantidade de pessoas residentes nas unidades prediais constantes no censo.

Quanto à escolaridade, das pessoas com mais de 5 anos, 43,1% declararam saber ler e escrever, enquanto 56,7% eram analfabetas.Restringindo este universo para pessoas com mais de 5 anos, e até 39 anos, foram contabilizadas 13.061 pessoas, das quais 12,7% estavam recebendo instrução e, destas, 81,9% sabiam ler e escrever.

Esta porcentagem de 12,7% corresponde a 1.671 pessoas entre 5 e 39 anos que estavam recebendo instrução. Embora não tenha sido possível aferir os locais de estudo, estes provavelmente compreendessem o grupo escolar como o curso primário, uma vez que até 1943 o município compunha-se dos distritos de Orlândia e de Sales Oliveira.

Considerando o curso ginasial, havia somente o Liceu, de natureza particular. Das 1.174 pessoas com mais de 10 anos que declararam ter algum curso completo, 82,1% tinham completado o grau elementar, 10,6%, o grau médio, e apenas 5,3% o grau superior, o que revela uma grande elitização quanto aos graus de ensino.

Considerando o total de 13.058 pessoas com 10 anos ou mais computadas nas tabelas a respeito das principais atividades exercidas (IBGE, 1950, p. 90-91) e a população de fato neste universo considerado, a porcentagem de pessoas que declararam ter algum curso completo foi de apenas 8,9%. As 63 pessoas com grau superior completo, representadas por 0,4% da população com mais de 10 anos, provavelmente representassem um grupo seleto e com poder de decisão quanto aos aspectos social, político e educacional da cidade, bem como em relação às representações destes nos jornais circulantes da época.

Quanto ao principal ramo de atividade, em um universo de 13.058 pessoas, a grande maioria (46%) dedicava-se à agricultura e à pecuária, com outras atividades em porcentagens irrisórias, como serviços e atividades sociais (2,3%), indústrias de transformação (1,97%),

comércio de mercadorias (1,5%), transportes e comunicações (1,1%), administração pública (0,8%) e profissões liberais (0,4%). Um dado interessante refere-se à porcentagem de 37,49% de mulheres que declararam dedicar-se a atividades domésticas ou escolares.

Convém ressaltar a pequena quantidade de 48 homens e 11 mulheres com profissões liberais (0,4%), que correspondem ao mesmo grupo de pessoas com grau superior. Os que se dedicavam às indústrias de transformação (1,97%) eram representados, principalmente, por pessoas que trabalhavam na primeira indústria orlandina, a Indústria Fabrízio S.A., de Oswaldo Ribeiro Junqueira.

Os veículos da cidade eram assistidos por oficinas mecânicas e postos de combustíveis, merecendo destaque a primeira oficina, de Luiz Mariotto, e a empresa A. Alves e Cia. Ltda, que iniciou suas atividades em 1944, com um posto de gasolina e lubrificantes (FÉLIX, 2012).Neste tópico podemos constatar que embora tendo a agricultura como principal atividade econômica, o café foi gradativamente dando lugar a outras culturas, como as de algodão, arroz e milho, e as atividades industriais que surgiram foram se diversificando, com a instalação de máquinas de beneficiamento de algodão e arroz. É o caso da Companhia de Beneficiamento de Produtos Agrícolas, a partir de 1944.

3.4 Aspectos econômicos de Orlândia

Embora a principal atividade econômica continuasse sendo a agricultura, a cidade foi adquirindo indústrias, como Arroz Brejeiro, fundado em 1944, e Estabelecimento Bordignon, que produzia macarrão. Conforme o Censo de 1950, a indústria orlandina empregava 180 funcionários, e nove estabelecimentos industriais tinham mais de cinco pessoas. A única aglomeração urbana, com 3.943 habitantes, possuía 39 estabelecimentos comerciais, sendo 15do gênero alimentício, 12 de fazendas e armarinhos, 12 de louças e ferragens; 3 atacadistas, 70 varejistas, 3 agências bancárias e uma agência da Caixa Econômica Estadual.

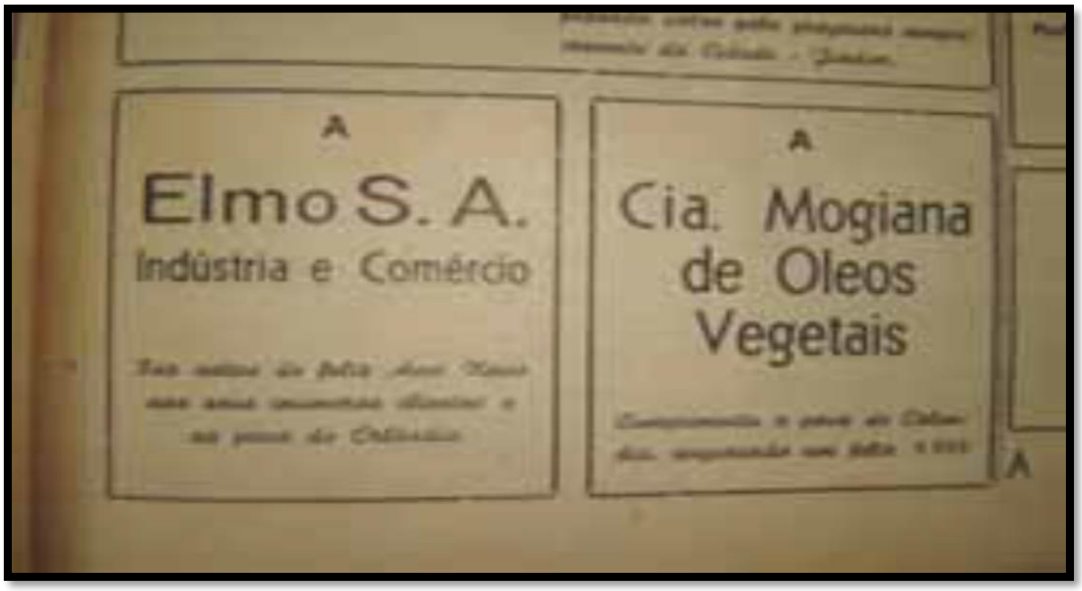
Algumas propagandas da indústria local são apresentadas aqui, uma vez que, segundo**,** Luca (2011), constitui importantes indícios das transformações econômicas e sociais em curso, representativas de novos estilos de vida. Destacam-se as propagandas dos estabelecimentos das figuras 4 e 5, publicadas pelo jornal *O Imparcial*.

3 – Propaganda do Estabelecimento Bordignon



Fonte: Estabelecimento Bordignon (1955)

4 – Propagandas da Elmo S.A. e da Cia. Mogiana de Óleos Vegetais



Fonte: Elmo S.A. (1955)

A modernidade refletia nos aspectos urbanos e culturais. A cidade tinha um cinema, uma tipografia, uma rádio emissora e cinco bibliotecas, sendo que 95% de suas ruas tinham pavimentação com paralelepípedos.

Na prefeitura estavam registrados 92 automóveis e 110 caminhões, com um fluxo diário de trezentos veículos e cinco trens, considerando que a manutenção desta quantidade em relação à década anterior, deveu-se à diminuição territorial do município, em 1944, desde 1933 constituído pelos distritos de Orlândia e Sales Oliveira.

Segundo Martins (2011), o estado de São Paulo encerrava o meio do século como um estado caracteristicamente industrial, embora com população ainda rural, demonstrando um cenário com extremos, anunciados desde o início do século XX: a modernidade regulada por uma lentidão agrária e por uma consciência social conservadora e persistentemente caipira. O crescimento da indústria no estado paulista foi geométrico: 4.157 fábricas em 1920; 14.225em 1940; 24.519 em 1950. Foi ainda mais intenso quanto ao número de operários: 85.466 em1920; 272.865 em 1940 e 484.844 em 1950.

O cenário orlandino pode ser apreciado tomando como fonte o Censo Demográfico do estado de São Paulo, com dados do Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1950 pelo IBGE. Este Recenseamento Geral foi a sexta operação levada a efeito para o conjunto do País, abrangendo os censos demográfico, agrícola, industrial, comercial e dos serviços, e inquéritos especiais sobre transportes e comunicações (IBGE, 1955, p. 8).

Destaco abaixo alguns dados da informação a respeito da população orlandina em 1950 de acordo com dados do (IBGE, 1954 p. 67).

A população era constituída de 10.877 pessoas, sendo 5.671 homens e 5.206 mulheres. (IBGE, 1954, p. 67). Desta população, 8.471 pessoas eram brancas, 1.546 pretas, 86 amarelas e 768 pardas. (IBGE, 1954, p.75). Conforme a nacionalidade, 10.604 habitantes eram brasileiros natos ou naturalizados, e 273 estrangeiros (IBGE, 1954, p. 91). Quanto à situação do domicílio, 6.934 pessoas tinham domicílio rural, 3.450 pessoas tinham domicílio urbano, e 493 moravam na zona suburbana (IBGE, 1954, p.171).

Contudo os dados nos mostram que em 686 domicílios urbanos, 455 tinham água encanada, 589, iluminação elétrica, e 686, aparelho sanitário (IBGE, 1954, p. 248). Quanto à instrução, de um total de 8.986 pessoas com mais de cinco anos, 4.906 declararam saber ler e escrever e 4.080 declararam não saber (IBGE, 1954, p. 202)

.Entre as 2.765 pessoas de 5 a 14 anos, portanto em idade escolar, 1.315 sabiam ler e escrever. De um total de 1.170 crianças de 5 a 8 anos, apenas 205 declararam saber ler e escrever (IBGE, 1954, p. 150). Quanto ao grau de escolaridade, de 7.565 pessoas de 10 anos ou mais, conforme tabela da atividade principal (Tomo 1, p. 134), 1.585 pessoas declararam ter algum curso completo. Destas, 1.276 possuíam o curso elementar, 268 o grau médio e 41 o grau superior (IBGE, 1954, p. 107). Quanto à principal cultura, conforme dados colhidos em

1949, o município de Orlândia colheu 4.914 toneladas de café, de um total de 23.898 da região de Ribeirão Preto, sendo o município com maior colheita nesta região (Tomo 2, p. 301).

A mesma situação ocorreu com o algodão, uma vez que, de um total de 10.214 toneladas colhidas na região de Ribeirão Preto, o município orlandino contribuiu com 2.217 toneladas (IBGE, 1954, p. 357).

> Quanto à cultura de arroz, de um total de 46.104 toneladas da região de Ribeirão Preto, Orlândia ficou em quinto lugar, com 3.370 toneladas. (p. 365). A população analisada quanto ao ramo de atividade principal exercida foi de 7.565 pessoas. Destas, pontuando os dados mais relevantes, 2.887 homens e mulheres se dedicavam à agricultura, pecuária ou silvicultura; 2.750 mulheres se dedicavam a atividades domésticas ou escolares; 374 pessoas se dedicavam à prestação de serviços; 315 pessoas trabalhavam em atividades de transformação; 262 homens e mulheres se encontravam em condições inativas; 152 pessoas em transportes, comunicações e armazenagem; 110 homens e mulheres se dedicavam às atividades sociais; 64 em administração pública, defesa nacional e segurança pública e apenas 18 homens em profissões liberais (IBGE, 1954, p.134).

Diante desses dados obtidos pelo IBGE, constata-se que a população de 10.877 pessoas era predominantemente branca (77,8%), brasileira nata ou naturalizada (97,4%), e com diminuição de 4% de estrangeiros em relação ao censo anterior, de 1940. Assim como no censo anterior, a grande maioria vivia na zona rural (63,7%), seguida por 31,7% na zona urbana, com apenas 4,5% na zona suburbana, embora com um aumento de 7,9% de pessoas que foram morar na zona urbana.

Os domicílios urbanos tinham água encanada (66,3%), iluminação elétrica (85,8%) e todos possuíam aparelho sanitário. Quanto à escolaridade, das pessoas com mais de 5 anos, 54,5% declararam saber ler e escrever, enquanto 45,4% eram analfabetas. Restringindo este universo para crianças de 5 a 14 anos e, portanto, em idade escolar, 47,5% declararam saber ler e escrever. Das 7.565 pessoas com mais de 10 anos, 20,9% declararam ter algum curso completo. Deste universo, 80,5% tinha o grau elementar completo, 16,9% tinha o grau médio e apenas 2,5%, o grau superior.

Comparando estes dados com os de 1940, constata-se um aumento de 12% em relação às pessoas que declararam ter algum curso completo, persistindo a predominância do grau elementar, um ligeiro aumento no grau médio de 6%, e uma diminuição de 1,8% no grau superior, exclusivo do sexo masculino.

Por estes indicadores, prevaleceu à continuidade da elitização quanto aos graus de ensino, com os 41 homens com grau superior constituindo um grupo seleto na cidade. Quanto ao ramo de atividade principal exercida por um universo de 7.565 pessoas, a maioria (38,6%) dedicava-se à agricultura e pecuária, embora com uma diminuição de 7,4% neste ramo de atividade, seguido por 36,3% de mulheres com atividades domésticas e escolares.

As outras atividades seguem em porcentagens irrisórias, como a de indústrias de transformação, que aumentou 2,1%, atingindo 4,9%, serviços e atividades sociais (1,4%),prestação de serviços (4,9%), transportes, comunicações e armazenagem (2%), administração pública, defesa nacional e segurança pública (0,8%), e profissões liberais (0,2%).

Convém ressaltar a pequena quantidade – apenas 18 homens – com profissões liberais (0,2%) e o aumento de 2,1% das indústrias de transformação, esta última representada principalmente por pessoas que trabalhavam nas indústrias e casas comerciais já estabelecidas ou que despontavam pela cidade.

Observa-se que nas figuras 6 e 7 vemos alguns exemplos em propagandas do *Jornal Cidade de Orlândia (1951).*

5 – Propaganda da Indústria Fabrízio



Fonte: JORNAL (1951)

Figura 7 – Propaganda da Casa Bucci



Fonte: JORNAL (1951)

A criação de cursos práticos, iniciada em 1947 no estado de São Paulo, acompanhada a tendência política da época, nem sempre logrou sucesso, pois muitos deles, apesar de terem existência legal, não chegaram a ser instalados. Das 73 escolas criadas pela lei acima, apenas 24 constaram na relação apresentada por Laurindo (1962), de escolas estaduais pertencem ao Departamento do Ensino Profissional, em 1961.

O Decreto-Lei n. 16.108, de 14 de setembro de 1946, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOE), de 18 de setembro de 1946 (SÃO PAULO, 1946) determinou os moldes da criação dos cursos práticos do ensino profissional no interior do estado. Em seu artigo 1º. Apresentou a finalidade destes cursos: ensinar a menores e adultos uma habilidade profissional, mediante inquérito prévio na cidade e região, regularmente procedido, a fim de comprovação da necessidade local de mão de obra, segundo as indústrias e produtos predominantes no município interessado na criação.

A afirmação acima está de acordo com o defendido no artigo 2º do decreto 16.108 acima apresentou as seções abrangidas pelos cursos práticos, em um total de dez, a saber:

> **1 – Secção de Trabalhos de Metal**: cursos práticos de serralheria, latoaria, fundição, caldeiraria, solda elétrica, solda oxiacetilênica;
> **2 – Secção de Indústria Mecânica:** cursos práticos de tornearia, limadores, ajustadores, ferraria, reparações de automóveis, cutelaria;
> **3 – Secção de Eletrotécnica:** cursos práticos de instalações domiciliares, aparelhos elétricos, telecomunicação, niquelagem;
> **4 – Secção da Indústria da Construção:** cursos práticos de carpintaria,carpintaria naval, segeria, pintura de letreiros e cartazes, alvenaria e revestimentos, cantariam;
> **5 – Secção de Artes Gráficas:** cursos práticos de tipografia, encadernação, ;
> **6 – Secção de Indústrias Alimentares:** cursos práticos de padaria e confeitaria, artes culinárias, serviço de mesa, serviço doméstico, conservação de alimentos vegetais, conservação de alimentos animais;
> **7 – Secção de Higiene Individual:** cursos práticos de barbearia e cabeleireira, manicura e pedicura;
> **8 – Secção de Artes Industriais:** cursos práticos de marcenaria, tornearia,cerâmica, sapataria, capotaria, malaria, selaria, correaria, luvaria, estofaria,alfaiataria, chapelaria, confecções de flores, rendas e bordados, confecções de roupas brancas, corte e costura vimaria;
> **9 – Secção de Indústria do Tecido:** cursos práticos de fiação, tecelagem, Estamparia, tinturaria;
> **10 – Secção de Indústria da Pesca:** cursos práticos de marinharia,conservação do material de pesca, fabricação dos instrumentos de pesca,preparo e conservação do pescado. (SÃO PAULO, 1946, grifos da autora).

Com duração de um ou dois anos, estes cursos eram voltados ao ensino de ofícios industriais simples, funcionando em horário e orientação pedagógica flexíveis, segundo as peculiaridades locais.

Também de acordo com a afirmação do o artigo 5º do mesmo decreto, o ensino, predominantemente, com orientação pedagógica prática compreenderia disciplinas de cultura geral (portuguesa e aritmética) destinadas apenas a dar conhecimentos gerais, e disciplinas de cultura técnica essenciais ao ofício, principalmente de desenho técnico e tecnologia, obrigatórias em todos os cursos, sendo que, conforme o artigo 6º., a conclusão destes faria jus a certificado de habilitação.

O candidato à matrícula em curso prático deveria satisfazer as seguintes condições, em atendimento ao artigo 4º. Do citado decreto: ter 12 anos feitos; estar vacinado e não ser portador de doença contagiosa; possuir capacidade física e aptidão mental para os trabalhos a serem realizados no curso respectivo, verificadas mediante exame especial; e possuir diploma de curso primário ou ter recebido ensino primário em grau considerado suficiente, verificado em exame de admissão.

A partir de fevereiro de 1948, data da criação do Curso Prático Profissional de Orlândia, a 25 de junho de 1949, quando foi instalado, providências seguiram-se, como a

nomeação do primeiro diretor, professor Jacinto do Amaral Narducci, professores e funcionários. O professor Jacinto do Amaral Narducci que foi professor no GE "Coronel Francisco Orlando" e no ginásio local e, tendo sido aprovado em concurso para diretor foi nomeado para S. João da Boa Vista.

No entanto, permaneceu em Orlândia para instalar o Curso Prático de Ensino Profissional, onde permaneceu como diretor até ser designado pela Superintendência do Ensino Profissional do Estado de São Paulo para instalar e dirigir o Curso Prático de Ensino Profissional em Caçapava, em 25 de janeiro de 1951. Além das funções docentes, o professor Narducci foi diretor responsável *pelos jornais Cidade de Orlândia e O Guaíra,* da vizinha cidade do mesmo nome, e redator do jornal A Tribuna, de São Joaquim da Barra. Em sua despedida, o *jornal Cidade de Orlândia* referiu-se ele como:

> perda sensível para todos nós, os seus amigos, pois nele tínhamos o todos os momentos, o elemento sempre disposto à luta. Jornalista emérito, vibrante e sagaz, tem dirigido com real descortínio esta folha, onde paz o seu talento a serviço do jornalismo e do povo orlandino (JORNAL, 1951, não paginado).

A respeito de seu trabalho à frente do curso profissional, o jornal assim se refere:

> seu dinamismo e capacidade de trabalho realizaram obra magnífica. Basta que se relembrem as Exposições de trabalho realizadas por aquela casa de ensino, onde se denota que o Diretor pode contar, igualmente, com Professores à altura de tão delicado mister, qual seja preparar a nossa mocidade para os embates da vida (JORNAL, 1949, não paginado).

8 - Entrada do 1° Curso Prático Profissional na Cidade de Orlândia



Fonte: ETEC, centro de memória (s/d.)

Na figura 8, pode-se perceber que apresenta uma foto que constitui a única memória iconográfica do Curso Prático Profissional de Orlândia, provavelmente realizada por um profissional em alguma ocasião específica e sem data definida, e apresenta as pessoas em poses não espontâneas, na ala direita do prédio onde tal curso foi instalado inicialmente. Acima, ao lado da janela, encontra-se o diretor Jacinto do Amaral Narducci e os professores Lázaro de Oliveira e Luiz Fregonesi Filho. Abaixo, ao lado da janela e de óculos, Cyerina Machado Narducci, esposa do diretor Jacinto, e as professoras Maria Tereza Chiaramonti e Maria Bertrami, ambas de Economia Doméstica.

Os professores Lázaro de Oliveira e Luiz Fregonesi Filho tornaram-se diretores da escola; a professora Maria Tereza mudou-se para outra cidade, e a professora Maria Bertrami constituiu família e, em sua homenagem, o teatro da cidade recebeu seu nome. Ainda na foto citada, pertencente ao Centro de Memória da escola, observa-se que o portão lateral do prédio abre-se para um pequeno vestíbulo de entrada que, por ser mais elevado, possui uma escada com alguns degraus.

A foto apresentada, sem data, apresenta o prédio do Ginásio Estadual de Orlândia com sua perspectiva voltada para o lado direito. Observa-se o portão lateral, que se abre por meio de um pequeno vestíbulo com degraus e, ao centro, a entrada principal.

Nessa figura 9, atualmente, o prédio conserva sua estrutura, com uma construção acrescentada à direita para instalação posterior do curso primário anexo. O terreno encontra-se todo murado, com exceção da fachada, rodeada de grades de ferro voltadas para a atual Praça Rosa Martins, ainda não construída na época da foto.

9 – Prédio do Ginásio Estadual de Orlândia



Fonte:ETEC, centro de memória (s/d.)

Na década de 1950, eventos diversos marcaram a história do município orlandino quanto ao seu crescimento econômico e social, merecendo destaque a inauguração do Cine São João, em 1954, e o início da construção da estação rodoviária. No setor empresarial, a partir de 1952, iniciaram-se as atividades da Companhia Mogiana de Óleos Vegetais, que chegou a ser a maior produtora individual de sementes de soja no Brasil, empregando mais de novecentos funcionários.

A Metalúrgica Orlândia, fundada em 1954, produzia arames e telas, com uma quantidade semelhante de funcionários. O Brejeiro, empresa estabelecida desde 1944, estendia seus investimentos para o beneficiamento de arroz, desvinculando-se de negócios voltados ao aproveitamento do algodão.

Destacam-se, novamente, as propagandas, nas Figuras 10 e 11, publicadas pelo *jornal O Imparcial:*

10 – Propaganda da Casa São João e do Cine São João, com foto do cinema



Fonte: O IMPARCIAL (1955)

Assim a cidade estendia-se, chegando até Vila Marcussi, e os investimentos da prefeitura municipal foram direcionados para melhorias no abastecimento de água, com a instalação de uma estação de captação e tratamento da água proveniente do córrego dos Palmitos, entre 1952 e 1955.

Dessa forma, em questão ocorreu em um período em que grande parte dos esforços estava voltada contra a ditadura. Segundo a deputada Lygia Lessa Bastos a posterior Reforma do Ensino a partir dessa legislação foi difícil devido à falta de recursos financeiros. Continuando o período considerado, torna-se relevante retomar dados a respeito da cidade de Orlândia na década de 1960, retirados do Censo Demográfico do Estado de São Paulo e do Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1960 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O Recenseamento Geral de 1960 foi à sétima operação levada a efeito no País, abrangendo os censos demográfico, agrícola, industrial, comercial e de serviços, além dos inquéritos especiais sobre as atividades de construção civil, da produção e distribuição de energia elétrica e do comércio e administração de imóveis, tomando por base setembro de 1962 (ESTATÍSTICAS, 2017).

Destes dados, a partir dos dados contidos obtém os seguintes dados a respeito de Orlândia:

• a população era constituída de 12.067 pessoas, sendo 6.155 homens e 5.912 mulheres

• quanto à situação do domicílio, 5.346 pessoas tinham domicílio rural e 6.898 pessoas tinham domicílio urbano;

• de 2.372 domicílios particulares permanentes, 1.115 tinham abastecimento de água da rede geral, 1.928 possuíam iluminação elétrica e 461 tinham abastecimento de água de poço ou de nascente;

• quanto à instrução, de um total de 10.257 pessoas com mais de cinco anos, 5.650 declararam saber ler e escrever, sendo 1.888 estudantes.• dos 1.888 estudantes, 697 tinham de 5 a 9 anos (de um total de 1.815 crianças); 934 tinham de 10 a 14 anos (de um total de 1.586 jovens); 172 tinham de 15 a 19 anos (de um total de 1.262 pessoas); e 85 tinham 20 ou mais anos de idade (de um total de 5.594 pessoas), sendo que o total deste universo compreendeu uma população de 10.257 pessoas:• quanto à principal cultura, conforme dados colhidos em 1958, o município de Orlândia colheu 4.511 toneladas de café, de um total de 65.012 da região de Ribeirão Preto, sendo o quarto município com maior colheita nesta região.

• a colheita de algodão de 1959 colocou Orlândia em segundo lugar na região de Ribeirão Preto, uma vez que, de um total de 16.478 toneladas colhidas na região, o município

orlandino produziu 2.087 toneladas. Quanto à cultura de arroz, de um total de 28.613 toneladas da região de Ribeirão Preto, Orlândia ficou em 12.º lugar, com 1.107 toneladas;

• a população analisada quanto aos setores e condição de atividade exercida foi de 12.067 pessoas, sendo 3.854 economicamente ativas e 8.213 inativas. Das pessoas ativas, pontuando os dados mais relevantes, 1.942 homens e mulheres dedicavam-se a atividades agropecuárias e extrativas; 449 trabalhavam em atividades industriais; e 1.463 pessoas dedicavam-se a outras atividades economicamente ativas. Os municípios vizinhos de Orlândia tinham as seguintes populações: Nuporanga com 5.611 habitantes, Sales Oliveira com 7.823 habitantes e São Joaquim da Barra com 20.080 habitantes.

Diante desses dados, constatou-se um aumento na população que, de 10.877 pessoas registradas no censo de 1954, passou para 12.067, sendo o município de Orlândia o 10.º em número de habitantes da região de Ribeirão Preto, cujo município possuía 145.267 habitantes.

3.5 O ensino em Orlândia

No início da década de 1940, na sede do município de Orlândia, cujo prefeito era Oswaldo Ribeiro Junqueira, havia 686 prédios, com nove ruas e sete avenidas, quase todas pavimentadas, e dois jardins.

A sede de Sales Oliveira possuía 303 prédios. O Liceu de Orlândia, em novo prédio desde 1939, com externato e internato (masculino e feminino), possuía amplas salas de aula com laboratórios completos, biblioteca funcional, refeitório, cozinha, quadras de esportes, dormitórios e salão nobre.

Atraindo alunos de toda a região, inclusive de cidades onde funcionavam estabelecimentos semelhantes, como Ribeirão Preto, Uberaba e Batatais, chegou a reunir, somente no internato, nos últimos anos de seu funcionamento, cerca de cem alunos na seção masculina e cinqüenta na seção feminina (ABRAHÃO, 1984).

O mesmo autor apresenta alguns atributos que caracterizavam o ensino deste estabelecimento, sob a direção do professor Geraldo Rodrigues:

> Corpo docente criteriosamente selecionado; rigor nos estudos; severa avaliação do rendimento escolar; trabalho intensivo de redação e de composição literária; a presença de jornais escolares; austeridade na disciplina; participação de alunos em serviços de vigilância e de secretaria; atividades cívicas bem preparadas; desfiles comemorativos, com artísticos carros alegóricos; ginástica de verdade e competições esportivas; excursões constantes e visitas freqüentes de outras escolas; sessões lítero-artísticas, de teatro, e sessões de debates públicos, entre os alunos; – eis aí uma rápida amostra daquele pequeno universo escolar, em cuja dinâmica toda ela

> radiante de vida e de calor, reponta sempre, como seu grande líder e notável pioneiro, a figura do professor Geraldo Rodrigues (ABRAHÃO, 1984, p.10).

A rotina do internato masculino foi registrada em poema de um ex-aluno, Cyro A.Catta Preta (2010, p.134):

> Saídas domingueiras e diárias
> estas após as aulas e o jantar,
> ou os Domingos ir passar, no lar,
> eram faces diversas, entre as várias
> que a escola oferecia, entre ordinárias,
> aos alunos, que vinham se formar,
> num Liceu diferente e singular
> que modificou regras centenárias
> tão comuns em regime de internato
> o Internato liceniano foi pioneiro
> inovando e criando aqui um fato
> novo, na Educação, ao transformar
> o aluno que era então um prisioneiro,
> no outro ser, com prazer, em estudar.

Embora Abrahão (1984) tenha apontado o ano de 1945 como data de oficialização do funcionamento do curso ginasial, quando o Liceu oferecia os cursos de jardim de infância, primário e ginasial de cinco anos, dados históricos da escola registram que o Liceu foi transformado em Ginásio de Orlândia em 1.º de janeiro de 1943.

De qualquer forma, o perfil elitizado da escola e seu caráter particular, em uma época na qual as cidades do interior não contavam ainda com ensino secundário gratuito, não impediram que alunos carentes de recursos nela estudassem, sendo aceitos como alunos funcionários. Estes executavam diversas funções, atuando como escriturários, bibliotecários, inspetores de alunos, encarregados da conservação e cuidado de salas especiais e laboratórios, entre outras.

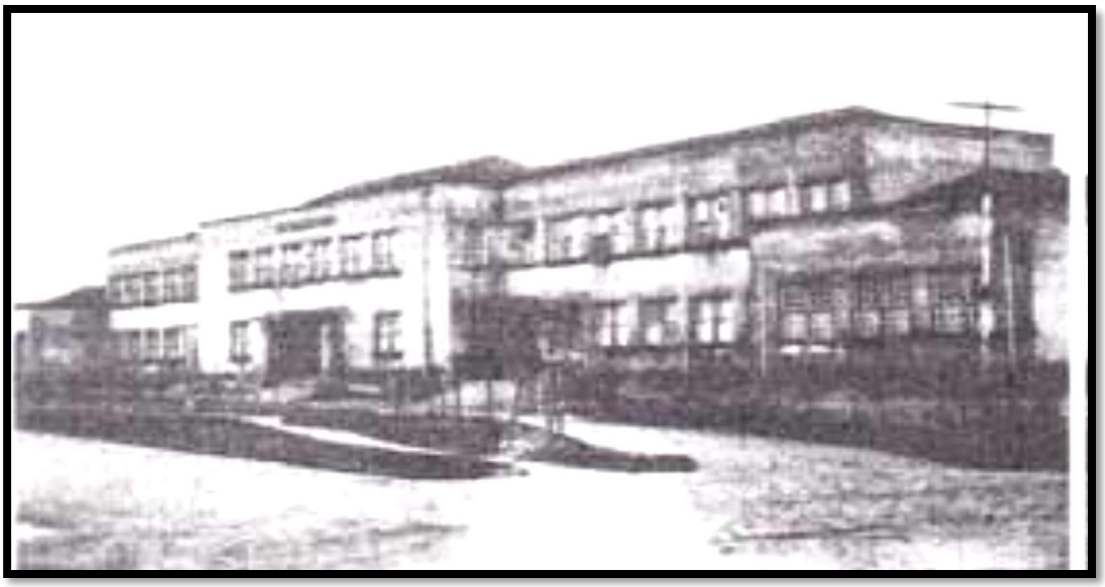
Ao ocuparem posições estratégicas na escola, exerciam, muitas vezes, papéis de liderança entre os colegas, e por usufruírem de uma convivência mais íntima com o diretor e com os professores, constituíram um grupo atuante, responsável pelo surgimento de valiosas vocações na literatura, profissões liberais ou na política (ABRAHÃO, 1984).

Esse grupo, chamado de “Turma do Tijolo Quente”, era constituído de alunos funcionários que se revezavam nos plantões noturnos na portaria da escola. Como o diretor ficava estudando até altas horas da madrugada, seus pés eram aquecidos com um tijolo quente, mantido pela troca destas peças no fogão à lenha da casa do próprio diretor, que ficava defronte à escola. Em 1948, por meio da Lei n. 78, de 2 de março, a escola passou a ser

propriedade do estado, ganhando o nome de Ginásio Estadual de Orlândia e sendo inaugurada oficialmente em 1º de julho de 1951, evento mencionado no início dessa seção (ABRAHÃO, 1984).

Embora no artigo 2.º da Lei acima referida constasse a dependência da doação ao estado, por parte da prefeitura municipal de Orlândia, de um terreno de 10.000 m destinado à construção do respectivo prédio e necessárias instalações, essa contrapartida foi executada por meio da transferência da escola da iniciativa particular para a responsabilidade do estado.

11 – Ginásio Estadual de Orlândia



Fonte: IBGE (1957)

Na figura 11 apresenta-se o prédio do antigo Liceu de Orlândia, inaugurado em 1939, com aproximadamente 18 anos, abrigando o Ginásio Estadual de Orlândia, tendo à sua frente à Praça Rosa Martins, que avançava ao encontro da avenida.

Além de ter contribuído para a educação da cidade, o breve relato da história desta escola, embora não seja o foco deste trabalho, tem relevância por sua peculiar origem a partir de um liceu de caráter particular, com internato e externato de projeção regional.

A se constituir em ginásio, posteriormente estadualizado, assumiu uma trajetória diferenciada da de outros ginásios, como o de Matão, por exemplo, cuja criação partiu de iniciativa do poder municipal, em atendimento aos anseios da população (DINIZ, 2012).

A passagem do ginásio particular para ginásio estadual suscita algumas hipóteses ainda a serem exploradas. Porém, a maior facilidade de acesso à vizinha cidade de Ribeirão Preto, a ampliação de clientela concluinte do ensino elementar e a instalação de ginásios estaduais pela região podem ter enfraquecido a demanda e modificado o perfil do alunado.

As famílias de maior poder econômico conduziam seus filhos a escolas de Ribeirão Preto e alunos concluintes da escola elementar, em quantidade crescente, passaram a buscar a continuidade de escolaridade por meio do grau médio em escola pública.

Diniz (2012) coloca que, no período de 1930 a 1947, entre os ginásios secundaristas criados no estado de São Paulo, fizeram-se presentes escolas da região de Orlândia, e apresenta suas datas de criação, a saber: Franca, em 1934, São Joaquim da Barra, em 1945, Igarapava, em 1946, e Barretos e Batatais, em 1947. Com exceção da escola de Barretos, as contrapartidas oferecidas ao governo estadual consistiram em acordos com as prefeituras municipais no sentido de cessão de terrenos, prédios, materiais didáticos, entre outros.

Souza (2011) aponta que o aumento de ginásios estaduais no estado de São Paulo foi de catorze vezes entre as décadas de 1940 e 1960, e apresenta, conforme estudos de Beisiegel (1964 *apud* SOUZA, 2011), que o fator determinante do crescimento extraordinário do ensino ginasial foi à ação dos deputados estaduais. Esses, motivados por interesses eleitorais, serviram de mediadores entre as aspirações populares e as iniciativas políticas do Poder Executivo.

Para os políticos locais, as instituições de ensino secundário, normal e superior representavam prestígio para o município, revelando o grau de cultura da localidade e um empreendimento altamente lucrativo do ponto de vista simbólico. Para os pais, a escolarização dos filhos era uma oportunidade de ascensão social e caminho de acesso a carreiras prestigiadas e empregos bem remunerados no futuro.

Além do ginásio estadual e do grupo escolar, Orlândia passou a contar com a Escola Técnica de Comércio de Orlândia, a partir de 1943. Funcionando no antigo casarão que anteriormente alojava o Liceu Municipal, formou sua primeira turma de contadores em 1945.

Porém, percebe-se que havia dificuldades financeiras para manutenção da escola, uma vez que, em artigo publicado no jornal local, quando contava com oitenta alunos, foi solicitado apoio do poder municipal, visando à concessão de bolsas de estudos, conforme segue notícia veiculada no *jornal Cidade de Orlândia*, em 10 de junho de 1951:

> Atravessamos uma época de ascensional evolução das atividades comerciais. Portanto, a Escola de Comércio oferece uma garantia para o futuro de todos os rapazes e moças, dentro do menor esforço possível. Além das vantagens da equiparação do Curso Comercial Básico ao ginasial e do Curso Técnico ao pré-jurídico e outros pré-universitários, garantidos pela Lei Federal, existe nesses cursos, a facilidade de serem aproveitadas as horas noturnas de lazer, e enquanto se descansa, freqüente uma sala de aula, onde se obtém um sossego para o corpo, um desenvolvimento para o espírito e um paliativo para atenuar as agruras das tarefas cotidianas. (JORNAL, 1951, p. 1).

O cenário político do final da década de 1940, quando foi instalado o curso prático profissional, representativo da escola objeto deste trabalho tinha como principal protagonista o deputado estadual Oswaldo Ribeiro Junqueira[16], empossado após ter deixado o cargo de prefeito municipal da cidade de Orlândia, em junho de 1949. Como representante orlandino no governo estadual, ex-prefeito e proprietário da Indústria Fabrízio, sua preocupação e compromisso visavam ao atendimento de vários segmentos da população.

Ao interceder junto ao governo estadual no sentido de criar um ginásio estadual na cidade, contemplou a parcela da população mais elitizada que, embora voltada à tradição educacional do antigo Liceu, estava ciente das mudanças econômicas e sociais da cidade, que inviabilizavam a continuidade do projeto educacional particular.

12 – Oswaldo Ribeiro Junqueira

[16]Oswaldo Ribeiro Junqueira nasceu em 25 de setembro de 1903, na cidade de Uberaba, MG, filho de João Francisco Junqueira e Francisca Ambrosina Castro Junqueira. Aos 19 anos mudou-se para Orlândia, já farmacêutico, diplomado pela única escola de curso superior em Farmácia, na cidade de São Paulo. Suas atividades farmacêuticas iniciaram-se na farmácia de propriedade de Virgílio Ferreira Jorge. Pouco tempo depois, adquiriu sua própria farmácia, denominada Santa Genoveva, no centro da cidade. Em 1932, escreveu o livro Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, relatando sua participação na Revolução de 1932, como sargento de tropa. Casou-se em junho de 1933 com Brígida Galvão de França, com quem teve osfilhos Sílvia, José Oswaldo e Amaury. No mesmo ano tornou-se sócio da primeira indústria de Orlândia: a Indústria Fabrízio S.A., fabricante de torradores, frigideiras etc. Ao adquirir a totalidade de suas ações, tornou-se o único proprietário até o ano de 1977, quando faleceu. Destacou-se como agropecuarista e proprietário de fazendas em São Paulo e Minas Gerais, sendo também criador de cavalos da raça manga-larga. Foi um dos fundadores da Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia (Carol) em 1963. Na vida pública, exerceu o mandato de vereador por duas vezes e foi prefeito também por duas vezes, de 1938 a 1942 e de 1947 a 1949, uma por indicação do governador, outra por eleição. Foi diretor-presidente da Carteira Agrícola do Banco do Estado de São Paulo e eleito deputado estadual em São Paulo por duas vezes, no período de março/51 a março/59. Seu nome foi dado à mais antiga Escola Estadual de 1° e 2° graus de Orlândia, hoje Escola Estadual "Oswaldo Ribeiro Junqueira". (BLOG ORLÂNDIA ZIP NET, 2013; FÉLIX, 2012).



Fonte: Junqueira (1999)

Portanto, ao participar das comemorações das inaugurações oficiais das duas escolas, juntamente com o posto de saúde, a população orlandina externou seu agradecimento ao deputado estadual Oswaldo Ribeiro Junqueira pelas duas conquistas escolares, coincidentemente ratificadas pelas Leis n. 77 e n. 78, ambas de 23 de fevereiro de 1948, publicadas de forma seqüencial no Diário Oficial de 24 de fevereiro de 1948, e assinado pelo então governador de estado, Adhemar de Barros.

Os anos 1940 também apresentaram uma diminuição territorial no município de Orlândia, uma vez que, conforme o Decreto Estadual n. 14.334, de novembro de 1944, foi subtraído o distrito de Sales Oliveira, elevado à categoria de município, ficando Orlândia apenas com o distrito sede (FÉLIX, 2012).

Nesse pequeno contexto histórico, diante do crescimento populacional e econômico pelo qual passava o município de Orlândia, houve a exigência de maior oferta no campo educacional, o que resultou em esforços para a implantação de um Grupo Escolar na cidade, realidade que se concretizou em 1914.

4 A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE ORLÂNDIA

"A memória é um cabedal infinito, do qual só registramos um fragmento".
Ecléa Bosi

4.1 O Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" e o processo de racionalização e padronização do ensino

Conforme foi apresentado nas seções anteriores, o período republicano deu origem a um novo modelo escolar, no qual se propagava a união das escolas isoladas. Foram os princípios da época, apresentando algumas normas para que os municípios do estado de São Paulo pudessem receber autorização para construção dos prédios dos Grupos Escolares, destacando que esse modelo se expandiu posteriormente pelo país.

> A criação das escolas centrais é colocada como uma questão simples e decorrente do processo de reforma, bastando reunir em um só prédio as escolas existentes em uma localidade. Dessa forma, foram criados os Grupos Escolares por via de um artifício legal segundo o qual, havendo mais de uma escola no raio de obrigatoriedade escolar, o governo poderia autorizá-las a funcionar em um só prédio. A denominação de "grupo escolar" foi preferida a "escolas centrais", ratificando o sentido mesmo da reunião de escolas [...] (SOUZA, 1998).

Nesse contexto, o novo modelo educacional passou a vigorar no município, tendo como princípio a reforma no ensino primário com a racionalização e padronização do ensino. Como prática de garantia desses princípios, o Grupo Escolar era visitado constantemente por Inspetores Escolares, que tinham como função observar e relatar, através de registros escritos, a situação da Instituição.

Os inspetores observam todos os aspectos do funcionamento da unidade escolar, incluindo os alunos, os professores e a atuação do diretor, conforme pode ser conferido em registro feito em Livro de Atas na data de 23 de julho de 1913, no qual o Inspetor Escolar Sylvio Barros da época apresentou suas considerações sobre a escola:

> Visitei a 21 e 23 do fluente, este Grupo Escolar dirigido pelo distinto e esforçado professor Ilmo. Afonso Sette. Este Grupo Escolar que se acha em organização, mas pode ainda apresentar resultado apreciável, entretanto, notei muito boa disciplina e [...] ordem. O seu corpo docente é composto de professores unidos e operosos e o seu diretor bem vinculado, garantia segura

> para que, daqui a muito pouco tempo, este estabelecimento de ensino realize com os melhores do Estado. Orlândia, 23 de julho de 1913. Sylvio Barros- Inspetor Escolar (GRUPO ESCOLAR DE ORLÂNDIA, 1913).

Em outro registro, feito em 12 de novembro de 1913, o mesmo Inspetor Escolar apresentou suas impressões:

> Em comissão especial, estive hoje neste Grupo Escolar onde eu encontrei tudo em ordem. As classes funcionavam regularmente com bastante disciplina e grau de freqüência. Orlândia, 12 de novembro de 1913. Sylvio Barros– Inspetor Escolar (GRUPO ESCOLAR DE ORLÂNDIA 1913).

Estes registros e outros se encontram disponíveis no acervo do Centro de Memória Escolar da atual Escola Municipais Coronel Francisco Orlando, atual denominação do antigo Grupo Escolar.

4.2 As Concepções Arquitetônicas: aspectos arquitetônicos do "Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando".

O espaço físico dos Grupos Escolares foi pensado a partir das especificidades das atividades a serem desenvolvidas. Nesse sentido, Souza (1998) afirma que, apesar de os ideais apontarem para a valorização do aluno, o modelo utilizado para a construção das salas de aula levava em conta critérios disciplinares e a racionalização funcional.

Nessa perspectiva, observamos que a arquitetura dos grupos fora pensada em sua distribuição e disposição de cada espaço, sala de aula, jardim e a localidade da construção do prédio. As salas de aula eram retangulares com janelas grandes que favoreciam a entrada de luz, as janelas eram construídas em nível acima da cabeça dos alunos, sendo assim, estes não teriam a atenção voltada para fora da sala de aula (SOUZA, 1998).

A suntuosidade dos edifícios escolares na Primeira República é o enfoque da pesquisa de Luciano Mendes de Faria Filho (2000). *Dos Pardieiros aos Palácios: Cultura Escolar e Cultura Urbana em Belo Horizonte na Primeira República* e o mote da reflexão sobre o Grupo Escolar, enquanto instituição que sintetiza as expectativas pedagógicas e políticas de racionalização e modernização social e educativa. Este modelo instituição educativa ocupava um lugar central na cidade, construiu uma representação atrelada à forma de organização anterior da instrução publica – as Escolas Isoladas (FARIA FILHO, 2000, p.21).

Nesse sentido, a história dos Grupos Escolares, sob a percepção do educador, obedece a um esquema lógico "binário e polarizado" que a dinamiza. O movimento de

institucionalização da escola se faz do arcaico ao moderno, do velho para o novo, dos pardieiros aos palácios.

Outro aspecto físico relevante nos Grupos Escolares é a mobília das salas, pois estas foram segundo Souza (1998), pensadas especificamente para respeitar o desenvolvimento do aluno e favorecer postura corporal adequada. Neste sentido, as carteiras individuais evitavam o contato físico entre os alunos, bem como brincadeiras e distrações. "Ordem, limpeza e disciplina são componentes primordiais para uma boa organização escolar, fazem parte de um conjunto de dispositivos de contenção dos gestos, dos instintos, das emoções" (SOUZA, 1998, p.143).

Conforme se visualiza na Figura 13, da Sala de Aula do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando:

13–Sala de Aula do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando



Fonte: Arquivo da escola (s/d.)

O Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” seguiu os moldes arquitetônicos que buscavam firmar os ideais republicanos da escola pública oferecida na época. “Tipo Mogy-Guassú”, desenvolvido principalmente por José Van Humbeeck e Mauro Álvaro, com a participação de outros arquitetos.

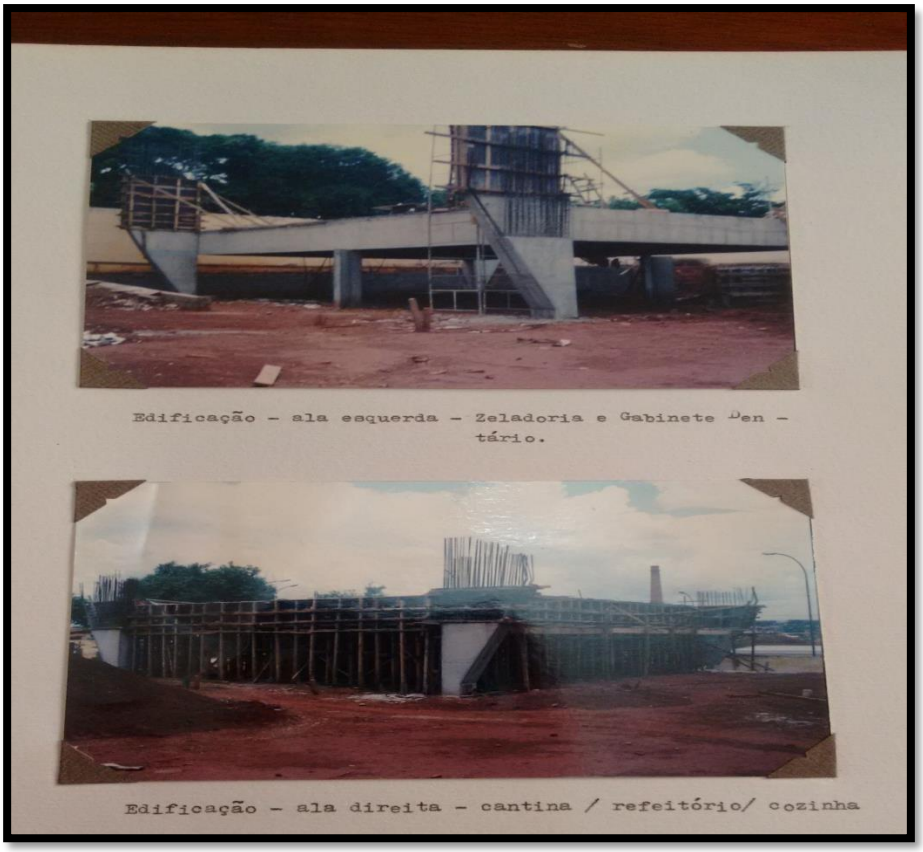
Neste projeto, o pátio não é totalmente contornado pela edificação, o que permite uma integração visual com o restante do terreno. No caso do Grupo Escolar “Coronel Francisco

Orlando" a planta foi assinada por José Van Humbeeck e a fachada por G. B. Maroni e foi instalado em 1914.

Em 1915, segundo o *Annuário do Ensino do Estado de São Paulo* daquele ano prédio possuía um porão e suas paredes construídas com blocos possuíam aberturas em arcos.

Dado seu alto valor histórico na evolução educacional do Estado de São Paulo, esse prédio foi tombado, juntamente com outras 122 escolas públicas da capital e do interior, pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), conforme publicação no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 07/08/2002, destacado na figura 14 :

14- Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando (tombado)



Fonte: Arquivo da Escola (s/d.)

Como podem ser observadas nas apresentações das figuras:

> [...]. Em primeiro lugar deve-se considerar sua localização ou adequações em relação a outros espaços e lugares; depois o local ou território ocupado e a distribuição, no mesmo, das zonas edificadas e não edificadas e, assim, seguir progressivamente, desde essas últimas até a sala de aula, passando pelo edifício em seu conjunto e sua distribuição interna em diversos espaços e usos. Além disso, entre um espaço e outro será necessário considerar áreas

> de transição – pórticos, corredores, áreas de espera (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.75).

Nessa perspectiva, e neste tópico, realizam-se reflexões sobre os aspectos arquitetônicos historicamente, da escolarização do município de Orlândia que teve início com a inauguração do Primeiro Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” no ano de 1914. O referido Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlado” tornou-se à primeira escola primária pública, como parte do projeto de urbanização do fundador da localidade.

O momento de criação desta instituição é de profunda crise da escolarização mundial, provocada pela Primeira Guerra Mundial e de altos índices de analfabetismo no país. Coronel Orlando, fundador da cidade, usando fortemente sua influência política, esmerou-se pela instalação da primeira escola primária na cidade, demonstrando o interesse pela instrução e educação de jovens orlandinos dentre os projetos de organização urbana do município. Na quadra reservada à escola foi construído um grupo escolar e na quadra destinada para tais fins, o fórum e a cadeia, com construção iniciada em 1914 (FÉLIX, 2012).

Assim sendo, ele doou o terreno para a construção do prédio e se empenhou fortemente para que o governo do Estado de São Paulo daquela época construísse as instalações da unidade escolar.

15– Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando, anos 1911/1914/1999



Deste modo, a planta original, datada em 1911 na figura 15, foi projetada pelo engenheiro Gian Batista Marone, cuja biografia nos foi cedida pelo restaurador Júlio de Moraes e foi transcrita nesse projeto.

O Prédio foi construído pelo Departamento de obras Públicas do Estado (DOE), feito em alvenaria, sem nenhuma adaptação, entre o que foi projetado e o que foi executado houve pequenas alterações.

Conforme afirma Pinto (2002, p. 13) o espaço físico da escola "[...] sua fachada e estrutura, o jardim, as salas de aula, os corredores, a sala dos professores e do diretor, enfim, toda a organização arquitetônica do espaço é parte importante desse determinado ambiente que educa." Nessa perspectiva, realizam-se reflexões sobre os aspectos arquitetônicos e espaciais do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", focalizando o exterior do prédio e os espaços internos. O dicionário de arquitetura (1999, p. 2) define-a como a "Arte de

construir edifícios para qualquer finalidade, tendo em vista o conforto humano, a realidade social e o sentido plástico da época em que se vive".

Em relação ao espaço, é possível constatar que as atividades humanas necessitam de espaço e tempo determinados, o espaço é pensado, enquanto o lugar é construído, nessa perspectiva, a compreensão do espaço está relacionada com a atividade humana (FRAGO, 2001).

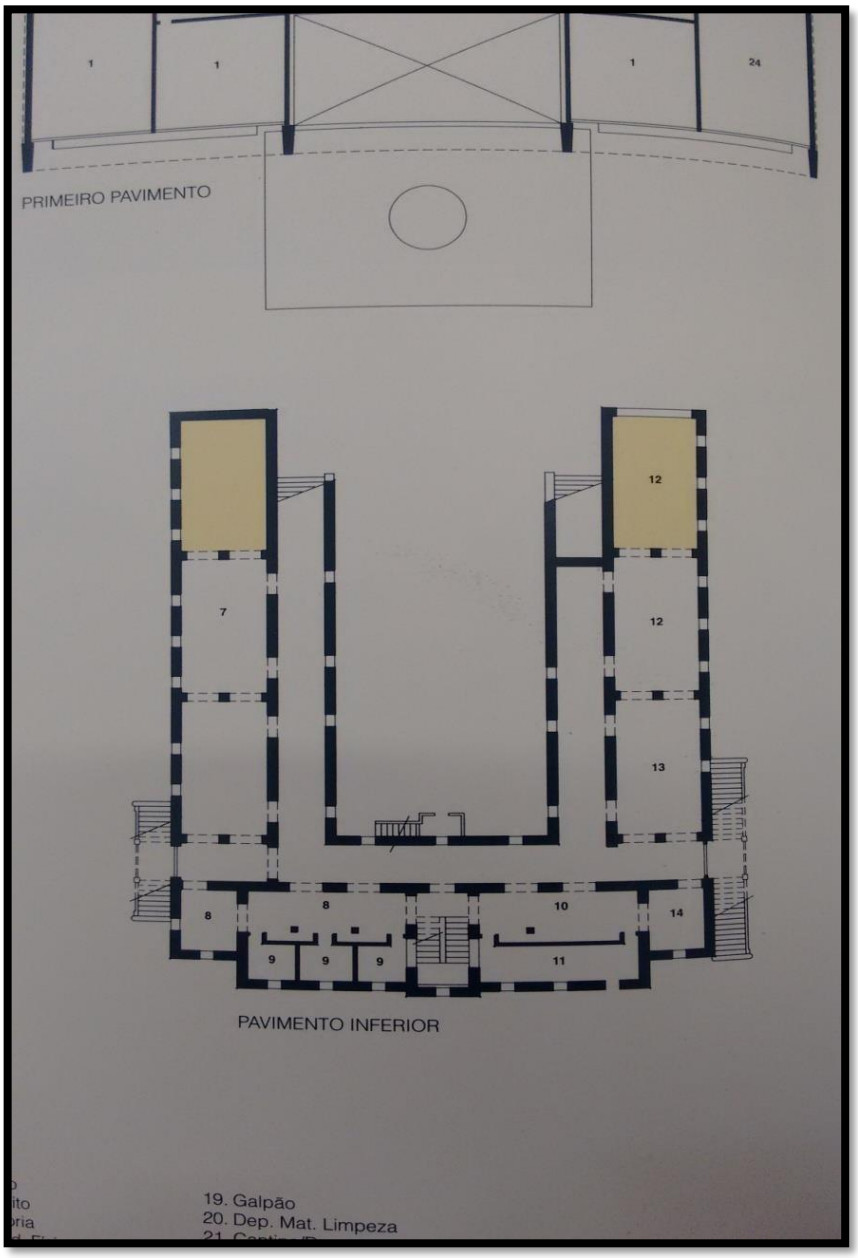
Segundo Frago; Escolano (2001, p. 64):

> [...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo.

O Grupo Escolar ocupa um lugar e um espaço e historicamente o "[...] planejamento da localização dos edifícios escolares seria conseqüência, no século XX, tanto da introdução da escola seriada, como da política de construções escolares [...]" (FRAGO, 2001; ESCOLANO, p. 88) e a "[...] aceitação da necessidade de um espaço e de um edifício próprios, especialmente escolhidos e construídos para ser uma escola, foi historicamente o resultado da confluência de diversas forças ou tendências" (FRAGO; ESCOLANO 2001, p. 73). A partir da leitura do texto de Frago (2001), buscou-se compreender o espaço do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" da cidade de Orlândia/SP, focalizando o exterior e o interior do prédio em que funcionou essa instituição.

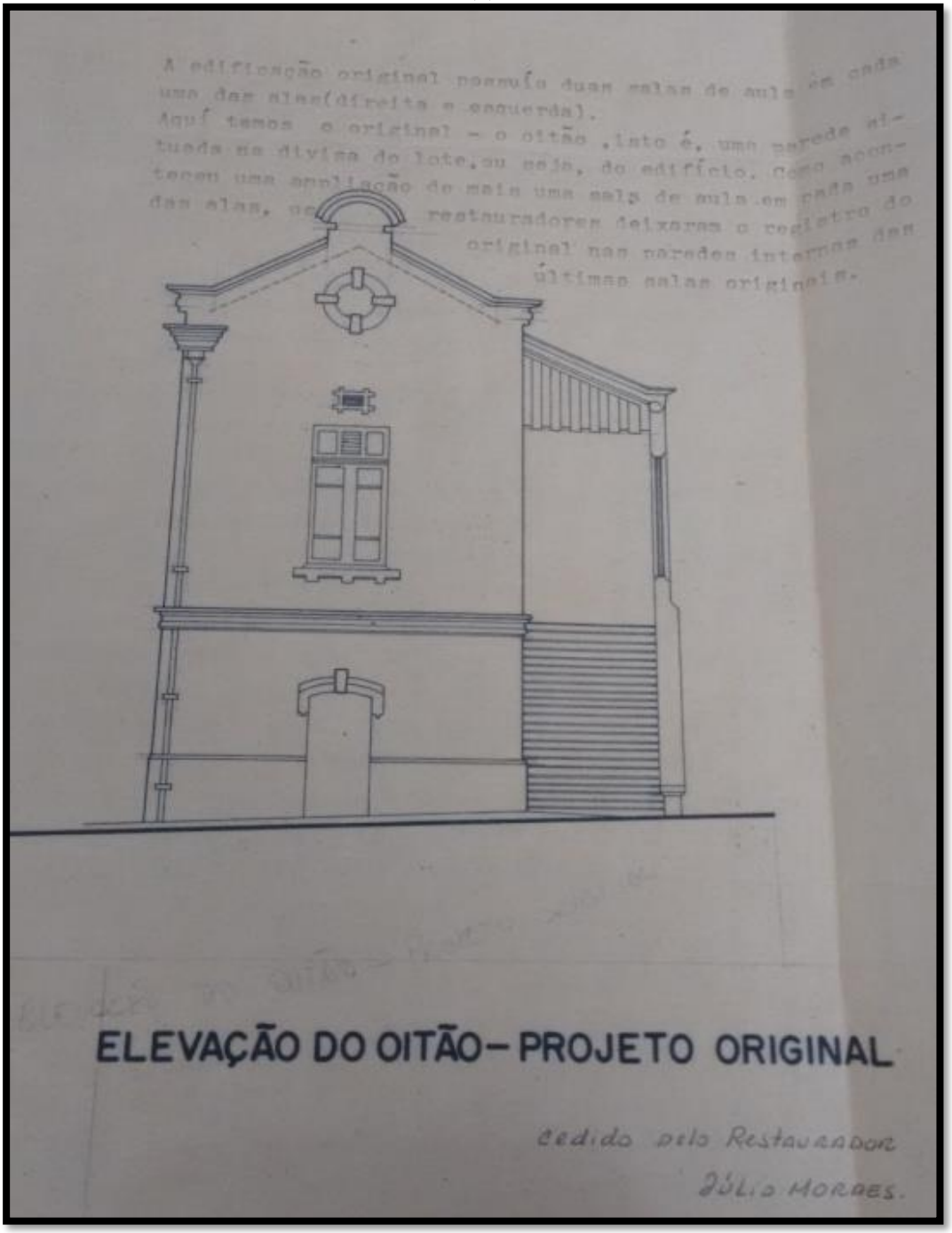
O Edifício Escolar está classificado como pertencente à Tipologia 1910 Mogy-Guassu, projetado pelo Engenheiro Gian Batista Maroni, o projeto foi feito em alvenaria sem nenhuma adaptação entre o que foi projetado e o que foi executado como podem observar na figura 16:

16–A planta do terreno data de 06/1911, no Departamento de Obras Públicas do Estado (1)



Fonte: Moura arquitetura, tirada pela autora (2017)

Figura 17 – A planta do terreno data de 06/1911, no Departamento de Obras Públicas do Estado (2)



Fonte: Moura arquitetura, tirada pela autora (2017)

Destaco a figura 17, que foi anteriormente apresentada, a varanda acompanha internamente o edifício, duas entradas para o prédio, nas alas laterais, dois acessos da rua ao prédio, o porão e um muro que separava os ambientes do recreio dos meninos e das meninas,

que se estendia no sentido do prédio para os banheiros, havia a entrada dos meninos no frontal direto e a entrada das meninas no frontal esquerdo.

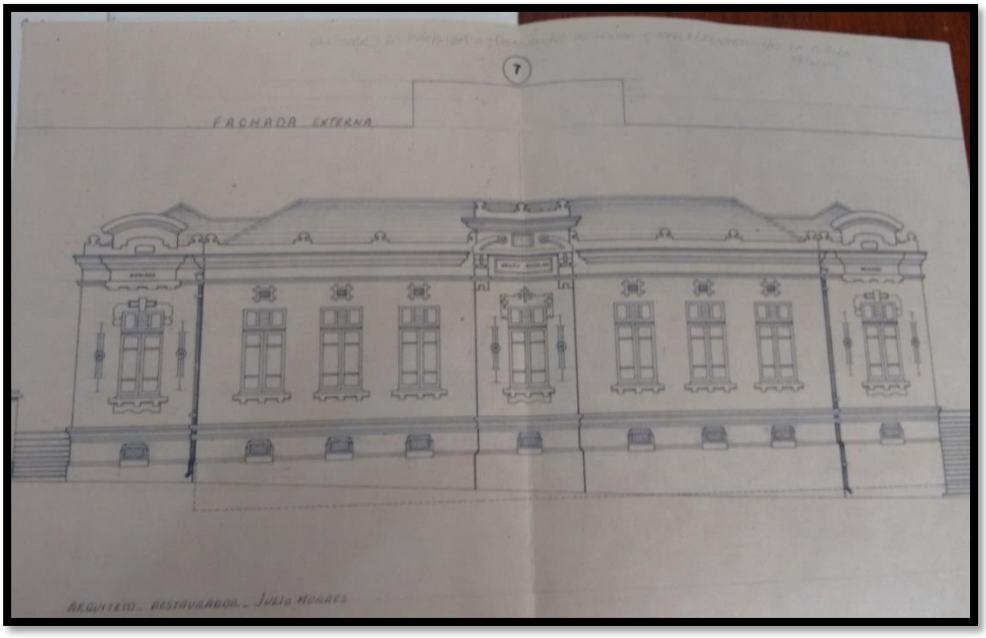
No inicio do século XX, era um fato reconhecido a construção de instituições educativas na altura de praças, a época, espaços de convivências da sociedade as instituições educativas eram mais um momento republicano a ser admirado e a transmitir seus valores. Por outro lado, a instituição assumia uma identidade que a consagrou enquanto instituições por meio da disposição do espaço e do tempo, da organização do programa de ensino por cursos, organizados em classes de alunos.

Segundo Magalhães (2004, p. 142), há instituições em prédios de origem e instituições em prédios adaptados e, ao se observar essas instituições, devem-se considerar alguns aspectos:

> [...] como localização, projeção e plano arquitetônico, processo de licenciamento, enquadramento paisagístico e urbanístico e tipo de construção, organização dos espaços, estado de conservação, adaptações arquitetônicas e espaciais. A implantação do edifício na paisagem física e humana, os acessos e formas de isolamento e/ou de relação refletem, condicional ou estimulam a relação com a comunidade envolvente.

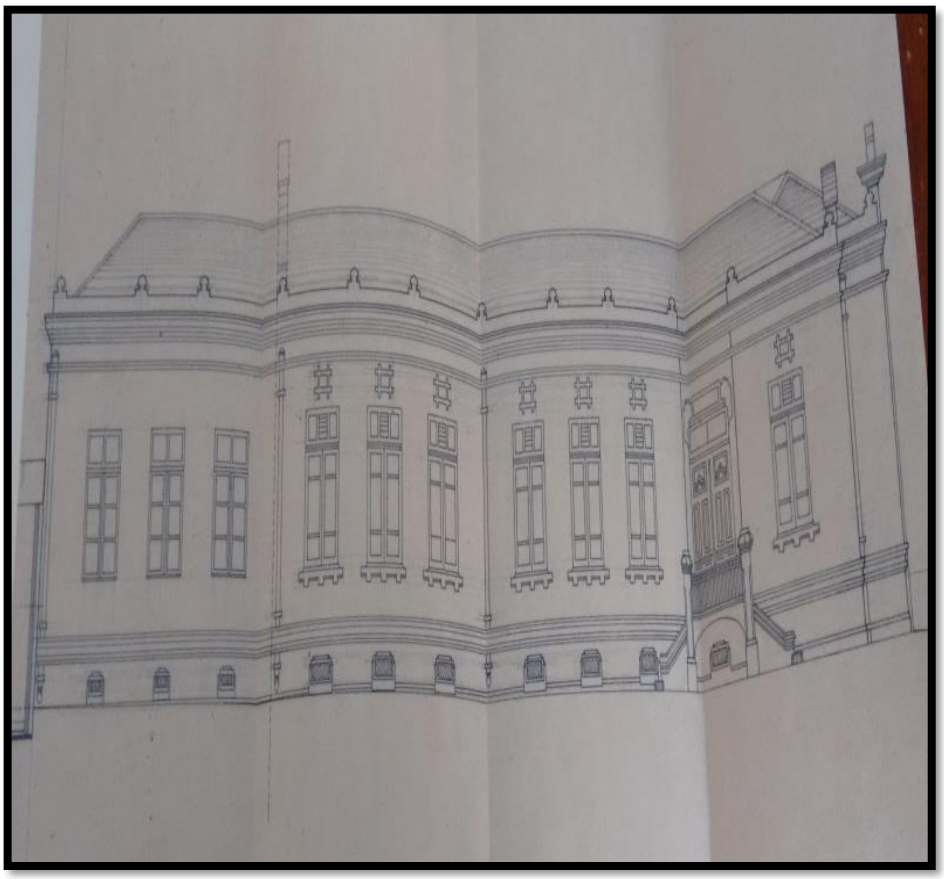
Além disso, "[...] se pode perguntar como e em que circunstâncias foram feitas as obras de conservação, ampliação, reajustamento dos prédios. Nos processos de construção, como nos processos de adaptação, não deixa de haver áreas pedagógico-didáticas prioritárias" (MAGALHÃES, 2004, p. 143).

18 – Entrada da esquerda do prédio 1911



Fonte: Moura arquitetura, tirada pela autora (2017)

19 – Fachada externa do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ano 1911



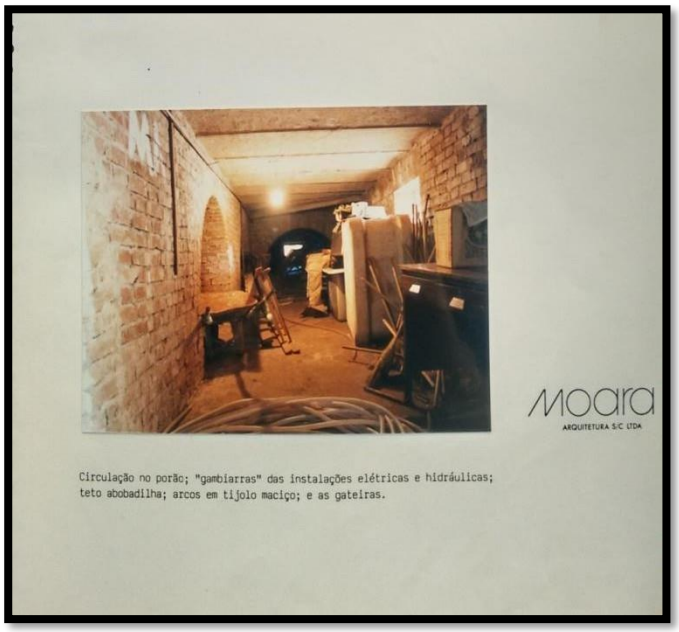
Fonte: Moura arquitetura, tirada pela autora (2017)

Então, com base em Magalhães, abordar aspectos da relação da cidade, com a escola, a partir da sua arquitetura, com relação ao terreno em que foi instalado no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", a documentação sobre as reformas datam de 1925 a 1961, compõe-se de correspondências, contratos, propagandas, solicitações, registradas no DOP (SÃO PAULO, 1909) e no arquivo do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

A partir da visualização da planta do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", é possível constatar que o prédio dessa instituição é composto por os aspectos espaciais, desse modo, a comparação feita de uma foto da planta original do GE de 1914, refere-se a 1 sala de aula, 9 áreas de circulação, 10 Diretoria-Sala dos professores, 14 Pátio interno, 8Banheiros Masculino e Feminino, 13 Varanda Interna, 3 passeios-entrada.

Entretanto, visualiza-se que o atual 2º. Andar desse prédio, na planta do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" é denominado de térreo o que possibilita inferir que provavelmente no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", somente era utilizado dois andares do prédio e eventualmente utilizavam o andar localizado no subsolo que era denominado de "porão".

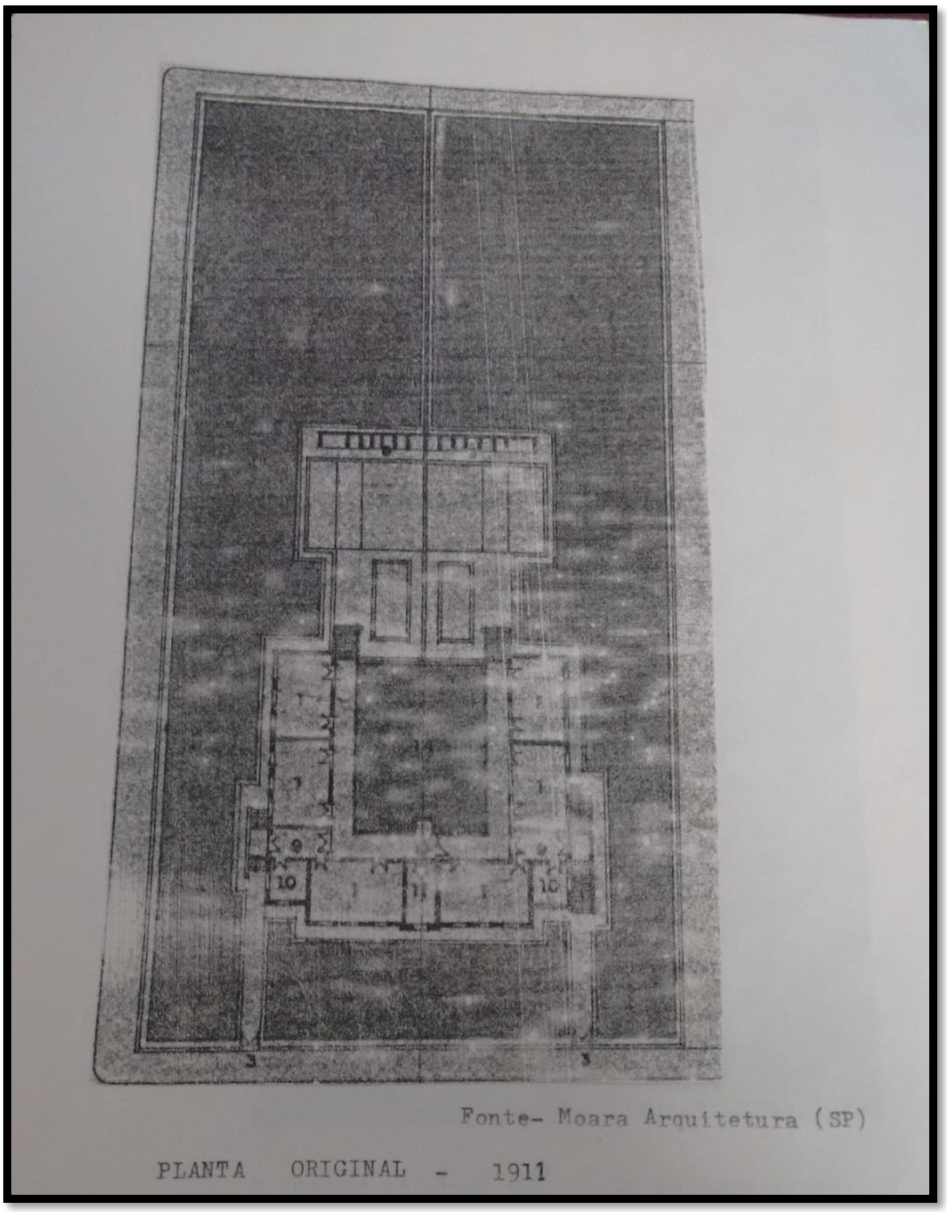
20- Porão do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ano 1922.



Fonte: Moura arquitetura, tirada pela autora (2017)

A partir da apresentação da figura 20, constata-se que o denominado pavimento térreo do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" apresenta-se a planta original é aritmeticamente em forma de "U", apresenta seis salas de aulas, uma diretoria, duas salas dos professores localizadas no início de cada uma das alas laterais, oito sanitários divididos, nos fundos do terreno uma área (pátio aberto), a "oitão" isto é a edificação original possuía duas salas, uma parede situada na divisa do lote, ou seja, do edifício, como aconteceu uma ampliação de mais uma sala de aula em cada uma das alas, uma ampliação dos restauradores deixaram o registro do original nas paredes internas das últimas salas originais.

21– Planta original do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ano 1911.



Fonte: Moura arquitetura, tirada pela autora (2017)

Após observamos a planta em forma de "U" em 1914, atualmente a escola pertence à rede municipal de ensino básico, com a denominação de Escola Municipal de Educação Básico Coronel Francisco Orlando, atendendo mais de 700 alunos, do 6º ao 9ºano do ensino fundamental, em 14 salas de aula (FÉLIX, 2012), tendo comemorado cem anos no corrente ano de 2014 (CENTENÁRIO 2014).

Segundo Frago (2001, p.11):

> Apesar da importância da dimensão espacial da atividade humana em geral, e da educativa em particular, essa última é uma questão não estudada nem a fundo nem de modo sistemático quando a minha atenção se dirigiu a essa questão, foi para centrar-se mais [...] propostas efetuadas em relação à distribuição e usos do espaço escolar e dos aspectos construídos, higiênicos e pedagógicos dos edifícios escolares, do que nos aspectos de índole antropológica e relacionados com a história da escola como lugar e de sua realidade material. (FRAGO; ESCOLANO 2001, p.11).

Essas transformações Que novas práticas requerem a gestão da escola cidadã, como formadora de sujeitos emancipados, governantes na nova sociedade do conhecimento, pela inserção no mundo do trabalho?

Cabe acrescentar: grupo escolar público, classes de 40 alunos, carteiras duplas, com buraco para se colocar o tinteiro no meio, fileiras com cinco carteiras e um professor por classe ministrando aulas de segunda a sábado, das 8 às 11 horas.

A clientela era eclética, com quase todos os segmentos sociais representados: exceto pouco mais de dez alunos, as turmas tinham filhos de famílias modestas, operários, empregados no comércio, bancos e funcionários, públicos em início de carreira. Eu era típico representante desses pouco mais de dez alunos, em cujas casas havia biblioteca e até máquina de escrever – além de receber diariamente um jornal da capital e outro do interior.

Vários colegas trabalhavam a partir do meio-dia e crianças negras era quase metade da sala. Dois anos após *Os herdeiros e quatro anos antes de A reprodução (1970),* portanto em 1966, Bourdieu publicou na Revue Française de Sociologie o artigo *"A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura*". Nogueira e Catani escreveram que tal artigo:

> [...] assinalou uma etapa decisiva na exploração das funções escolares de reprodução cultural e de conservação social. Rompendo com as explicações fundadas em aptidões naturais e individuais e ensejando – de modo praticamente pioneiro – a crítica do mito do 'dom', o autor desvenda as condições sociais e culturais que permitiram o desenvolvimento desse mito. (1998, p. 9).

Acrescentávamos que também desmontavam os mecanismos pelos quais "o sistema de ensino transforma as diferenças iniciais – resultado da transmissão familiar da herança cultural – em desigualdade de destino escolar" (1998, p. 9), recuperando, portanto, muito do que já havia trabalhado com Passeron em 1964. No primeiro parágrafo de seu artigo, escreve que:

> [...] é provável, por um efeito de inércia cultural, que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da 'escola libertadora', quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (Bourdieu, 1998, p. 41).

São dados passos significativos na elaboração de uma teoria do funcionamento e das funções sociais do sistema escolar. Reconhece a escola, ao ignorar desigualdades culturais entre crianças de diferentes classes sociais ao transmitir os conteúdos que opera, bem como seus métodos e técnicas e os critérios de avaliação que utiliza, favorece os mais favorecidos e desfavorece os mais desfavorecidos. “Em outras palavras, tratando todos os educando, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura” (Bourdieu, 1998, p. 53).

Segundo os apectos estruturais do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” na figura 22, estão as colunas metálicas que suportam a cobertura da varanda, ao fundo ao alcance da escada as duas de madeira, que se acham comprometidas e serão substituídas. As junções de peitoril com as colunas na quase totalidade se acham comprometidas, desgastadas e enferrujadas.

22– Grupo Escolar em Restauração



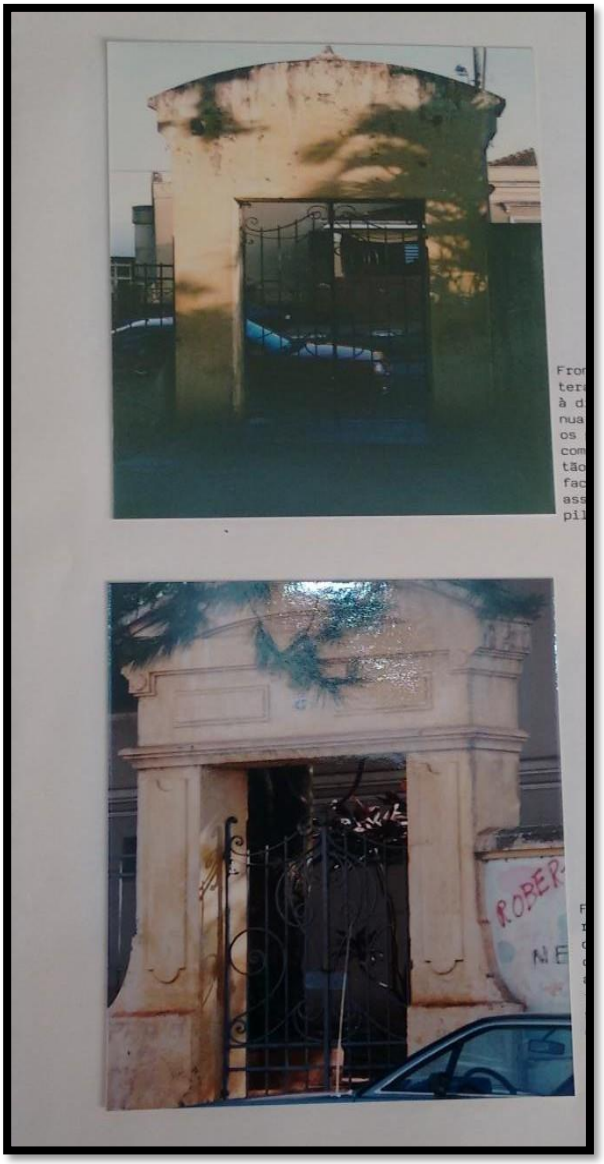
Fonte: arquivos da escola (s/d.)

De acordo com a figura 22 os pilares serão substituídos por peças semelhantes, um no início e outro no fim do lance da escada. O condutor de água pluvial irá permanecer nesse local. Notar o peitoral de alvenaria que será demolido; com o basculante que será retirado, assim como o telhado do passadiço do galão.

Segundo Frago (2001, p. 21), além disso, pouco se importavam com o espaço escolar devido à dificuldade de integrar profissionais, como o arquiteto, o pedagogo, o médico-higienista e o político-administrativo, pois são áreas específicas que, integradas, podem analisar a escola na sua dimensão espacial, humana e educativa.

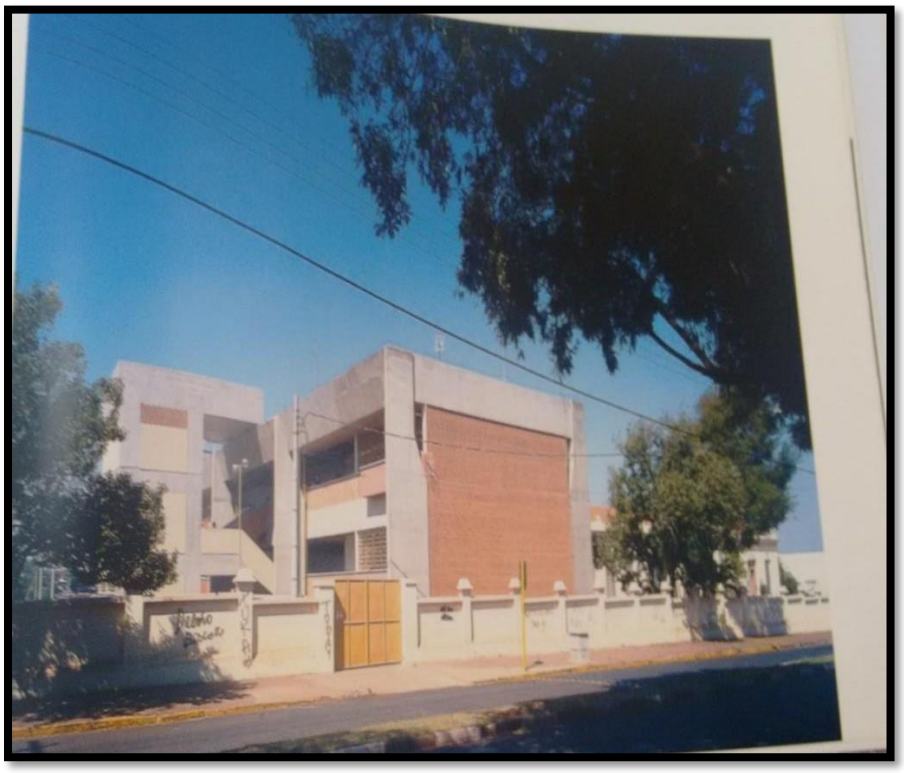
Como podemos observar na figura 23 e 24 a Entrada do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, na lateral esquerda mais danificada, talvez pela localização de ficar no oeste. As molduras em bom estado, e à frente, os pelareis do muro do fechamento na Avenida 3.

23 - Entrada do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" (1)



Fonte: arquivo da escola (s/d.)

24- Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" (2)



Fonte:arquivo da escola (s/d.)

25 – Pátio do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando, ano 1922.



Fonte:arquivo da escola (s/d.)

Constata-se na figura 25, a lateral esquerda da varanda, última sala que foi anexa na Reforma 42/44 tem só uma porta, ao contrário das salas da construção que tem duas portas basculantes. Será retirado o peitoral da cerâmica das gateiras, algumas ampliações nas áreas da cobertura (2 salas acrescentadas) estão desalinhadas, pátio e corredor serão mantidos com os pisos conforme a Reforma de 42/44, que acompanha a foto original.

A partir dessas análises e das apresentações das fotos acima, essas atividades contribuem para a compreensão sobre espaço como um "constructo humano" e logo, não podem haver sem a existência (não só a presença) humana.

Essa presença modifica os usos dos espaços, recriando e tendo todo um significado e uma finalidade para os alunos; e, se os atendem e precisam de um espaço para acontecer, estes também reproduzirão um significado para os mesmos. Afirmo isto com base na análise de Viñao Frago sobre o espaço escolar:

> Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender; com a educação. Dessa forma entende-se que a escola é pensada para ser um espaço para as práticas de ensino-aprendizagem, tendo um programa específico de necessidades destinadas a prática do educar (FRAGO; ESCOLANO,2001, p.61).

Portanto,considera-se que o denominado pavimento térreo do Grupo Escolar "Coronel Fancisco Orlando" consiste em um quadrado com braços abertos, ficando ao lado esquerdo do prédio.O plano arquitetônico demonstrado resguarda a parte interna da instituição, ou seja, resguarda a área destinada especificamente ao aspecto pedagógico.

Inicialmente, o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" tinha apenas um período de funcionamento, entretanto, com o aumento do número de matrículas, os meninos passaram a ter aulas no período da manhã (sendo orientados pelos professores), enquanto que as meninas passaram a ter aulas no período da tarde (sendo orientadas pelas professoras).

No começo do funcionamento da escola em 1914, havia apenas uma classe de pré-primário o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", entretanto, a professora iniciou os trabalhos junto às crianças de uma nova classe infantil, as turmas foram divididas por sexo: feminino e masculino.

Sobre essas salas, constavam matrículas de alunos a partir de 4 e 7 anos, sua religião (sendo a grande maioria católicos), a naturalidade, o nome da criança, a filiação e a profissão dos pais. Este projeto cuja finalidade era abrigar grupos escolares, também foi implantado nos municípios de Mogi da Cruzes, Ituverava, Pereiras, Itápolis, Santo André e Itapetinga. Nele, o pátio não se encontra totalmente contornado pela edificação, o que permite uma integração

visual com o restante do terreno, com uma planta em forma de U, cujo lado direito era destinado às meninas e o esquerdo, aos meninos.

Essa separação continuava no pátio descoberto, com um muro de fechamento prolongando-se até o fundo do terreno. No caso do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", a planta foi assinada por José Van Humbeeck e a fachada, por G. B. Maroni. O prédio deixou sua marca no cenário urbano, com sua arrojada e sólida construção do início do século XX (ATAS, 1922 – 1929).

Seguindo o modelo ideal da escola primária apontado por Souza (2008), o grupo escolar de Orlândia foi instalado em uma construção imponente, na região central da cidade, privilegiando a clientela urbana, oferecendo um curso completo de quatro anos.

A eficácia deste sistema de ensino teve seu alicerce na graduação em séries, no cumprimento dos programas, no sistema de avaliação com função pedagógica e disciplinar e na disciplina dos alunos, configurando uma educação para o povo, mas altamente hierarquizada e excludente.

Mas a partir dos textos estudados, dentro da história da educação, tornou-se viável a ênfase na dimensão espacial da atividade educativa e da escola como realidade social material, cultural e infraestrutural.

Sendo assim, a questão do espaço adquiriu importância nos últimos tempos, assim podemos perceber que pelos dados que encontramos no Censo dos dados do IBGE (1999) podendo ser apreciados no quadro 3 para mostrar a infraestrutura e as dependências do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando":

Quadro3- Infraestrutura e Dependências do Grupo Escolar

INFRAESTRUTURA	DEPENDÊNCIAS
Água Filtrada	14 salas de aulas
Água de rede pública	55 funcionários
Energia da rede pública	1 Cozinha
Lixo destinado à coleta periódica	2 Sala de professores
Acesso à Internet	1 Laboratório de informática
	2 Quadra de esportes coberta
	Alimentação escolar para os alunos
	1 Biblioteca
	2 Sala de Leitura
	1 Sala de secretaria
	1 Almoxarifado
	1 Refeitório

Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

A figura 24 apresenta uma foto do referido Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, publicada em 1957, com o prédio com mais de 40 anos. Este conserva até hoje a mesma fachada, sendo que apenas a rua de frente à entrada principal foi modificada pela retirada do canteiro central. Embora com entrada comum, os espaços de alas, classes e recreios eram separados para atendimento dos dois sexos até 1967, quando se tornaram mistos (FÉLIX, 2012).

Sob a perspectiva de contextualização histórica, é importante ressaltar que desde o início da República no Brasil, os republicanos defendiam um conjunto de ideais de reforma educacional para consolidar a distância que os separava dos tempos passados. Apregoavam, então, a necessidade de:

> [...] fundar uma escola identificada com os avanços do século, uma escola renovada nos métodos, nos processos de ensino, nos programas, na organização didático-pedagógica; enfim, uma escola moderna em substituição à arcaica e precária Escola de Primeiras Letras existente no Império (SOUZA, 2015, p.29).

No período inicial de funcionamento da Escola Primária "Coronel Francisco Orlando", predominava no Estado de São Paulo o modelo escolar paulista e a referida unidade escolar seguia os pressupostos desse modelo.

De acordo com Carvalho (2011), o referido modelo é constituído pelas inter-relações que articularam sistematicamente seus componentes; sendo fundamentado na reprodução de bons moldes; ou seja, a cópia ou imitação de modelos.

> [...] diante das novas idéias pedagógicas que difundiam no país, provocando debates e gerando iniciativas de reforma escolar em outros Estados, que lugar atribuir à velha escola paulista que tantos anos de glória havia conhecido, impondo-se no país como modelo de modernidade pedagógica? É dessa disputa que a chamada pedagogia da escola nova emerge vencedora, reivindicando para si o monopólio do novo e do moderno, pejorativamente, os saberes pedagógicos concorrentes como “pedagogia tradicional” (CARVALHO, 2011, p.195).

Foi nesse período de mudanças que a unidade escolar em estudo se consolidou como o marco inicial do período de escolarização do município de Orlândia. Há que se ressaltar também a questão da valorização social do professor e do início da profissionalização do magistério primário como dois elementos significativos das transformações educacionais, ocorridas no período histórico de criação da Escola Coronel Orlando.

Sobre essa questão da valorização do professor, Souza (2006, p.5) menciona:

> Os princípios organizacionais que passaram a reger a vida escolar, principalmente nos grupos escolares, foram vistos como facilitadores do trabalho docente. Além disso, compensados com melhores salários e com uma valorização social que lhes atribuía reconhecimento e status, o magistério primário aceitou, ainda que não unanimemente, boa parte das inovações implantadas naquele momento. Isso talvez explique por que uma nova cultura escolar foi se configurando a partir de então.

Em face dessa cultura escolar que se configurava, para o movimento Escola Nova, o professor deveria considerar alguns pressupostos em sua prática pedagógica, concebendo:

> [...] a escola como um espaço aberto à iniciativa dos alunos que, interagindo entre si e com o professor, realizam a própria aprendizagem, construindo seus conhecimentos. Ao professor cabe o papel de acompanhar os alunos auxiliando-os em seu próprio processo de aprendizagem. O eixo do trabalho pedagógico desloca-se, portanto, da compreensão intelectual para a atividade prática, do aspecto lógico para o psicológico, dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos de aprendizagem, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade (SAVIANI, 2005, p.2).

Na década de 1930, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tem-se uma nova política de edificações escolares, que preconizavam a construção de prédios mais econômicos e simples. Nesse contexto, Anísio Teixeira (no Rio de Janeiro, em 1933) e Almeida Júnior (em São Paulo, no ano de 1936) apresentavam propostas para a construção de prédios escolares de acordo com esses novos padrões (CORRÊA; NEVES; MELLO, 1991).

Nessa nova concepção pedagógica social do processo de escolarização, na década de 1930 duas professoras do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", da década de 10 ainda pertenciam à escola, poucos alunos concluíram o quarto ano e os professores não se especializavam, a média dos alunos era de 6,0, maior nota obtida 7,0 em (GRUPO escolar 1930-1935).

Destaco o Clube Recreativo de Esportes de Orlândia (CREO), que nasceu em 1917,



em terreno cedido pelo Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira ao lado do terreno doado para a instalação do Grupo Escolar, já na época com a finalidade de fundar-se ali um lugar para amenizar a monotonia noturna da cidade de Orlândia-SP.

O prédio do Grupo Escolar de Orlândia, hoje, Escola Municipal Coronel Francisco Orlando foi o único bem tombado na cidade de Orlândia, no caso, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), órgão público que tem como finalidade proteger, valorizar e divulgar o patrimônio cultural no Estado de São Paulo.

4.3 O perfil do diretor do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando

Quando se iniciou o ensino público paulista nos grupos escolares o diretor assumiu o papel central, sendo visto como peça chave na organização da escola (SOUZA, 1998). Nesse sentido, Thompson (*apud* Souza, 1998) dizia que para o governo, o diretor era único responsável pelo grupo escolar. A autora relata que o diretor era nomeado pelo governo, deveria ser formado pela Escola Normal do Estado e continuar a lecionar em sala de aula, porém com o auxílio de um professor adjunto.

A posição de diretor era, em sua maioria, ocupada por homens, dada a diferença entre os gêneros na época e, desse modo, às professoras havia somente a perspectiva do magistério, enquanto que os professores poderiam seguir carreiras:

> As competências do diretor estabelecidas na legislação foram sendo ampliadas com o passar do tempo, abrangendo aspectos administrativos e pedagógicos [...] Cabia a este fiscalizar todas as classes durante o funcionamento das aulas, elaborarem horários, representar a escola, propor ao governo criação e supressão de lugares de adjuntos no grupo e nomeação e dispensa de professores, indicarem a nomeação de porteiros, contratar e despedir porteiro e servente, proceder a matrícula, classificação e eliminação de alunos, submetê-los a exames mensais e finais, responder por toda a escrituração da escola, organizar folha de pagamento e diário de ponto,apresentar relatórios anuais, além de fazer cumprir as disposições legais sobre o recenseamento escolar e impor ao pessoal as penas em que incorressem (SOUZA, 1998).

Diante de todas essas competências exigidas ao diretor, o professor perdeu certa medida na autonomia que possuía nas escolas, pois os Grupos Escolares tinham como objetivo a racionalização e a uniformização do ensino. Todo esse autoritarismo, por parte do diretor, causava freqüentes conflitos com professores.

Observamos que era papel do diretor criar ou fechar lugares de professores adjuntos, bem como nomear e dispensar os docentes. Nesse sentido, encontramos alguns documentos preservados no Centro de Memória Escolar na atual Escola Municipal "Coronel Francisco Orlando", nos quais o então diretor Afonso Sette, no ano de 1913, nomeia como professor adjunto, Octávio Francisco da Silva e as professoras Julieta de Campos e Iracema Alves. Esses documentos registram a promessa dos professores de fidelidade à República, respeitando suas leis, sendo assinados tanto pelo professor quanto pelo diretor.

> Aos vinte e seis dias do mês de abril de mil novecentos e treze neste Grupo Escolar, perante o diretor, compareceu Octavio Francisco da Silva, nomeado professor adjunto do mesmo estabelecimento, e prometeu ser fiel à causa da República, observar e fazer observar suas leis e regulamentos e ser exato no cumprimento dos deveres do seu cargo. Em virtude do que foi lavrado o presente termo, que assegura, com o diretor, o aludido professor adjunto. Octavio Francisco da Silva (GE. 1913).

Quanto ao primeiro diretor do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, Affonso Sette, destaca-se sua trajetória de vida antes, para assumir o esse cargo, para o qual fora nomeado. Ainda garoto, Sette foi sobrevivente da Guerra ocorrida na última década do século XIX no sertão da Bahia, de onde foi resgatado pelo escritor e jornalista Euclides da Cunha.

Segundo Junqueira 1999, emblemático e merecedor de reflexão são o fato de que, livre das mãos dos bárbaros, ao dar início ao seu processo de inserção no mundo considerado como civilizado e ser matriculado na Escola, ganha uma data de aniversário – 15 de novembro. Contudo Junqueira afirma não ter conhecimento sobre a data real do seu nascimento e que possivelmente esta data tenha sido escolhida a fim de marcar sua nova vida, então foi escolhida a data da Proclamação da República.

Tendo concluído seus estudos na Escola Normal de Campo em 1908, Afonso Sette se formou professor primário, na cidade paulista em que constitui família, casando-se com Beatriz Lima, com quem teve quatro filhos. Cinco anos depois, em 1913 foi então nomeado diretor interino do Grupo Escolar de Orlândia. Sette faleceu aos quarenta e três anos no ano de 1934.

4.4 O exercício do magistério no grupo escolar de Orlândia

Com a reforma do ensino primário, Souza (1998) afirma que houve a necessidade da renovação da formação dos professores. A Escola Modelo atrelada à Escola Normal era incumbida de formar professores capacitados para atuar no ensino primário. No entanto, havia

dificuldade para tal, pois havia urgência na formação de professores para atender ao novo modelo escolar.

O governo, então, visando suprir a carência de profissionais da educação "[...] se utilizou das escolas complementares, correspondentes ao segundo grau do curso primário para a formação de professores [...]" (SOUZA, 1998 p.64). De acordo com essa ação do governo o ensino complementar do ensino primário foi descaracterizado, estabelecendo assim a dualidade da formação de professores. A escola normal oferecia educação de qualidade superior e a escola complementar um ensino precário comparado ao anterior.

Segundo Souza (1998), apesar do governo paulista procurar investir na formação dos professores e valorizar o magistério com concessão de melhores salários aos professores, aos poucos o salário foi se tornando menos atrativo para os homens. Com isso, a utilização do trabalho feminino no campo da educação foi ganhando espaço e, devido ao aumento das escolas e a necessária contratação de mais professores, as mulheres começaram a se sobressair nessa área.

Esta tendência pode ser notada na composição do primeiro corpo docente do Grupo Escolar de Orlândia em 1913, do qual faziam parte, cinco do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Os primeiros professores desse grupo, duas mulheres, foram elas Maria Pinto da Fonseca, Julieta Muller, e seis homens José Scarelli, Luiz Gonzaga, Mario Marques de Oliveira, Eurico Ferreira de Mello, José Santoro e Alfredo Vieira de Moura.

4.5 Meninos e meninas: os alunos do Grupo Escolar de Orlândia

Segundo Souza (1998), os alunos dos primeiros Grupos Escolares originavam-se dos grupos sociais favorecidos, ou seja, grande parcela da população estava fora da escola. O intuito inicial dos Grupos Escolares era oferecer uma educação pública e de qualidade para todos, no entanto, pode-se observar a barreira em colocar as crianças pobres e ricas no mesmo ambiente.

Souza (1998) relata que a qualidade do ensino oferecido pelas escolas-modelo e nos Grupos Escolares fazia-os atrativos para os filhos dos abastados, que mesmo podendo pagar uma escola particular, preferiam poupar gastos. A qualidade era marca do ensino público e, muitas vezes, estes eram escolhidos, enquanto os pobres ficavam excluídos.

Com intuito de solucionar esse problema aparente, Souza (1998) cita que a partir de 1906 em algumas localidades em que o número de candidatos excedia o número de matrículas disponíveis, passaram a ter como prática sorteios para os ingressantes.

> A Inspetoria Geral do ensino não se preocupou em recolher dados sobre as condições sociais dos alunos das escolas públicas, embora exercesse controle sobre matrícula, freqüência e promoção. Verifica-se, portanto, uma preocupação acentuada com aspectos relacionados à organização administrativa e a eficiência do ensino. Os únicos dados referentes às características dos alunos, solicitados pela Inspetoria, diziam respeito à média das idades e a nacionalidade. O primeiro deles se explica pela observância da obrigatoriedade escolar e pela preocupação com a homogeneização das classes – elemento fundamental nas escolas graduadas O segundo refere-se à nacionalidade e às políticas de nacionalização imigrante. (SOUZA, 1998, p.108-109).

Em suma, o histórico do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", situado na Rua número 4 – 146 apresentam que este funcionava em prédio próprio, de propriedade do Governo do Estado, foi instalado em 1.º de maio de 1914, seu primeiro diretor o Prof. Affonso Sette, os primeiros professores José Scarelli, Luiz Gonzaga, Mario Marques de oliveira, Eurico Ferreira de Mello, José Santoro e Alfredo Vieira de Moura.

Subseqüentemente, o então atual diretor Sette foi removido para o Grupo Escolar Coronel Porto, em Jacarely, onde foi diretor efetivado por decreto de 27 de abril de 1931, assumindo o exercício a 9 de maio do mesmo ano. Tendo sido diretor nomeado para dirigir em comissão, em 23 de janeiro de 1930, assumindo o exercício a 6 de fevereiro do mesmo ano.

A harmonia que procura a direção manter entre todos os seus auxiliares é ponto principal de êxito no ano do seu trabalho, orientando mais com autoridade do que, propriamente, com autoritarismo. No ano letivo em questão, muitos foram os fatores perturbadores de boa marcha dos trabalhos escolares, avultando dentre eles a falta de água.

A direção foi obrigada, logo no começo do segundo semestre, a modificar de acordo com a Delegacia Regional de Ribeirão Preto, o horário das aulas, diminuindo para duas horas em cada período, pois somente até as dez horas o prédio possuía água para os seus necessários serviços, retornando, em proporção escassa, às três horas da tarde, para terminar de vez às cinco da tarde (GE ata 1930).

Assim funcionou o estabelecimento durante quase cinco anos, mesmo das oito às dez horas, e das dez e meia ao meio dia e meia. Em novembro, agrava-se o problema da distribuição da água na cidade. Então, no segundo período funcionou durante alguns dias das onze à uma da tarde, para que pudesse armazenar no intervalo das dez às onze horas alguma água necessária à limpeza.

4.6 As matérias pedagógicas e matrículas escolares do Grupo Escolar

As matérias principais do programa não sofreram, entretanto, com a diminuição do tempo, provando a boa aprovação existente em relação aos anos anteriores. Todavia, as aulas de trabalhos manuais, ginásticas e música ficaram prejudicadas, não sendo realizada, assim, no estabelecimento a sua exposição anual.

Dessa forma, a sociedade tinha uma educação escolar primária seriada e integral com base no saber da, então pedagogia moderna para a construção da consciência social do indivíduo republicano no século XX. Essa iniciativa de educação escolar política, laica e renovada para a população infantil em idade escolar, objetiva modelar o cidadão consciente da sociedade que estava sendo construída.

Para escolarizar as crianças orlandinas foram instituídas, de forma crescente, escolas no formato do Grupo Escolar, a instalação desses estabelecimentos será acompanhada pelo aumento dos índices de matrículas na instituição. A inscrição do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", dois anos após sua inauguração, era maior que sua estrutura podia atender.

Esse estabelecimento de ensino só tinha capacidade para cento e vinte alunos, mas pela demanda escolar, a matrícula elevava-se a duzentos educando, tendo média, de freqüência pouco inferior a esse número, como se visualiza no quadro 4:

Quadro 4 – Matrículas e freqüência dos alunos do Grupo Escolar (1)

Ano	Matrícula	Freqüência
1914	**210**	**100**
1915	**300**	**253**
1916	**340**	**290**

Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Os dados de matrículas e freqüência dos alunos referentes aos anos de 1914 a 1916 apresentam um bom índice se considerarmos o seu crescimento, da população devido ao grande, número de imigrantes matriculados apresentado nos primeiros anos de funcionamento da Instituição. Nos anos iniciais, os números de alunos que freqüentavam as aulas do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", aumentaram frente ao do número de matriculados.

No Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” em 1914, o números de alunos, era de duzentos e dez alunos, com freqüência de cem alunos, conforme visto no quadro. No ano seguinte, havia trezentos alunos matriculados (CENTENÁRIO..., 1999). Não há registro do número de alunos que freqüentavam a instituição no ano de 1917.

Entretanto, a informação acerca da matrícula nos permite analisar que o ingresso no estabelecimento de ensino em estudo crescia significativamente de um ano para o outro, ou seja, o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" matriculou cem alunos a mais de um ano para o outro. Essa tendência persistiu nos anos seguintes, conforme assinalam os dados sobre a matrícula e freqüência na referida instituição:

Quadro 5 – Matrículas e Freqüências dos alunos do Grupo Escolar (2)

Ano	Matrícula	Freqüência
1919	**347**	**304**
1920	**300**	**280**
1922	**364**	**304**

Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

O número de alunos matriculados e de freqüência no Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” emite a oscilação de crescimento por que passava essa instituição. Estaria a perda de alunos associada ao fracasso escolar?

Considerando-se somente a freqüência, temos que anualmente, registra-se em uma média de vinte alunos matriculados, como se vê no Quadro 5. Entretanto, os dados de 1920 destoam da normalidade, uma vez que o número de evadidos chega a quarenta e sete alunos.

A matrícula em suas escolas atendia ao objetivo das ações políticas na educação de então: alfabetizar a população. As condições de higiene, conforto e a freqüência dos alunos eram importantes para o funcionamento desses tipos de instituições.

O Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, tentou atender a essas exigências a cada ano, em questão de material e professor qualificados para receber a demanda nos primeiros anos não dispunham de material suficiente, conforme as análises feitas nos livros da escola pesquisada, que ao reconhecer que o estabelecimento não estava totalmente "completo em vista dos progressos que se fez, e, entretanto, um elogio ao estado e longe não estará o dia em que se ele há de equiparar aos melhores estabelecimentos do ensino. (GE, 1931).

Em poucos anos o Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” cumpria seu papel na instrução pública, com as obras de melhorias da cidade de Orlândia/SP, tornando-se um dos órgãos imprescindíveis do sistema primário na época, já que a necessidades eram com urgência da instrução e dava a conhecer a sociedade. Trata-se de um novo desafio para o professor desenvolver seu trabalho. Os professores deveriam evitar o método de soletrar na leitura, o uso de ardósia na escrita e no desenho, a tabuada de cor no cálculo.

Quanto às disciplinas escolares, os produtos específicos da escola, "são das finalidades educativas" (JULIA, 2001, p.33). Possibilitam a escolarização de saberes em espaços originalizados ao ambiente escolar e "relacionam informações" (VINÃO,2008,p.204).Elas materializam o saber educativo de uma época por meio do corpo de conhecimentos que aglutinam.

A instrução no Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” tinha por finalidade a educação da criança, que implicava a formação do caráter, mediante a aprendizagem das disciplinas sociais. Obediência, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívico-patrióticos necessários à formação da nacionalidade eram transmitidos através do programa de ensino enciclopédico.

Esse saber escolar e o tempo de cada um dos aprendizados compunham o ensino no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" que buscava preparar a criança para a vida moderna por meio de instrução cuja base "constituía em Leitura e Escrita, Língua Materna, Cálculo e Desenho" (GE, p. 21-22, 1935).

A instrução no Grupo Escolar era seriada e composta por diversos conteúdos, mas o estudo da Leitura, Escrita e Caligrafia, assim como da Língua Nacional refletiam a preocupação dos professores e políticos em formar os cidadãos capazes de participar de maneira ativa na sociedade cada vez mais letrada. Estas competências deveriam ser aprendidas ao mesmo tempo, visto que:

> A leitura, a escrita e a ortografia são mútuos auxiliares naturais, pois que todos entendem com um fim único, que é a comunicação escrita dos pensamentos; desenvolve simultaneamente o maior número de faculdades: a atenção; a imaginação; o juízo; e a vista; exercita a mão (CARVALHO, 2011,p.14).

Para o ensino da Língua Materna o professor deveria empregar o exercício de composição, elocução, estilo, ditado, vocabulário e gramática. Entretanto, a leitura era à base de todo o ensino. Carvalho (2011, p. 10) concebia o exercício de ler como uma “expressão vocal e inteligente dos pensamentos escritos e impressos”.

Era importante e indissociável o ensino da escrita, da leitura e da caligrafia os professores acreditavam que a leitura na escola primária propiciava a aquisição de idéias, pensamentos, conhecimentos, comunicação e o desenvolvimento dos órgãos vocais.

5 ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE ENSINO DO GRUPO ESCOLAR: UM RESGATE DE MEMÓRIAS

> *A experiência é uma escola onde são caras as lições, mas em nenhuma outra os tolos podem aprender.*
> *Benjamim Franklin*

Nesta seção os relatórios de ensino do grupo escolar "Coronel Francisco Orlando", em conjuntura com *os Anuários de Ensino de 1910 a 1911* vão mostrar que diversas foram às reformas da escola primária pensada para esse tempo, e como deveriam funcionar em condições de produzir modificações no povo, fazendo-o evoluir de acordo com a condição de cada fração de classe − representada por alunos e suas devidas escolas.

Assim, para os Grupos Escolares que funcionavam na região central da cidade de Orlândia, caberia um turno "integral", destinado à aquisição de uma diversidade de saberes e às isoladas, instituídas nos arrabaldes, destinava-se um tempo reduzido de dedicação aos rudimentos da alfabetização.

> A escola pública primária, como instituição social, deve funcionar em condições de produzir modificação no povo, fazendo-o evoluir de acordo com o tempo e com as necessidades próprias de cada lugar, e nem há meio mais seguro e certo para este fim, do que a educação na sua mais ampla compreensão. (*ANUÁRIO DO ENSINO..., 1910-1911*).

Embora a concepção governamental paulista fosse pela defesa incontestável do agrupamento de escolas de primeiras letras, considerando a possibilidade de melhores resultados (*ANUÁRIO DO ENSINO, 1910-1911*), a cidade de Orlândia manteve, até os anos de 1920, o funcionamento de três grupos escolares na região central da cidade, enquanto que os bairros e arrabaldes mantiveram a hegemonia quantitativa das escolas.

Se entre 1915 e 1930, as matrículas nos grupos escolares somavam um total de 35.765 alunos, nas escolas isoladas, elas ultrapassaram a casa de 40.000 mil alunos. A partir de 1920, é possível observar um avanço no número de matrículas efetuadas nas escolas agrupadas, tendo em vista o projeto de investimento na construção de novos grupos escolares em todo o Estado de São Paulo, como descreve o quadro a seguir:

Quadro 6– Matrículas no ensino primário paulista (1910)

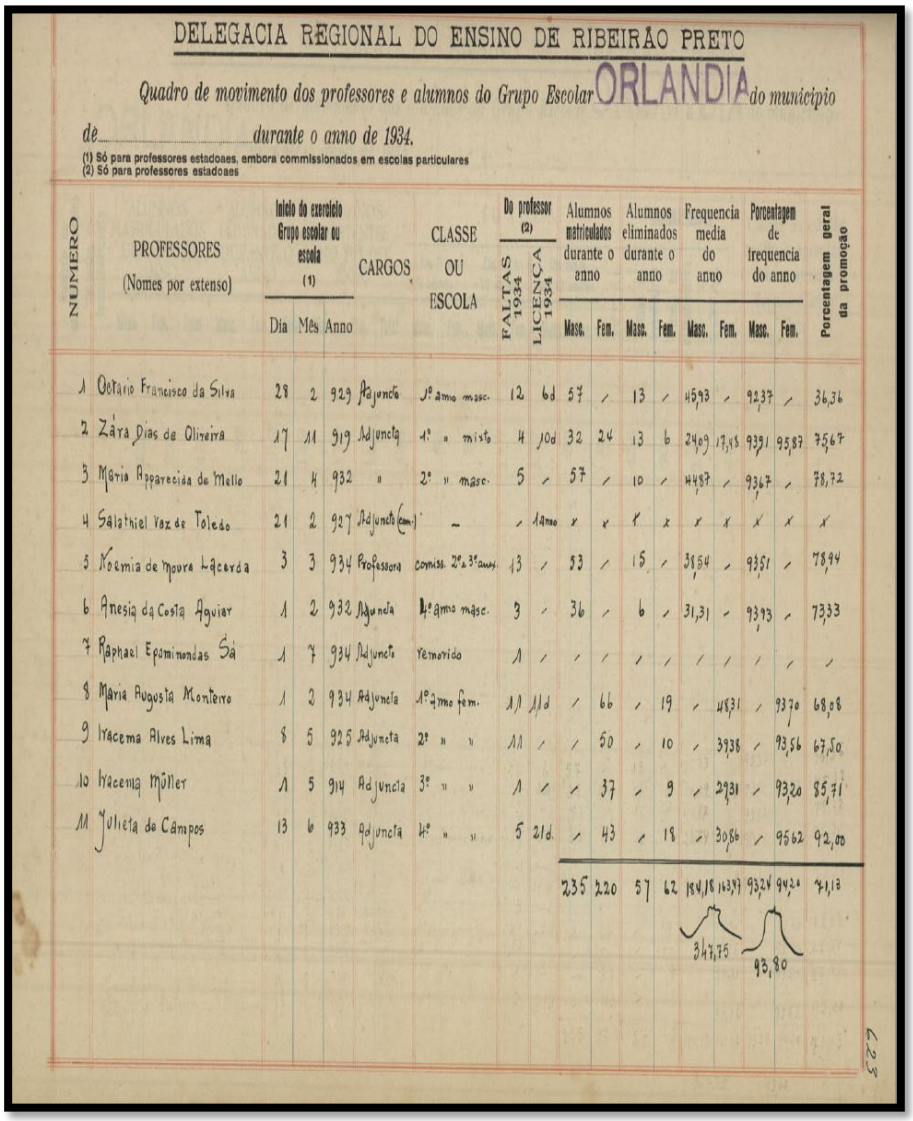
Instituições escolares no Estado de São Paulo	**N.ºde matrículas em**

	1910
Grupos Escolares	41.275
Escolas isoladas/reunidas	39.194
Particulares	28.648
Municipais	13.561

(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

O fenômeno de ampliação do número de matrículas efetuadas nos Grupos Escolares descrito no livro da Delegacia Regional de Ribeirão Preto, no Quadro de movimento dos professores e alunos do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" muito embora seja acompanhado pelo fraco funcionamento das escolas isoladas e reunidas ao longo dos anos de 1930 e 1935 que, aos poucos, são implantadas ao longo dos anos como podemos observar na lista 27 a seguir:

27 - Movimento de Matriculas do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".



DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

Quadro de movimento dos professores e alumnos do Grupo Escolar ORLANDIA *do municipio de* ..... *durante o anno de 1934.*

(1) Só para professores estadoaes, embora commissionados em escolas particulares
(2) Só para professores estadoaes

NUMERO	PROFESSORES (Nomes por extenso)	Início do exercicio Grupo escolar ou escola (1) Dia	Mês	Anno	CARGOS	CLASSE OU ESCOLA	Do professor (2) FALTAS 1934	LICENÇA 1934	Alumnos matriculados durante o anno Masc.	Fem.	Alumnos eliminados durante o anno Masc.	Fem.	Frequencia media do anno Masc.	Fem.	Porcentagem de frequencia do anno Masc.	Fem.	Porcentagem geral da promoção
1	Octario Francisco da Silva	28	2	929	Adjuncto	1º anno masc.	12	6d	57	/	13	/	4593	/	9237	/	36,36
2	Zaira Dias de Oliveira	17	11	919	Adjuncta	1º " misto	4	10d	32	24	13	6	2409	17,43	9351	95,87	75,67
3	Maria Apparecida de Mello	21	4	932	"	2º " masc.	5	/	57	/	10	/	4457	/	9367	/	78,72
4	Salathiel Vaz de Toledo	21	2	927	Adjuncto (em)	—	/	1ano	x	x	x	x	x	x	x	x	x
5	Noemia de Moura Lacerda	3	3	934	Professora	comiss. 2º a 3º anos	13	/	53	/	15	/	3854	/	9351	/	78,94
6	Anesia da Costa Aguiar	1	2	932	Aguncta	4º anno masc.	3	/	36	/	6	/	31,31	/	9393	/	7333
7	Raphael Epaminondas Sá	1	7	934	Adjuncto	removido	1	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
8	Maria Augusta Monteiro	1	2	934	Adjuncta	1º anno fem.	11	11d	/	66	/	19	/	4531	/	9370	68,08
9	Iracema Alves Lima	8	5	925	Adjuncta	2º " "	11	/	/	50	/	10	/	3938	/	93,56	67,50
10	Iracema Müller	1	5	914	Adjuncta	3º " "	1	/	/	37	/	9	/	2931	/	93,20	85,71
11	Julieta de Campos	13	6	933	Adjuncta	4º " "	5	21d	/	43	/	18	/	3086	/	9562	92,00
									235	220	57	62	184,18	163,43	93,24	94,20	71,13

347,75 93,80

223

Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

As relações do Grupo Escolar com a sociedade não se restringiam a formação escolar recebida, mas aconteciam também através da participação dos alunos nas festas cívicas e religiosas da cidade, bem como por meio de visitas dos estadistas e ilustres à instituição. Assim, nesta seção apresentam-se algumas considerações sobre os Relatórios dos *Anuários de Ensino do Estado de São Paulo* referente ao recorte histórico dessa dissertação.

O civismo era um valor a ser transmitido. A festa da Bandinha e as solenidades patrióticas eram lições no culto à nação. Essas festividades escolares difundiam os valores da República e tinham representatividade na Escola Primária. O estabelecimento de ensino reveste-se de princípios cívico-patrióticos e as datas comemorativas são solenemente, as quais alunos, professores, diretores das instituições, a elite intelectual e a política vivenciam a cidadania.

As festas do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando cultivavam a Pátria com hinos, e poesias. “Dentre essas celebrações destaco o de escoteiros da cidade” solenidades realizadas no Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” que colocavam as datas comemorativas, segue abaixo, a figura 28 encontrada no Museu da cidade de Orlândia/SP.

28- Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando, ano 1927



Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Essa imagem com os dois professores ao lado da mesinha cujo professor à esquerda é Rafael; à direita o Professor Berillo Merussi e alguns alunos: 1-Orlando Zancopé, 2-José Vieira, 3-Breno (filho da professora Zara),4-Izack,5-João Segantini,6-Wilson Martins,7- Victor Peres. Em relação aos uniformes, aparece como um fardamento. Assim é possível inferir que se trata de uma vestimenta própria de cada criança. Os chapeuzinhos dos meninos, na cor cinza em todas as indumentárias não faziam parte do fardamento escolar, uma vez que os Regimentos Internos dos Grupos Escolares não apresentam alusão a uniforme.

As vestes são símbolos de distinção e identificação da escolarização. Ela diferencia as crianças que freqüentam a escola das demais que estão, por algum motivo, fora dela. No início da institucionalização da escola essa é uma realidade recarregada de simbologias. Com relação à imagem da foto 28, os meninos apresentam-se numa vestimenta aparentemente de escoteiros da cidade. A imagem representa os alunos matriculados na escola do Grupo Escolar orlandino.

Tanto nos *Anuários do Ensino de São Paulo* quanto nos *Relatórios* das delegacias Regionais de Ensino há vestígios que auxiliam a visualização de manutenção dos grupos escolares, muitas vezes funcionando em prédios inadequados ao ensino. A respeito ao Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, nos relatórios.

O Diretor Affonso Sette tendo participado de um curso “Sobre Higiene", juntamente com outros 30 diretores em São Paulo, que deram a eles noções sobre: raiva, gripe, sarampo, e doenças contagiosas, além de instruções referentes ao do Instituto Butantã em São Paulo. O curso teve duração de 3 horas, visando fornecer conhecimentos de alcance sanitário e social para serem transmitidos aos professores, alunos e familiares em geral.

Segundo Celeste Filho (2014), são pertinente ao analisar as imagens desses Relatórios como fontes para a pesquisa histórica em educação, constatar a distinção na produção fotográfica das escolas isoladas em relação a dos grupos escolares e das escolas reunidas, o que denotaria certa hierarquia entre as escolas.

Conforme analisa Celeste Filho (2012), as s dos grupos escolares apresentam turma a turma, com os respectivos professores e alunos; as escolas reunidas não apresentam distinção de classes e os professores "[...] encontram-se imersos entre as dezenas de alunos", as s das escolas isoladas apresentam alunos e professores juntos em frente às escolas, porém o detalhe destacado por Celeste Filho (2012) é justamente a diferença que se evidencia no vestuário e nas condições econômicas dos alunos, os quais em sua maioria apresentam-se descalços.

Por esse motivo, Celeste Filho (2012) afirma que as, conforme estão dispostas nos *Relatórios das Delegacias Regionais de Ensino* estabelecem certa hierarquia entre os

estabelecimentos escolares e com isso, há "[...] um nítido elogio dos grupos escolares em comparação com as escolas isoladas e com as escolas rurais. As escolas reunidas ocupam posição intermediaria".

Até mesmo a quantidade de dos grupos escolares em relação às escolas reunidas e as escolas isoladas demonstram o tratamento diferenciado. Há relatórios com quantidade significativa, por exemplo, dos grupos escolares, e às vezes uma de cada uma dessas instituições da região.

No caso dos *Anuários de Ensino do Estado de São Paulo*, a comparação é muito evidente entre o Anuário de 1913; os quais contêm imagens de prédios escolares, incluindo o GE "Coronel Francisco Orlando", com imagens de prédios escolares e apresentam uma escola construída e doada ao governo do estado fruto da iniciativa particular, que apresenta atividades de escotismo.

Segundo o Diretor Affonso Sette do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" foi nomeado Inspetor de atividades em dezembro de 1920 do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" no Programa de Ensino de Educação Moral e Cívica. A iniciativa foi recebida com satisfação pelos alunos e seus pais, que compareceram a solenidade de escoteiros da cidade, durou 2 anos como um complemento de atividades escolares (JUNQUEIRA, 1909).

Diante desses registros, destaco que nas políticas públicas do estado de São Paulo, os Grupos Escolares foram utilizados com meio de expansão da escolarização primária. É de fato, que esses tipos de escola assumiram um papel importante e estratégico do ensino primário na capital e no interior.

O dilema entre as políticas públicas de criação de escolas na capital e nas sedes dos municípios do interior e nas vilas, bairros afastados e zonas rurais são aspectos que merecem destaque na difusão da escolarização primária paulista nas primeiras décadas do século XX. Esse dilema decorreu de uma opção republicana preferencialmente às zonas urbanas em detrimento das zonas rurais (SOUZA, 1998; 2009).

No estado de São Paulo, a disseminação da escolarização primária moderna concretizada na figura dos grupos escolares ocorreu a partir da expansão desses estabelecimentos, acompanhando o desenvolvimento urbano, os rastros do café, a construção das ferrovias e a exploração progressiva para o oeste deste estado (SOUZA, 2009).

Segundo Junqueira desses elementos geográficos e pedagógicos ressaltam-se aspectos que teriam passado por uma tensão, conduzindo o olhar para em torno da escolarização no período entre 1914 e 1947, resultados de disputas e tentativas de apaziguar idéias que muitas vezes eram divergentes. As opções tomadas no âmbito político auxiliaram a entender os

limites geográficos e pedagógicos no bojo dos projetos republicanos para a escolarização primária nessa instituição.

Sobre as unidades escolares no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" no ano de 1914, destacando que em 1936 o quadro 7 da Delegacia de Ribeirão Preto era composto por:

- Delegado Regional: Francisco Alves Morão
- Secretário: Laurindo Ferreira
- Auxiliar comissionada: Carlota Velho
- Inspetores Escolares: Santo Amaro Cruz, Sylvio Barros, Dorival Dias Minhoto, como a seguir destaco nesse quadro dos inspetores de alunos nos anos de 1914 a 1994.

O Inspetor de alunos transitava por toda a escola como geralmente os alunos conhecem pelo nome e é um dos primeiros a serem procurados quando há algum problema que precisa ser solucionado rapidamente.

Segue relação de Inspetores referentes aos anos de 1914 até 1994.

Quadro 7– Inspetores de alunos (1914-1994)

Oriundos do Grupo Escolar de Orlândia
Inspetores de Alunos
Antônio Perez – 05/1914 a 1920
1. Bento Leite (porteiro) 1921 a 1930 – falecendo 25/10.
2. Bento Leite Moura- (porteiro) 1931-1936
3. Antônio Lanochia- 1936 a 1938
4. Gabriel Luis Cabral- 1983 a 1992
5. José Alberto Miele- (Servente e Porteiro) 1942 a 1977
6. Alice Barbosa – 1983 a 1992
7. Luciana Perche Vianna – 07/88 a 12/1989
8. Maria do Carmo Paula – (Prefeitura) – 05/90 a 1994
9. Lucimara Correa – 07/1991 a 1993
10. Fátima Vieira Santos – 1994

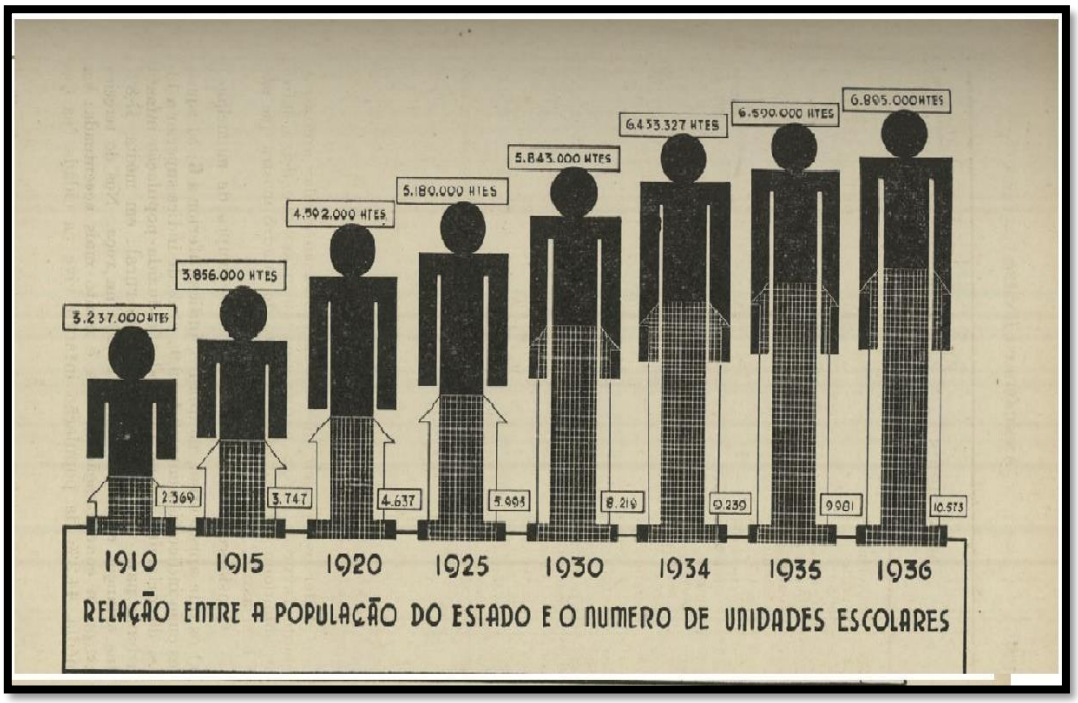
Fonte: Arquivo da Escola -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Quanto ao perfil do inspetor destacado no quadro, eram normalistas e do sexo feminino.

No ano de 1934, a população em idade escolar da cidade de Orlândia era composta por 3006 alunos, distribuída em 30 unidades escolares o que denota um número de 9,9 unidades para cada 100 crianças. A proporção estadual de São Paulo na relação escola/aluno pode ser observada na figura 29, que segue a relação do estado de São Paulo entre população e número

de unidades escolares, conforme observados nos livros dos *Anuários de Ensino no Estado de São Paulo*.

29– Relações de números de população e número de unidades escolares



Fonte: Arquivo da Escola (1934) -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Na figura 29, vê-se que os livros sobre o ano de 1936, na Delegacia de ensino de Ribeirão Preto, a distribuição de livros didáticos enfrentava problemas nas escolas rurais, sendo 10.535 livros aproveitados para todas as unidades escolares da região. As escolas consideradas isoladas na região de Ribeirão Preto neste ano de 1936 eram as escolas rurais.

Uma vez que havia um pequeno número de escolas urbanas. Tanto a escola rural quanto a escola urbana encontrava em maior parte instalada em más condições de higiene. Entretanto, devido aos esforços de inspetores, em algumas fazendas foram construídos prédios especiais para as escolas e em outras foram feitas instalações sanitárias.

Considera-se também importante ressaltar que no ano de 1936 o Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" de Orlândia-SP esteve classificado como um dos prédios bem elaborados para receber alunos. No que se refere às visitas de inspetores, a média no ano de 1936, ficou entre 10 e 20 visitas. Na cidade de Ribeirão Preto, no ano de 1936, os números de inspetores eram seis, para um número total de 43 grupos escolares e 270 escolas isoladas.

Conforme pode ser observado na figura 29, a relação entre a população do estado, e o número de alunos a necessidade do aumento de inspetores de alunos é muito lembrada ao

destacar essa necessidade como fundamental para não sobrecarregar o trabalho dos inspetores. A escolha dos inspetores ocorria com muitas falhas, pois o candidato não passava por nenhum tipo de estágio e/ou indicação por parte das autoridades, bastando para exercer a função de Diretor de Ensino e ter estado a frente da diretoria da escola por 3 ou 4 anos.

Para tanto, conforme estabelecia o Decreto 6.947, de 6 de fevereiro de 1935:

> Art. 47 – Os inspetores do interior serão nomeados dentre diretores de grupos escolares com 6 anos, pelo menos, de efetivo exercício.
> Art. 48 – De cada três vagas de inspetores, que se deram na Capital, duas serão preenchidas por inspetor do interior, com mais de um ano de exercício no cargo, e uma por diretor de grupo escolar da Capital nos termos do artigo 47.

Consta-se assim que o embasamento legal para a escolha se pautava no tempo de serviço. Especificamente na cidade de Orlândia-SP, havia, no ano de 1936, 7 estabelecimentos de ensino destinados para crianças abaixo de 7 anos do sexo masculino, 131 estabelecimentos destinados para crianças de 7-12 anos e 7 estabelecimentos para crianças maiores de 12 anos.

Quanto ao número total de Delegacias Regionais de Ensino, o Estado contava nessa data com 21 delegacias, sendo no ano de 1937 divididas conforme destacado no quadro 8:

Quadro 8– Números de delegacias de ensino por município do estado de São Paulo em 1936

DELEGACIAS	N°DEMUNÍCIPIOS	N°DE UNIDADES
Pirassunga	7	241
Itapetininga	12	262
Santa Cruz do Rio Pardo	11	266
São José do RP	9	289
Botucatu	11	294
Guarantiguetá	12	324
PresidentePrudente	14	334
São Carlos	9	348
Ribeirão Preto	17	693
Capital	16	3009

Fonte: -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Ao observar o quadro 8, nota-se a diferença entre as 693 unidades da Delegacia de Ribeirão Preto em relação ao número da Capital. No ano de 1937, em visita à Delegacia de Ensino de Ribeirão Preto, o professor Fleury visitou o 2º. Grupo Escolar de Ribeirão Preto, o Grupo Escolar de Villa Tibério, Grupo Escolar de Morro Agudo, a Escola mista rural da Fazenda Barreiro, 4º.Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando.

Quanto ao aproveitamento dos alunos, tem-se o quadro 9 que destaca os resultados de aproveitamentos de 1914 a 1946 no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", conforme se constata nas atas de documentos da escola:

Quadro 9 - Documentos oriundos do Total de Alunos - resultados e aproveitamento no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ano 1914 a 1946.

Ano	Total	Masculino	Feminino	Aprovado	Reprovado
1914	-	120	-	-	-
1923	-	105	107	81 (M) 66 (F)	24
1926	257	121	131	66 (M) 97(F)	51
1927	289	161	152	76 (M) 100 (F)	42
1928	299	145	154	108 (M) 124 (F)	30
1929	306	150	87	64 (M) 123 (F)	33
1930	296	151	92	105(M) 52 (F)	***
1931	314	153	83	117 (M) 78 (F)	***
1932	306	132	161	127 (F) 15(F)	***
1933	327	179	148	185 (M) ***	***
1934	336	178	158	120 (M) 119(F)	39
1935	254	174	177	115 (M) 112(F)	60
1936	360	177	183	128 (M) 164(F)	35
1937	363	188	181	149 (M) 163(F)	38
1938	435	222	213	115(M) 140(F)	103
1939	421	200	202	146(M) 184 (F)	43
1940	430	216	221	150(M) 171(F)	18
1941	400	199	220	171(M)183(F)	40
1943	470	250	220	202(M) 180(F)	44
1944	474	240	234	201(M) 201(F)	81
1945	471	249	222	161 (M) 141(F)	88
1946	547	244	303	193 (M) 51 (F)	240
1947	471	253	218	194 (M) 95 (F)	62

Fonte: -(criado pela autora; GIRALDES, 2017)

Nesse quadro 9 nota-se que nos anos de 1914 a 1922 eram incompletos ou inexistentes os registros, refere-se em 1927-1933 que a aprovação foi maior entre o sexo feminino, em 1932-1935 a aprovação foi igual aos ambos os sexos, em 1935-1941 o número em aprovação

foi maior entre o sexo feminino, e em 1942-1947 –a aprovação maior foi entre meninos pela primeira vez, matriculados no Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”.

Para finalizar esta seção em que foram apresentados aspectos das análises dos Relatórios dos Anuários de Ensino do Grupo Escolar, busca-se aspectos do ensino primário, procurou-se melhor uma contextualização do papel deste tipo de ensino, para que, a partir de suportes e alicerces constituídos, seja possível um melhor entendimento do papel social e da responsabilidade da escola primária, perante a comunidade na qual se encontra inserida.

Foi possível constatar que os diretores do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", tinham uma relação com os inspetores escolares que os elogiavam. Diretores e professores a realizar as atividades na sala de aula e que eram influentes na sociedade orlandina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida, cujos resultados foram apresentados neste texto, teve como foco o Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” com o objetivo de reconstituir aspectos de uma história desse Grupo Escolar da cidade de Orlândia/SP, interior do estado de São Paulo, entre 1914 e 1946, especificamente aspectos da instalação dessa instituição e aspectos das vivências dos sujeitos na instituição. Além disso, objetivou-se referenciar as fontes primárias relacionadas ao Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”, delimita o referido processo de escolarização do município de Orlândia.

A análise e desenvolvimento deste trabalho se pautam no processo de escolarização desse município, com a fundação da Escola Primária "Coronel Francisco Orlando"; que foi a primeira escola primaria pública do município e funcionou entre os anos de 1914 a 1994. A referida unidade escolar apresenta-se como elemento formador de crianças e de gerações que contribuíram para o desenvolvimento do município.

Além da pesquisa documental, que consistiu na análise dos anuários, relatórios de ensino do período do estudo, bem como dos documentos presentes na escola e em outras instituições, como jornais publicados no município, documentos oficiais do município e do estado, documentos memorialísticos, dentre outros, ao longo do percurso da pesquisa, muitas foram às dificuldades, referente ao Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando” a grafia dos manuscritos das fontes primárias foi uma, o que dificultou a compreensão em determinadas consultas às fontes.

Dessa maneira, o nosso desafio figurou na possibilidade de compreender e explicitar a existência histórica dos grupos escolares, sem perder de vista o processo de implantação, as condições de funcionamento e o papel desempenhado por tais escolas no contexto das transformações políticas, econômicas e sociais do período.

São diversos os períodos que compõe a História da Educação no Brasil, com caracterizações e influências que contribuíram para a Educação no seu panorama atual. E estudar a História da Educação se constitui como um resgate histórico de relevante importância para compreender esse processo.

Partindo do pressuposto de que uma unidade escolar está inserida em uma comunidade, e como tal, sofre influências desta, este trabalho analisou os aspectos históricos e sociais que ocorreram no município de Orlândia no período referente ao recorte histórico.

Em estudo, o sentimento de identidade e de pertencimento são processos que guardam estreita ligação com o lugar de vida, dos sujeitos, e dos grupos sociais, num determinado espaço temporal, sendo um constructo histórico, político, social e cultural da mais extrema importância que vem sendo abordado e refletido por variadas bibliografias em diversos âmbitos das ciências humanas.

Dessa forma, o objetivo central do projeto, que foi analisar os modos pelos quais o Primário Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando" foi criado e as alterações sofridas ao longo do período proposto, realiza-se através de um estudo documental a partir de entrevistas informais com ex-alunos, ex-funcionários, ex-professores e ex-diretores, rememorando acontecimentos e endossando a pesquisa documental.

As páginas precedentes procuram evidenciar que a gênese do processo de periferização do Primeiro Grupo Escolar de Orlândia reflete como condição da particularidade, a história do desenvolvimento desigual e combinado da própria sociedade de classe.

As ausências de documentos e nos documentos também foram consideradas no trabalho como aspecto fundamental para uma compreensão histórica da realidade investigada, uma vez que, associadas a outros condicionantes, foi possível realizamos o exercício da imaginação, baseado em provas, sobre a fabricação de discursos que constituíram as memórias do período investigado.

O estudo contou com as perspectivas teóricas de Carlo Ginzburg, Michel de Certeau e Marc Bloch acerca da História e do fazer historiográfico para compor o referencial teórico metodológico utilizado nas investigações e análises realizadas. Por meio destes autores, foi possível compreendermos o necessário movimento com as fontes no que diz respeito ao seu processo de levantamento, seleção e mobilização de questionamentos na composição da nossa narrativa histórica.

A prática historiográfica desenvolvida no estudo nos permitiu colocar em tensão as memórias acerca dos grupos escolares e as problematizações decorrentes das nossas intenções de pesquisa, o que acabou por indicar o esforço que deveria ser empreendido para combinarmos na escrita do trabalho aquilo que não se encontra revelado por si nas fontes selecionadas se não realizarmos a operação de historiador, como querem os autores por nós utilizados.

Assim, a tensão entre a constante afirmação das novas necessidades espaciais escolares no período pelos governantes e o atendimento pouco significativo à questão anunciada nos mobilizou não apenas a encontrar justificativas para a realização pouco

expressiva na localidade, mas de buscarmos compreender o contexto onde foram empreendidas as relações.

Por outro ângulo, este trabalho evidencia, também, que a chegada dos novos grupos escolares, em Orlândia, gera não só um impacto na organização da malha urbana, mas alterara a vida sociocultural de parcelas de crianças em idade escolar já que tais instituições de ensino vão colaborar a formação elementar, sobretudo no que diz respeito ao impacto na redução do número de crianças analfabetas de cada bairro, além da prestação do serviço de atendimento médico preventivo de saúde, destinado àquela população periférica, como foi o caso do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

De certo modo, não podemos negar também que tais escolas se transformam num alicerce fundamental, capaz de facilitar o processo de inserção social numa cultura civilizada. Os vestígios identificados, sejam nas fotografias ou nos relatórios redigidos pelos supervisores de ensino, dão conta de anunciar a finalidade com que cada grupo escolar foi fundado.

A exigência para o uso de uniformes, o cumprimento de horários, ordem delegada, disciplina em sala de aula, realização de exames, submissão e controle da freqüência escolar anunciam os novos tempos em que a comunidade local será votada e que uma grande maioria deverá enquadrar-se.

Nesse sentido, a política educacional paulista instituída nos primórdios da República, mediada ao longo dos anos, pela necessidade imperiosa da organização do trabalho assalariado, que ganha relevo nacional e dá novo destaque para as condições de organização, difusão, fiscalização e funcionamento do ensino primário.

Ao questionarmos a localização dos grupos escolares e a arquitetura dessas escolas instaladas em espaços urbanos no período compreendido entre os anos de 1908 e 1930, observamos que sua criação no município Orlandino, foi associada a uma política mais voltada para um modo de perceber a urgência dessa implantação em localidades específicas do Estado, do que para as orientações preconizadas no governo sobre a pretendida formação do cidadão republicano, associada as da reforma da instrução pública empreendida no período.

Ao que tudo indicou, as transformações dos espaços urbanos das cidades estiveram relacionadas às afirmações das localidades na pretendida modernização da infraestrutura do espaço urbano, o que simbolizava a atenção dada à nova ciência das relações sociais na instauração do regime republicano.

A busca pelo destaque das cidades nessa nova lógica de racionalização dos espaços público naquele período e dentre esses avanços a instalação do grupo escolar "Coronel Francisco Orlando", foi possível por suas práticas históricas de mobilização política acerca da implantação da República; pelo prestígio econômico de suas economias voltadas para a produção cafeeira; e, associada a esta última, pelos interesses próprios de grupos sociais que asseguravam vantagens nas decisões locais por meio de práticas políticas coronelistas.

. As possibilidades de instalação do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", no seu período de implantação associam-se ao discurso dos governos de reconhecimento das novas necessidades espaciais e à mobilização de arranjos políticos na administração pública que puderam empreender os primeiros passos da criação daquelas escolas em terras cafeeiras, o que, de todo modo, representou o avanço pretendido com relação às práticas da instrução pública dos governos anteriores à reforma educacional de 1928.

No entanto, a própria população se ressentiu de atenção para usufruir das transformações ocorridas e, ao que tudo indicou, não foi significativa em se tratando da quantidade e da qualidade dos espaços destinados ao ensino da maioria dos alunos. A partir dos referidos documentos foram obtidos dados que permitiram traçar o perfil dos professores, inspetores de alunos e alunos que fizeram parte da história da unidade escolar, bem como o método de ensino utilizado.

Observou-se que as turmas eram separadas por gênero e períodos diferentes, para atender uma população descendente de imigrantes italianos, pobres e analfabetos em sua maioria. Atender os filhos desses trabalhadores era objetivo da escola com o aumento do número de matrículas, os meninos passaram a ter aulas no período da manhã (sendo orientados pelos professores), enquanto que as meninas passaram a ter aulas no período da tarde (sendo orientadas pelas professoras).

No período inicial de funcionamento da Escola Primária Coronel Francisco Orlando, predominava no Estado de São Paulo o modelo escolar paulista, e a referida unidade escolar seguia os pressupostos desse modelo, constituído pelas inter-relações que articularam sistematicamente seus componentes; sendo fundamentado na reprodução de bons moldes; ou seja, a cópia ou imitação de modelos.

Há de se ressaltar também a questão da valorização social do professor e do início da profissionalização do magistério primário como dois elementos significativos das transformações educacionais ocorridas no período histórico de criação da Escola Coronel Orlando.

Sobre os inspetores de alunos, eram normalistas e do sexo feminino; a escolha dos inspetores ocorria com algumas falhas, pois o candidato não passava por nenhum tipo de estágio e/ou indicação por parte das autoridades; bastando para exercer a função de Diretor de Ensino ter estado a frente da diretoria da escola por 3 ou 4 anos.

De acordo com os documentos analisados, no ano de 1934 a população em idade escolar da cidade de Orlândia era composta por 3006 alunos distribuídos em 30 unidades escolares, o que denota um número de 9,9 unidades para cada 100 crianças.

A unidade escolar objeto de estudo desse trabalho se inseria nesse contexto e representou um marco histórico para a cidade, tanto por sua contribuição para a educação, como para o desenvolvimento da cidade nos apropriamos desse conhecimento. Este sempre foi nosso desejo.

E de onde encontramos ciência, senão nos livros e nos objetos misteriosos? Os livros falam. Busquei ouvi-los mais do que fazer uma interlocução com seus autores. Desde sempre. Mas como contar uma história da qual fizemos parte? Uma história que até pouco tempo estava no meu imaginário? Quando criança, fomos matriculados no "Grupo" perto da nossa casa. O tempo passa, mudam as configurações, mas permanecem as tradições, as lembranças de práticas educativas.

Voltamos ao passado da instrução pública permitindo assim que compreendamos os aspectos da organização educacional no presente. Esta é a contribuição que pretendo dar a História da Educação de Orlândia interior de São Paulo.

A história dessa instituição não acaba por aqui. Por onde ela andou? Onde ela está? Atualmente, o prédio instalado no mesmo lugar na Rua Quatro, n° 146 no centro de Orlândia/SP, com um espaço escolar diferente, oferece as práticas educativas contemporâneas. Várias gerações passaram por elas, eu fiz parte de uma.

Concluímos que fazer um estudo historiográfico é bem difícil, pois a ida às fontes e a escrita de uma história tão longa requer pesquisa, estudo e paciência. Nem sempre se encontra o material necessário para a realização do trabalho.

O desafio maior é ler os documentos nas entrelinhas dos materiais disponíveis e realizarmos o trabalho a partir das possibilidades que as fontes nos propõem. Por ora, assinalamos o desejo de contribuirmos para a escrita desta história e o término deste estudo para o momento.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A. Contribuição para a história do ensino secundário em Orlândia. Orlândia: **Folha de Orlândia**, 1984.

ATAS. Entres os períodos de 1922 a 1929. **Arquivo d**o **Instituto de Educação** "Coronel Francisco Orlando.

AZEVEDO, F. **A educação e seus problemas**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
ERA Vargas: profusão de ideias. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3434/era-vargas-profusao-de-ideias>. Acesso em: 28 fev. 2017.

BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador". In: POUILLON, Jean (Org.), Problemas do estruturalismo, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
_____. A escola conservadora: "As desigualdades frente à escola e à cultura". In:_____. Escritos de educação, Petrópolis: Vozes, 1998.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: zahar, 2008.

CARVALHO, M. M. C. de. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.1, p.111-120, mar., 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mai. 2017.

_____. C. Pedagogia moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: CARVALHO, M. M. C.; PINTASSILGO, J. (Eds.). **Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais:** Portugal e Brasil, histórias conectadas. São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. **Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação** (1924-1931). Bragança Paulista: Edusf, 1998.

CATTA PRETA, C. A. Sabedoria de bolso. Orlândia, SP: Gráfica Orlândia, 2004.

CENTENÁRIO da EMEB Coronel Francisco Orlando. Feitiço da Vila, Orlândia, Ano 16, n. 765, 10 mai. 2014.

CHARTIER, R**. A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CORRÊA, M. E. P.; NEVES, H. M. V.; MELLO, M. G. **Arquitetura escolar paulista:** 1890-1920. São Paulo: FDE, 1991.

CURY, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira**: católicos versus liberais.São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1986.

D'ÁVILA, C. A mediação didática na história das pedagogias brasileiras. **Revista FAEEBA** – Educação e contemporaneidade, Salvador, v.14, n.24, p.217-240, jul./dez., 2005.

DINIZ, Renato de Oliveira. Cem Anos de História e Energia. São Paulo: Via das Artes, 2012.

_____. **A educação secundária no interior paulista: estudo histórico sobre o Ginásio Estadual de Matão**. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara, São Paulo.

ESTATÍSTICAS do século XX. **IBGE**. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html. Acesso em: 8 de mar. de 2017.

ETEC – ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. Centro de Memória. Orlândia.

FARGE, A. O Sabor do Arquivo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FÉLIX, S. R (Org.). **Orlândia: cidade das avenidas**. São Paulo: Nova América, 2012.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

GHIRALDELLI J, P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

HILSDORF, M. L. S. **História da educação brasileira**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003.

IBGE. Histórico de Orlândia. Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=353430&search=sao-paulo|orlandia|infograficos:-historico. Acesso em: 04 jan. de 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico: Série regional de São Paulo. Rio de Janeiro: 1955. v. 25.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico: Série regional de São Paulo. Rio de Janeiro: 1954. v. 25.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico: Série regional de São Paulo. Rio de Janeiro: 1999. v. 25.

JORNAL cidade de Orlândia. Orlândia, 1951.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, n.1, p.9-43, jan. /jun., 2001.

JUNQUEIRA, J. F. F. Orlândia de antigamente: uma memória fotográfica. São Paulo: Massao Ohno, 1999.

LAGE, A. C. P; SANTOS, E. C. R. dos. **Grupo escolar.** 2015. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_%20escolar.htm>. Acesso em: 18 jul. 2017.

LUCA, T. R. São Paulo no século XX: segunda metade. São Paulo: Organização Poiesis Social de Cultura/Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2011.

MARTINS, J. de Souza. São Paulo no século XX: primeira metade. São Paulo: Organização Poiesis Social de Cultura/Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2011.

MAGALHÃES, J. P. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: USF, 2004.

MEIRELLES, E. **Primeira República:** um período de reformas. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3444/primeira-republica-um-periodo-de-reformas>. Acesso em: 26 fev. 2017.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: FENAME, 1974.

OLÁ, Orlândia. Disponível em: <http://orlandia.zip.net/>. Acesso em: 7 de jun. de 2017

POUBEL, E.; SILVA, E. F. de S. A Escola Normal de Cuiabá: a formação de professores para a implantação do método intuitivo no ensino público mato-grossense. In: NUNES, C.; SÁ, N. P. (Org.). **Instituições Educativas na Sociedade Disciplinar Brasileira**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ORLÂNDIA. **História**. 2016. Disponível em: < http://www.orlandia.sp.gov.br/novo/a-cidade/historia>. Acesso em: 20 mai. 2017.

RESUMO e comparação entre os textos: História dos métodos de alfabetização no Brasil de Maria Rosário Longo Mortatti e Breve História das Metodologias de José Juvêncio Barbosa. **Web artigos.** Disponível em: **http://www.webartigos.com/artigos/resumo-e-comparacao-entre-os-textos-historia-dos-metodos-de-alfabetizacao-no-brasil-de-maria-rosario-longo-mortatti-e-breve-historia-das-metodologias-de-jose-juvencio-barbosa/112545#ixzz4tuU6np00**. Acesso em: 9 abr. de 2016.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia,** Ribeirão Preto, n.4, p.15-30, jul.,1993.

SANTOS, E. C. R. dos. Grupos escolares ou escolas reunidas? A expansão da escola graduada em Mato Grosso. **Revista Aleph**, v.8, n.20, p.102-117, dez./2013.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 5.884, de 21 de abril de 1933. Código da Educação do Estado de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1934. (Coleção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo).

_____. Decreto n. 6.947, de 6 de fevereiro de 1935. Consolida disposições anteriores e introduz modificações na carreira do magistérioprimário, instituída pelo Decreto n. 3.884, de 21 de abril de 1933 e alternada pelo Decreto n. 6.197 de 9 de dezembro de 1933. Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1935/decreto-6947-06.02.1935.html. Acesso em: 8 abr. de 2016

_____. Decreto 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Diário Oficial da União - Seção 1 - 4/1/1946, Página 116.

_____. Decreto n. 17698, de 26 de novembro de 1947. Aprova a Consolidação mandada elaborar pelo Decreto n. 17211, de 13 de maio de 1947. São Paulo: LEX. (LEX – Coletânea de Legislação).
_____. Decreto n. 50133, de 2 de agosto de 1968. Regulamenta a Lei n. 10038, de 5 de fevereiro de 1968, na parte relativa ao ensino colegial: secundário e normal. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968c. (Coleção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo).

_____. Lei n. 10038, de 5 de fevereiro de 1968. Dispõe sobre a organização do Sistema de Ensino do Estado de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968a. (Coleção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo).

_____. Lei n. 9865, de 9 de outubro de 1967. Plano Estadual de Educação. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1967. (Coleção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo).

_____. Lei nº 2.356, de 31 de dezembro de 1910. Fixa a despesa geral da República dos Estados Unidos do Brasil para exercício de 1911 e dá outras providencias

SAVIANI, D. O legado educacional do "longo século XX" brasileiro. In: SAVIANI, D. et al (Org.). **O legado educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.**Educação**. Disponível em: http://www.janduarte.com.br/textos/educacao/concepcoes_pedagogicas.pdf. Acesso em: 21 mai. 2017.

_____. **Pedagogia históricocrítica**: primeiras aproximações.
Campinas: Autores Associados, 2005.

SCACHETTI, A. L. **História da educação no Brasil**. 2013.**Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1910/serie-especial-historia-da-educacao-no-brasil>. Acesso em: 01 mar. 2017.

SCHUELER, A. F. M. de; SÁ. E. F. de; FERRO, M. do A. B. A expansão da escola primária graduada nos Estados na Primeira República: a ação dos poderes públicos. In: SOUZA, R. et al. (Org.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil**: investigaçõescomparadas sobre a Escola Graduada (1870 – 1930). São Paulo: Prelo, 2011.

SILVA, A. M. Práticas educativas no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, em Assú/RN (1911-1927). **Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN**, n.1, fev./ 2010.

SILVA, R. **Educação.** 2014. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAANd4AA/educacao>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SONNEVILLE, J. J. História da escola em São Paulo e no Brasil: um clássico da literatura sobre educação. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, p. 103-112, jun./dez., 2005.

SOUZA, R. F. Espaço da Educação e da Civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, D. et al. (Orgs.) **O legado educacional do Século XX**. Araraquara: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

_____. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D. et al. (Orgs) **O legado educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____.Alicerces da pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976). 2006. Disponível em: http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo01/Coordenada%20por%20Dermeval%20Saviani/Rosa%20Fatima%20de%20Souza%20-%20Texto.pdf. Acesso em: 21 mai. 2017.

_____.**História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

_____.**Templos de civilização:** a implantação da escola graduada no estado de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP. 2015.

VIDAL, D. G. Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os Grupos Escolares em foco. In: VIDAL, D. G (Org.) **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil** (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

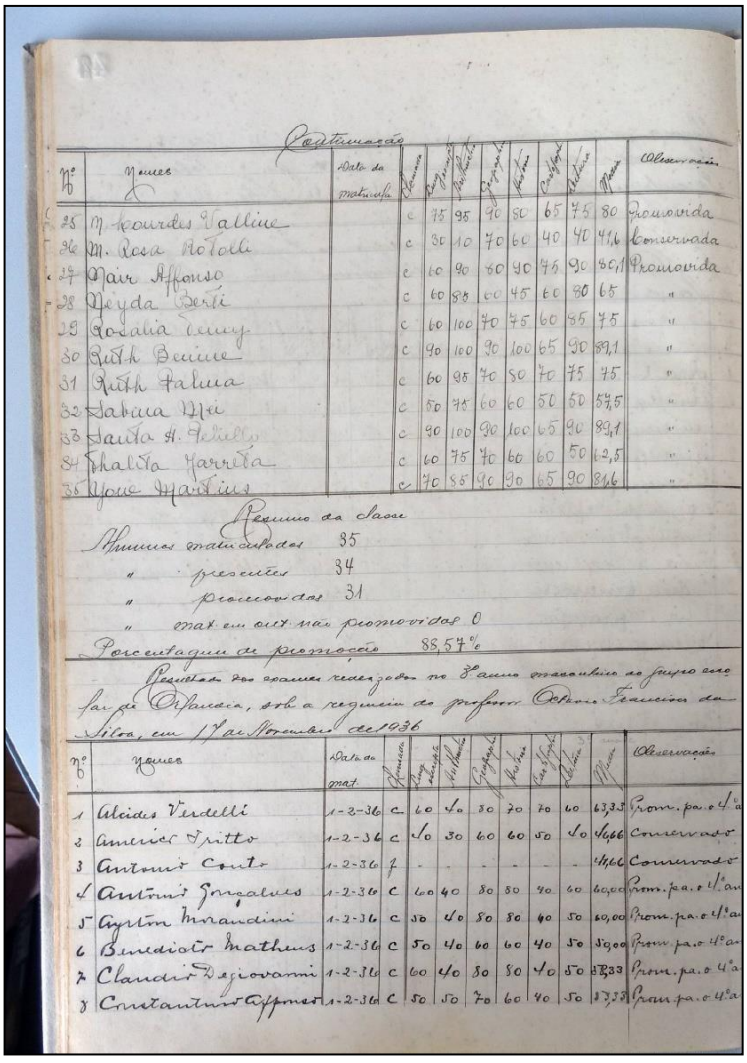
APÊNDICES “A” e “B”

APENDICES “A”

LIVROS DE REGISTRO E ANOTAÇÕES DO

GRUPO ESCOLAR “CORONEL FRANSCISCO ORLANDO”

Matrículas dos Alunos de 1930



Continuação

Nº	Nomes	Data da matrícula	Classe							Média	Observação
25	M. Lourdes Vallim		c	75	95	90	80	65	75	80	Promovida
26	M. Rosa Rotelli		c	30	10	70	60	40	40	41,6	Conservada
27	Nair Affonso		c	60	90	80	90	75	90	80,1	Promovida
28	Neyda Berté		c	60	85	60	45	60	80	65	"
29	Rosalia Lemy		c	60	100	70	75	60	85	75	"
30	Ruth Bueno		c	90	100	90	100	65	90	89,1	"
31	Ruth Falcão		c	60	95	70	80	70	75	75	"
32	Sabina Mei		c	50	75	60	60	50	50	57,5	"
33	Santa H. Pelli		c	90	100	90	100	65	90	89,1	"
34	Thalita Garreta		c	60	75	70	60	60	50	62,5	"
35	Yone Martins		c	70	85	90	90	65	90	81,6	"

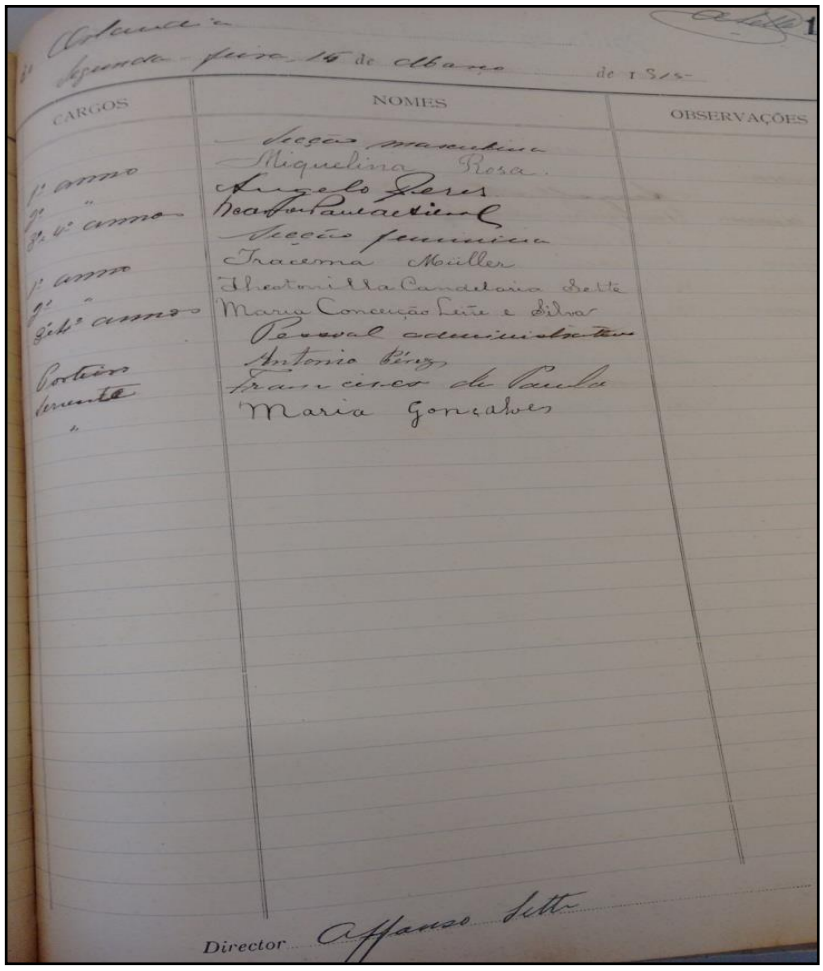
Resumo da Sala

Alumnos matriculados 35
" presentes 34
" promovidos 31
" mat. em out. não promovidos 0
Porcentagem de promoção 88,57%

Resultado dos exames realizados no 3º anno masculino ao grupo escolar de Ortigueira, sob a regencia do professor Octavio Francisco da Silva, em 1º de Novembro de 1936

Nº	Nomes	Data da mat.	Classe							Média	Observação
1	Alcides Verdelli	1-2-36	c	60	50	80	70	70	60	67,33	Prom. para o 4º a
2	Americo Britto	1-2-36	c	50	30	60	60	50	50	51,66	Conservado
3	Antonio Couto	1-2-36	f	-	-	-	-	-	-	11,66	Conservado
4	Antonio Gonçalves	1-2-36	c	60	40	80	50	40	60	60,00	Prom. para o 4º an
5	Agrim Mirandini	1-2-36	c	50	40	80	80	40	50	60,00	Prom. para o 4º a
6	Benedicto Mathews	1-2-36	c	50	40	60	60	40	50	53,00	Prom. para o 4º an
7	Claudio Degiovanni	1-2-36	c	60	40	80	80	40	50	58,33	Prom. para o 4º a
8	Constantino Affonso	1-2-36	c	50	50	70	60	40	50	53,33	Prom. para o 4º a

Ponto Pessoal do Grupo Escolar Coronel Francisco Orlando em 1918

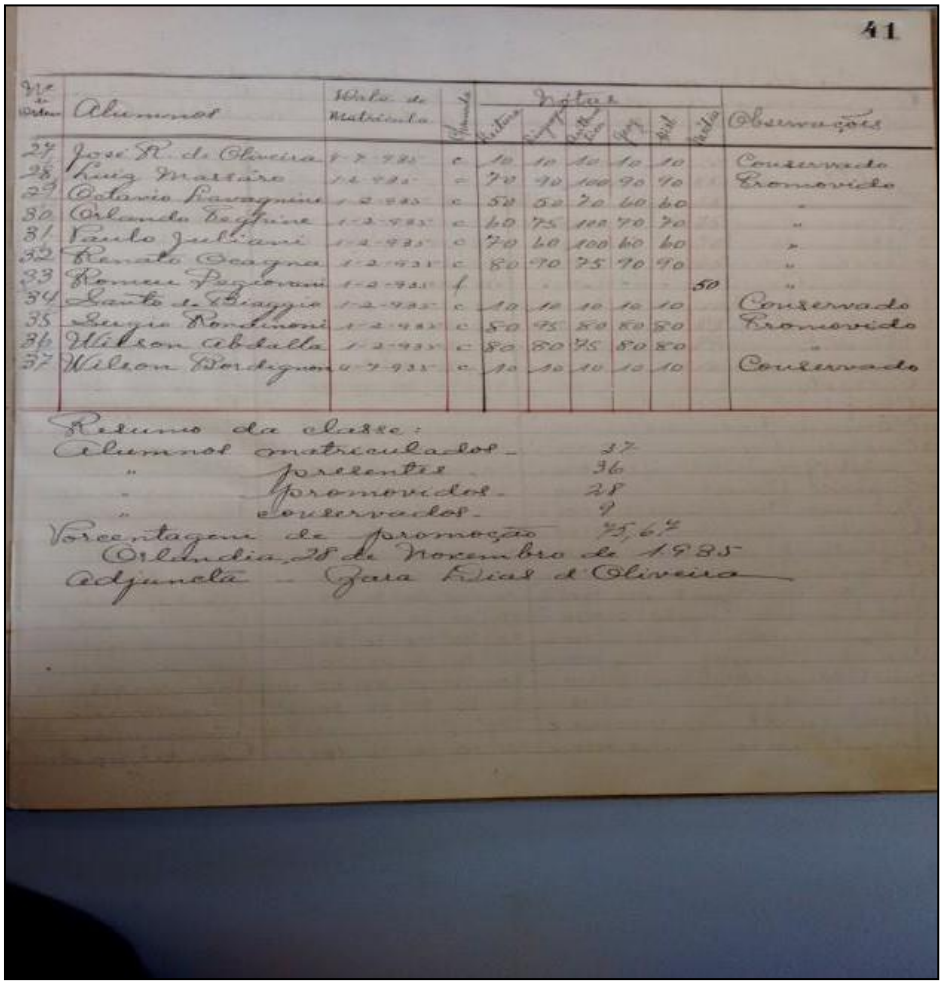


Orlando
Segunda feira 14 de Abril de 1918

CARGOS	NOMES	OBSERVAÇÕES
	Secção masculina	
1º anno	Miquelina Rosa	
2º "	Angelo Peres	
3º, 4º anno	Boaventura Martins	
	Secção feminina	
1º anno	Iracema Müller	
2º "	Thetonilla Candelaria Sette	
6º anno	Maria Conceição Leite e Silva	
	Pessoal administrativo	
Porteiro	Antonio Braz	
Servente	Francisco de Paula	
"	Maria Gonçalves	

Director Affonso Sette

Boletins do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ano 1935

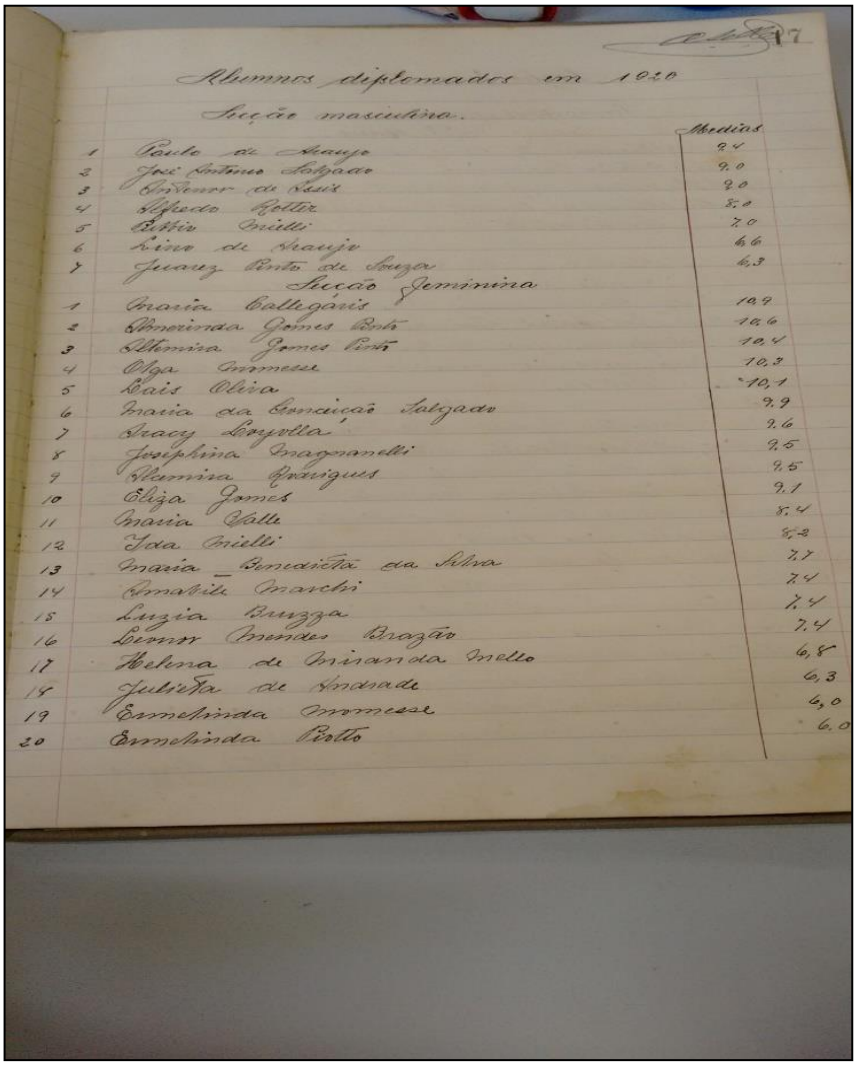


41

Nº de ordem	Alumnos	Data de Matrícula	Notas						Observações
27	José R. de Oliveira	1-7-935	c	10	10	10	10	10	Conservado
28	Luiz Mattaire	1-2-935	c	70	90	100	90	90	Promovido
29	Octavio Lavagnini	1-2-935	c	50	60	70	60	60	"
30	Orlando Bagnini	1-2-935	c	60	75	100	70	70	"
31	Paulo Juliani	1-2-935	c	70	60	100	60	60	"
32	Renato Scagna	1-2-935	c	80	70	75	90	90	"
33	Romeu Pezzoni	1-2-935	f	-	-	-	-		50 "
34	Santo de Biaggio	1-2-935	c	10	10	10	10	10	Conservado
35	Sergio Bordignon	1-2-935	c	50	75	50	80	80	Promovido
36	Wilson Abdalla	1-2-935	c	80	80	75	80	80	"
37	Wilson Bordignon	1-7-935	c	10	10	10	10	10	Conservado

Resumo da classe:
Alumnos matriculados - 37
" presentes - 36
" promovidos - 28
" conservados - 9
Porcentagem de promoção 75,6%
Orlandia 28 de Novembro de 1935
Adjunta - Zara Dias d'Oliveira

Notas finais do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando", ano 1921



17

Alumnos diplomados em 1920

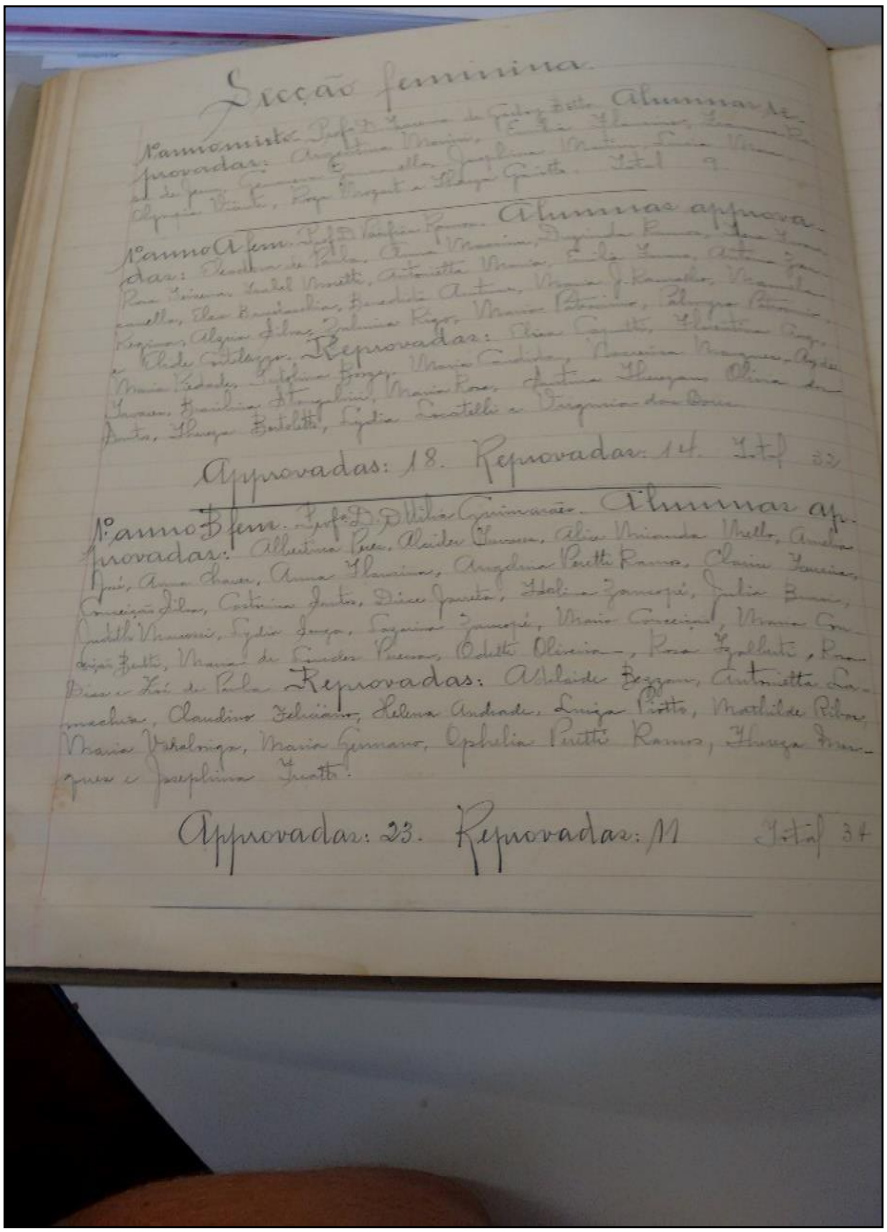
Secção masculina.

		Medias
1	Paulo de Araujo	9.4
2	José Antonio Salgado	9.0
3	Octavio de Assis	9.0
4	Alfredo Rotter	8.0
5	Attilio Bielli	7.0
6	Rino de Araujo	6.6
7	Juarez Pinto de Souza	6.3

Secção feminina

1	Maria Gallegaris	10.9
2	Esmerinda Gomes Bello	10.6
3	Alumina Gomes Pinto	10.4
4	Olga Ommesse	10.3
5	Lais Oliva	10.1
6	Maria da Conceição Salgado	9.9
7	Iracy Loyolla	9.6
8	Josephina Magnanelli	9.5
9	Alumina Granziers	9.5
10	Eliza Gomes	9.1
11	Maria Gallo	8.4
12	Ida Bielli	8.2
13	Maria Benedicta da Silva	7.7
14	Amabile Marchi	7.4
15	Luzia Bruzza	7.4
16	Lemir Mendes Brazão	7.4
17	Helena de Miranda Mello	6,8
18	Julieta de Andrade	6,3
19	Esmelinda Ommesse	6,0
20	Esmelinda Pinto	6.0

Livro contendo nome de alunas aprovadas e reprovadas no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"

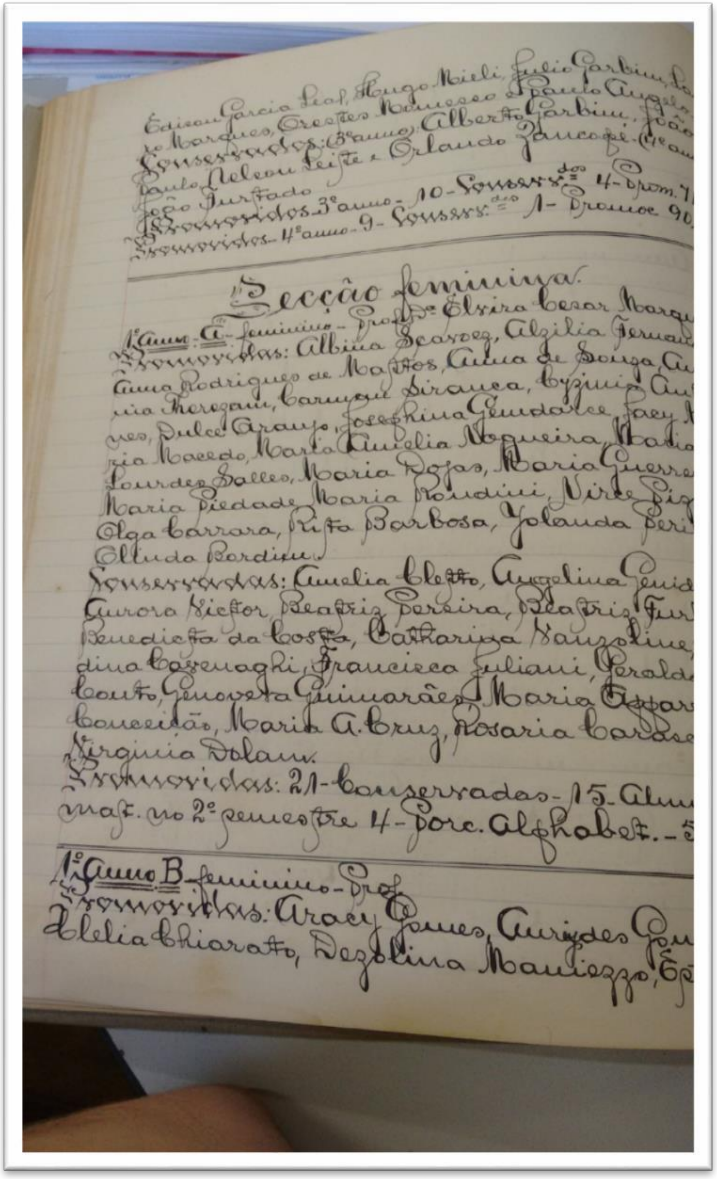

Secção feminina.

Approvadas: 18. Reprovadas: 14. Total 32

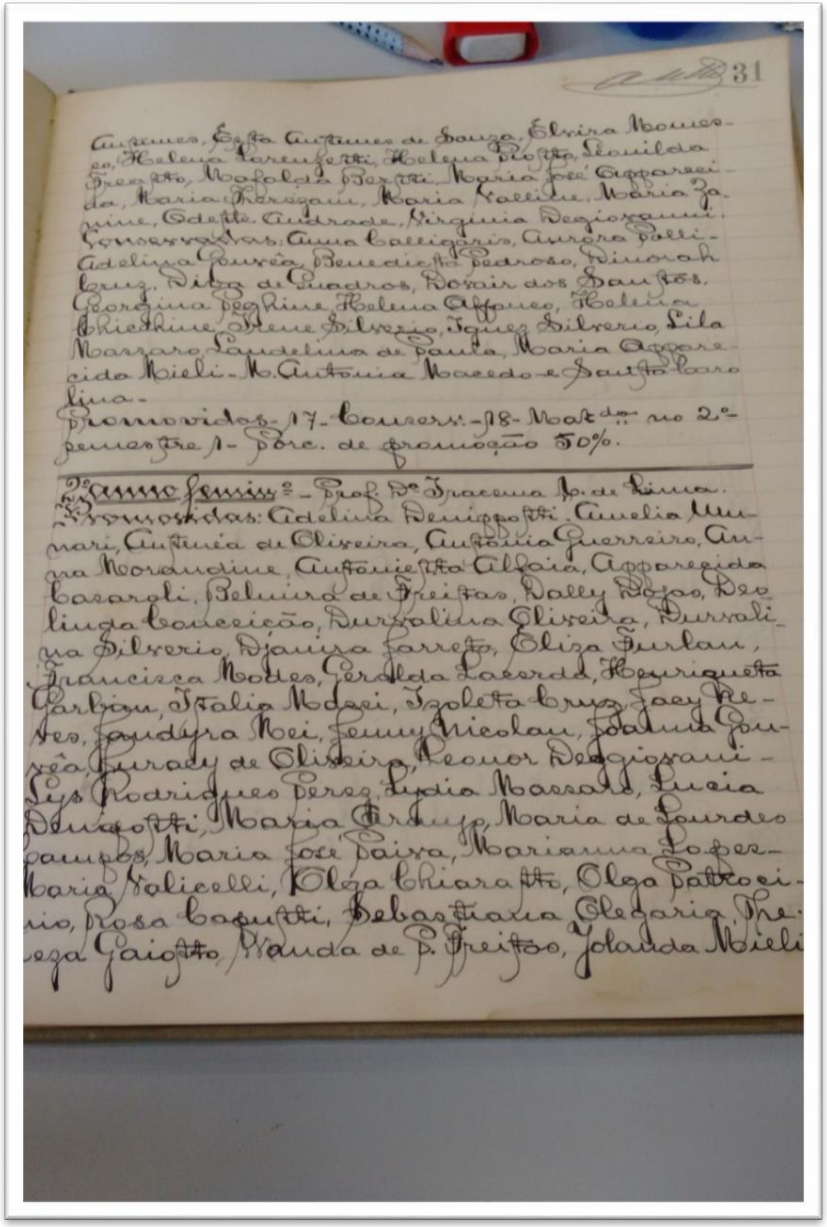
Approvadas: 23. Reprovadas: 11 Total 34

Lista e porcentagem de alunos promovidos por ano no Grupo Escolar

“Coronel Francisco Orlando”.



Lista e porcentagem de alunos promovidos por ano



31

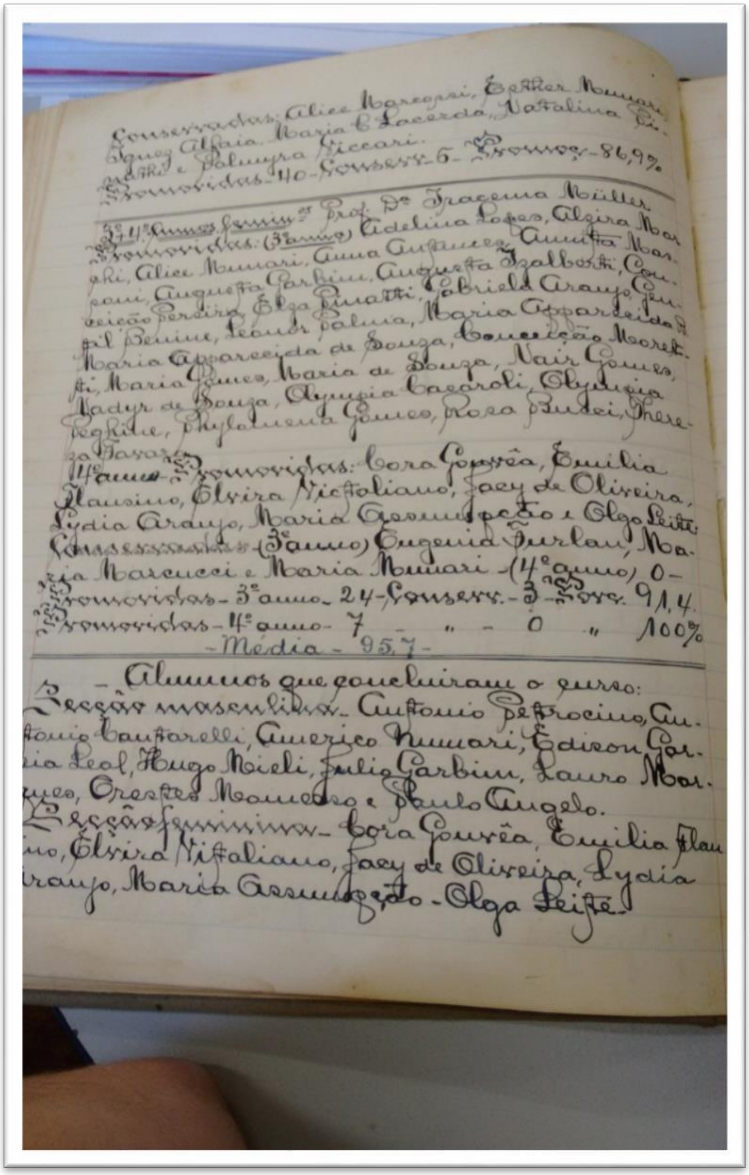
Antunes, Esta Antunes de Souza, Elvira Nunes, Helena Parenferti, Helena Porto Seguida Pereira, Rafaela Bertti, Maria José Apparecida, Maria Fonseca, Maria Gallido, Maria Joaquine, Odette Andrade, Virginia Degiovanni Conservadas, Anna Calligaris, Aurora Pellizari Adelina Pereira, Benedicta Pedroso, Dinorah Cruz Silva de Quadros, Rosair dos Santos, Georgina Peghini, Helena Affonso, Helena Chiethini, Irene Silveira, Iguez Silveira, Lila Navarro, Laudelina de Paula, Maria Apparecida Nieli - M. Antonia Macedo e Santa Carolina -

Promovidas - 17 - Conserv. - 18 - Matr. no 2.º semestre 1 - Porc. de promoção 50%.

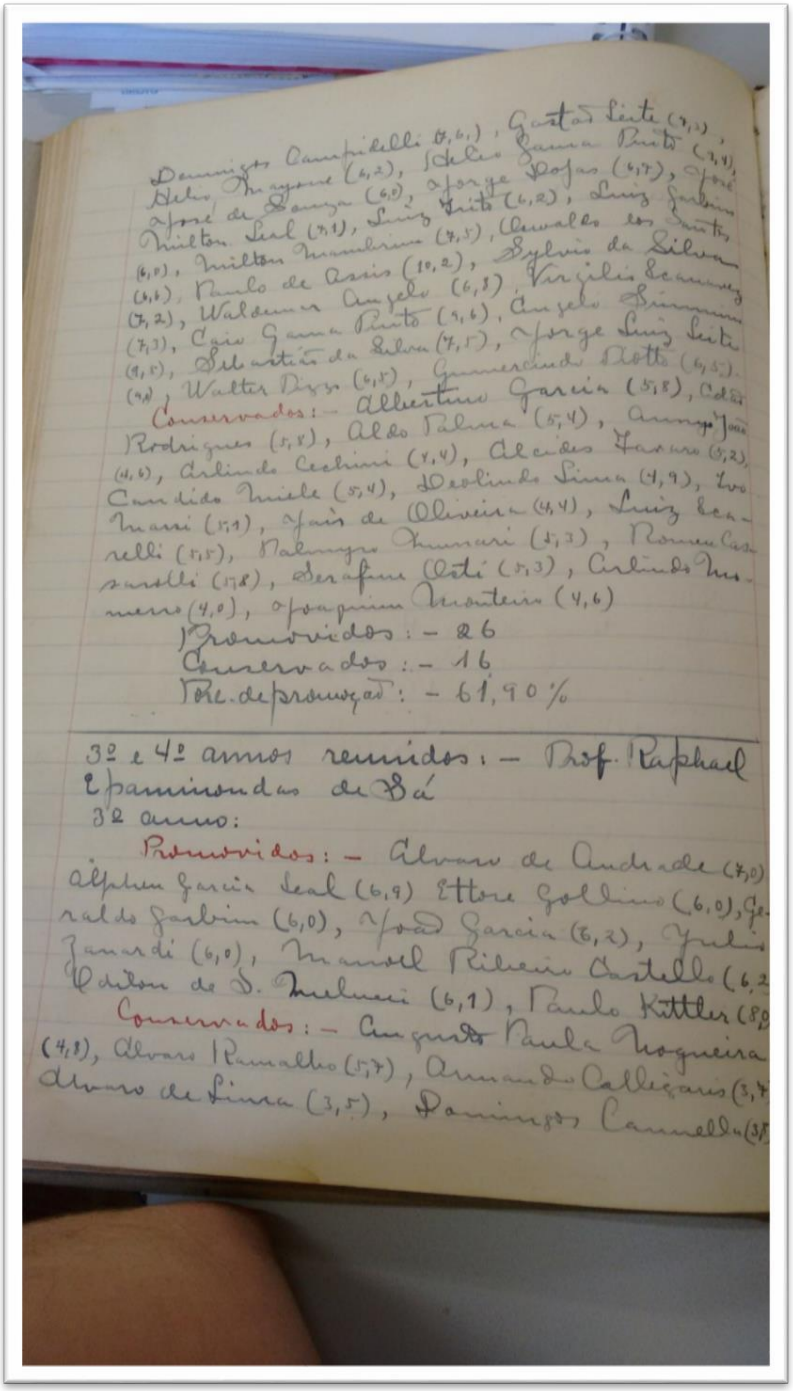
2.º anno feminino - Prof.ª D. Francina P. de Lima.

Promovidas: Adelina Deniggotti, Amelia Minari, Antonia de Oliveira, Antonia Guerreiro, Aurora Nordundine, Antonietta Alfaia, Apparecida Casaroli, Belmiro de Freitas, Dally Rojas, Deolinda Conceição, Durvalina Oliveira, Durvalina Silverio, Djanira Farreta, Eliza Furlan, Francisca Nobes, Geralda Casarol, Henriqueta Carbon, Italia Nozzi, Izoleta Cruz, Jacy Neves, Laudyra Nei, Jenny Nicolau, Joanna Pereira, Jurady de Oliveira, Leonor Degiovanni - Lys Rodrigues Perez, Lydia Nassaro, Lucia Deniggotti, Maria Arruda, Maria de Lourdes Campos, Maria José Paiva, Mariana Lopes, Maria Nalicelli, Olga Chiaratto, Olga Patroni, Rosa Casutti, Sebastiana Oledaria Prega Gaiotto, Wanda de P. Freitas, Yolanda Nieli

Lista e porcentagem de alunos promovidos por ano (cont.) no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".



Lista de alunos promovidos e aproveitamento no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".



Domingos Campidelli (6,6), Gastão Leite (7,2), Helio Nogueira (6,2), Idalio Gama Pinto (7,4), José Rojas (6,7), José de Souza (6,0), Jorge Pinto (6,2), Luiz Barbosa Milton Leal (7,1), Luiz Pinto (6,2), Osvaldo dos Santos (6,0), Milton Nunes Lima (7,5), Sylvio da Silva (6,6), Paulo de Assis (10,2), Virgilio Ramos (7,2), Waldemar Angelo (6,3), Angelo Simonetti (7,3), Caio Gama Pinto (9,6), Jorge Luiz Leite (9,5), Sebastião da Silva (7,5), Gumercindo Motta (6,5). (9,0), Walter Dias (6,5),

Conservados: - Alberto Garcia (5,8), Celso Rodrigues (5,8), Aldo Palma (5,4), Antonio Jose (4,6), Arlindo Ceolini (5,4), Alcides Tavares (5,2), Candido Miele (5,4), Osolindo Lima (4,9), Ivo Nani (5,1), Jair de Oliveira (4,4), Luiz Bearelli (5,5), Palmyro Tumani (5,3), Romeu Cassarelli (5,8), Serafim Costi (5,3), Arlindo Tenorio (4,0), Joaquim Monteiro (4,6)

Promovidos: - 26
Conservados: - 16
Pct. de promoção: - 61,90%

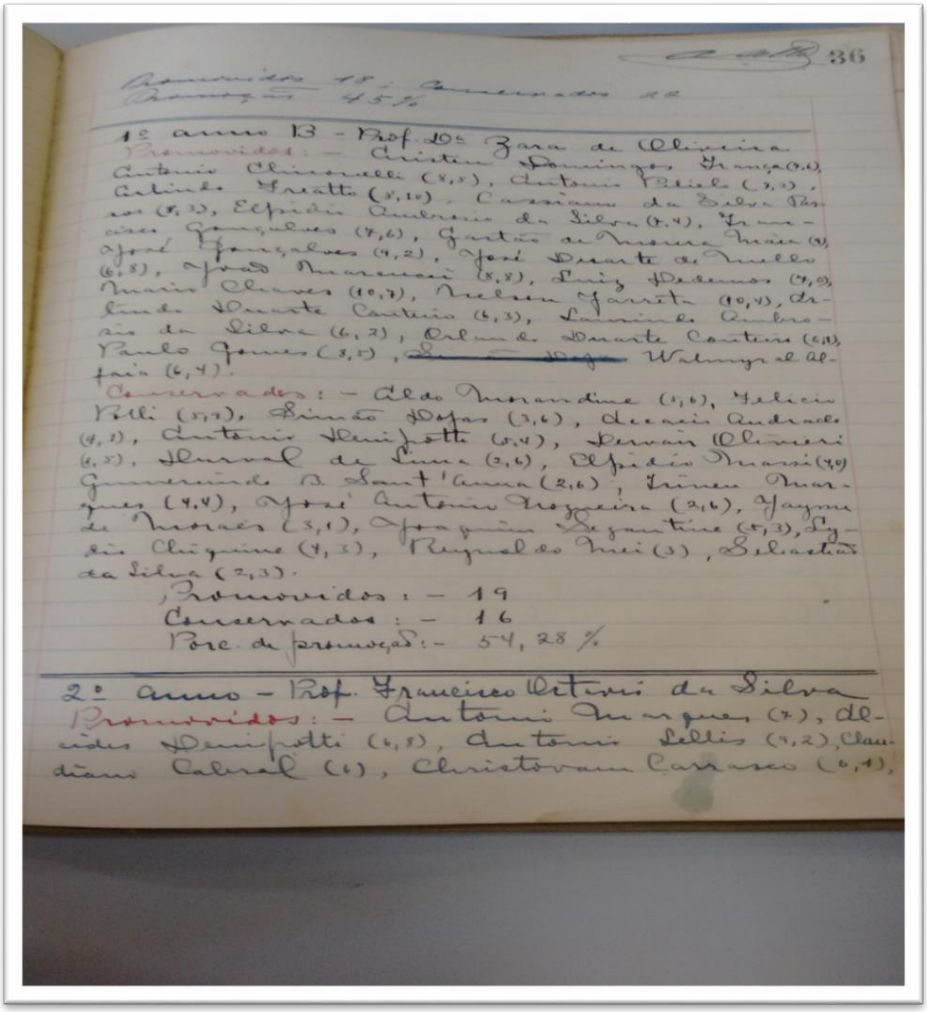
3º e 4º anos reunidos: - Prof. Raphael Epaminondas de Sá

3º anno:

Promovidos: - Alvaro de Andrade (7,0) Alpheu Garcia Leal (6,9) Ettore Golfino (6,0), Geraldo Barbim (6,0), José Garcia (6,2), Julio Zanardi (6,0), Manoel Ribeiro Castello (6,2) Odilon de D. Tolmei (6,1), Paulo Kittler (8,

Conservados: - Augusto Paula Nogueira (4,8), Alvaro Ramalho (5,7), Armando Calliçaro (3,7 Alvaro de Lima (3,5), Domingos Cannella (3,

Lista de alunos promovidos e aproveitamento no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"



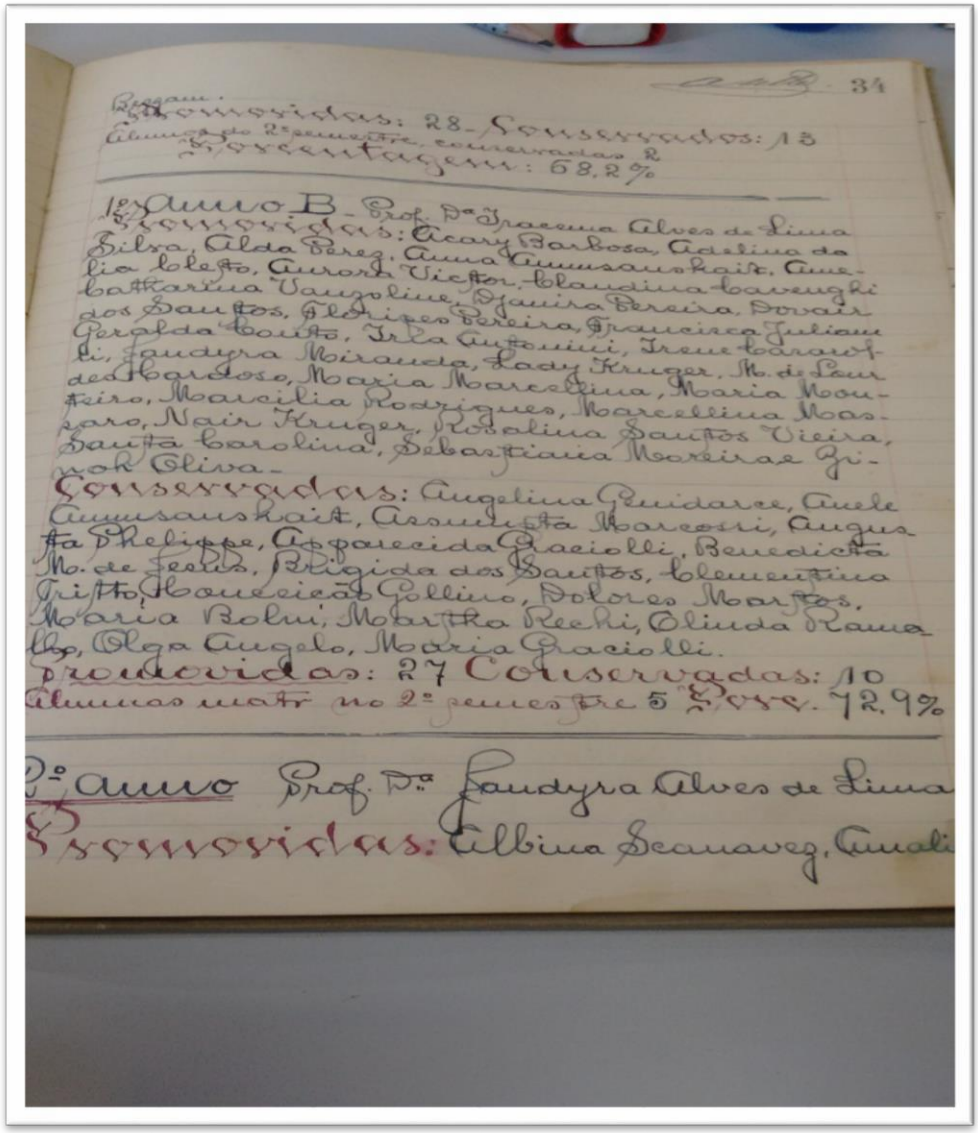
36

Promovidos 18 - Aproveitamento 12
Aproveitamento 45%

1º anno B - Prof. Dª Zara de Oliveira
Promovidos: - Christina Domingos Franca (9,0), Antonio Chironelli (8,8), Antonio Pelli (7,5), Celinda Fratto (8,10), Carmiano da Silva Passos (7,5), Elpidio Ambrosio da Silva (7,4), Francisco Gonçalves (7,6), Gaetano de Moura Maia (8), Ajoel Gonçalves (9,2), José Duarte de Mello (6,8), Jorge Nunemaker (8,8), Luiz Pedemonte (7,9), Maria Chaves (10,7), Nelson Garrita (10,4), Orlinda Duarte Caetano (6,3), Laurindo Ambrosio da Silva (6,2), Orlando Duarte Caetano (6,1), Paulo Gomes (8,5), [illegible] Wilmyr de Abreu (6,4).
Conservados: - Aldo Morandini (7,6), Felicio Pelli (7,7), Firmo Dafas (7,6), Decarli Andrade (4,1), Antonio Humfotti (6,4), Hernani Oliveri (6,5), Hurval de Lima (7,6), Elpidio Mariz (7,9) Guimarães D'Sant'Anna (7,6), Primo Marques (4,4), José Antonio Nogueira (7,6), Ajayme de Moraes (8,1), Joaquim Bezantine (7,3), Sylvio Chiquino (4,3), Reynaldo Mei (8), Sebastião da Silva (7,3).
Promovidos: - 19
Conservados: - 16
Porc. de promoção: - 54,28 %

2º anno - Prof. Francisco Victorio da Silva
Promovidos: - Antonio Marques (7), Alcides Humfotti (6,8), Antonio Lellis (7,2), Claudiano Cabral (6), Christovam Carrasco (6,1),

Lista de alunos promovidos e aproveitamento no Grupo Escolar "Coronel Francisco



Promovidas: 28 - Conservadas: 15
Alumnas do 2º semestre, conservadas e
Percentagem: 68,2%

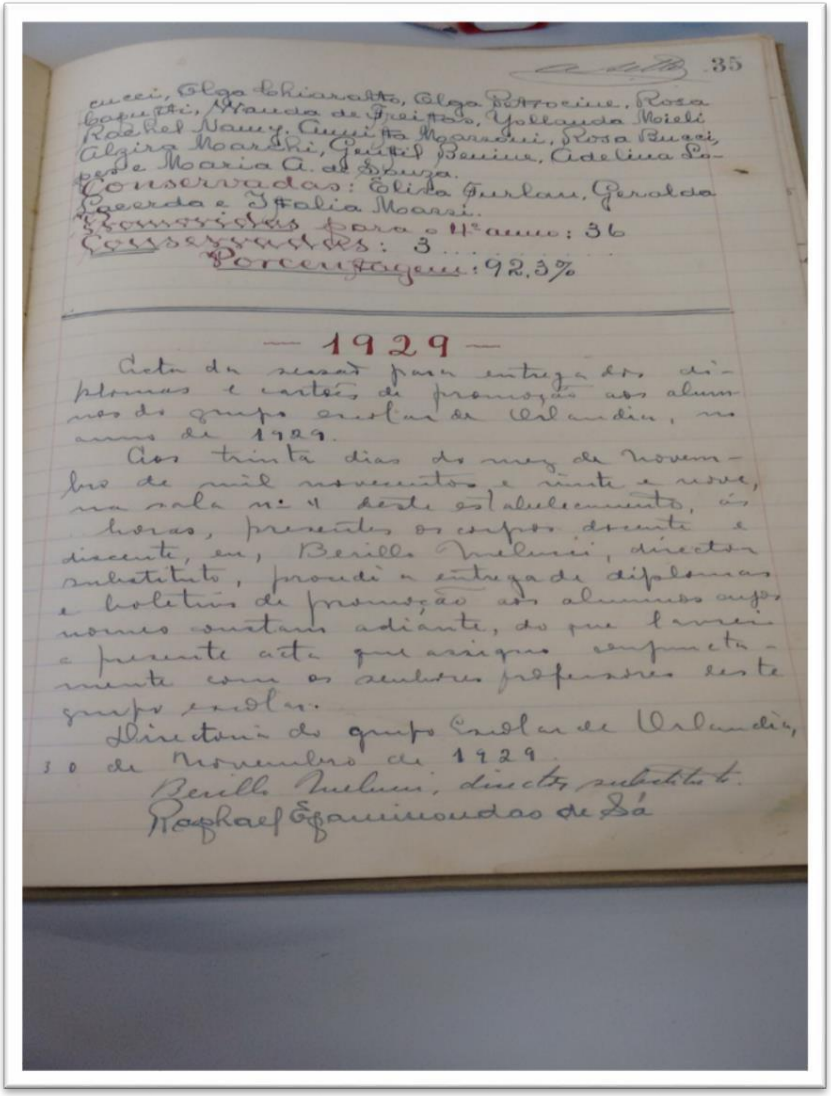
1º Anno B - Prof. Dª Graciema Alves de Lima
Promovidas: Acary Barbosa, Adelina da
Silva, Alda Perez, Anna Kumsauskait, Ame-
lia Coleto, Aurora Victor, Claudina Lavenghi
Bittencourt Vangolini, Djanira Pereira, Dovair
dos Santos, Floripes Pereira, Francisca Juliani
Geralda Couto, Irla Antonini, Irene Lavanti-
ni, Laudyra Miranda, Lady Kruger, Mª de Lour
des Barbosa, Maria Marcellina, Maria Mou-
reira, Marcilia Rodrigues, Marcellina Mas-
caro, Nair Kruger, Rosalina Santos Vieira,
Santa Carolina, Sebastiania Moreira Gi-
non Oliva -
Conservadas: Angelina Guidarce, Anele
Kumsauskait, Assunta Marcosi, Augus-
ta Phelippe, Aparecida Graciolli, Benedicta
Mª de Jesus, Brigida dos Santos, Clementina
Tritto, Conceição Gollino, Dolores Martos,
Maria Bolui, Martha Reckl, Olinda Rama-
lho, Olga Angelo, Maria Graciolli.
Promovidas: 27 Conservadas: 10
Alumnas matr no 2º semestre 5 Aprov. 72,9%

2º Anno Prof. Dª Laudyra Alves de Lima
Promovidas: Albina Seanavez, Anali

Orlando".

]

Ata da entrega de diplomas 1929 no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"



35

ucci, Olga Chiaratto, Olga Petrocine, Rosa Caputti, Maria de Freitas, Yolanda Moieli Rachel Nauy, Anita Maarsi, Rosa Bucci, Algira Maarsi, Cecília Benine, Adelina Lapesse e Maria A. de Souza.

Conservadas: Elisa Furlan, Geralda Guerda e Ofalia Maarsi.

Examinados para o 4º anno: 36

Conservados: 3

Porcentagem: 92,3%

— 1929 —

Acta da sessão para entrega dos diplomas e cartões de promoções aos alumnos do grupo escolar de Orlandia, no anno de 1929.

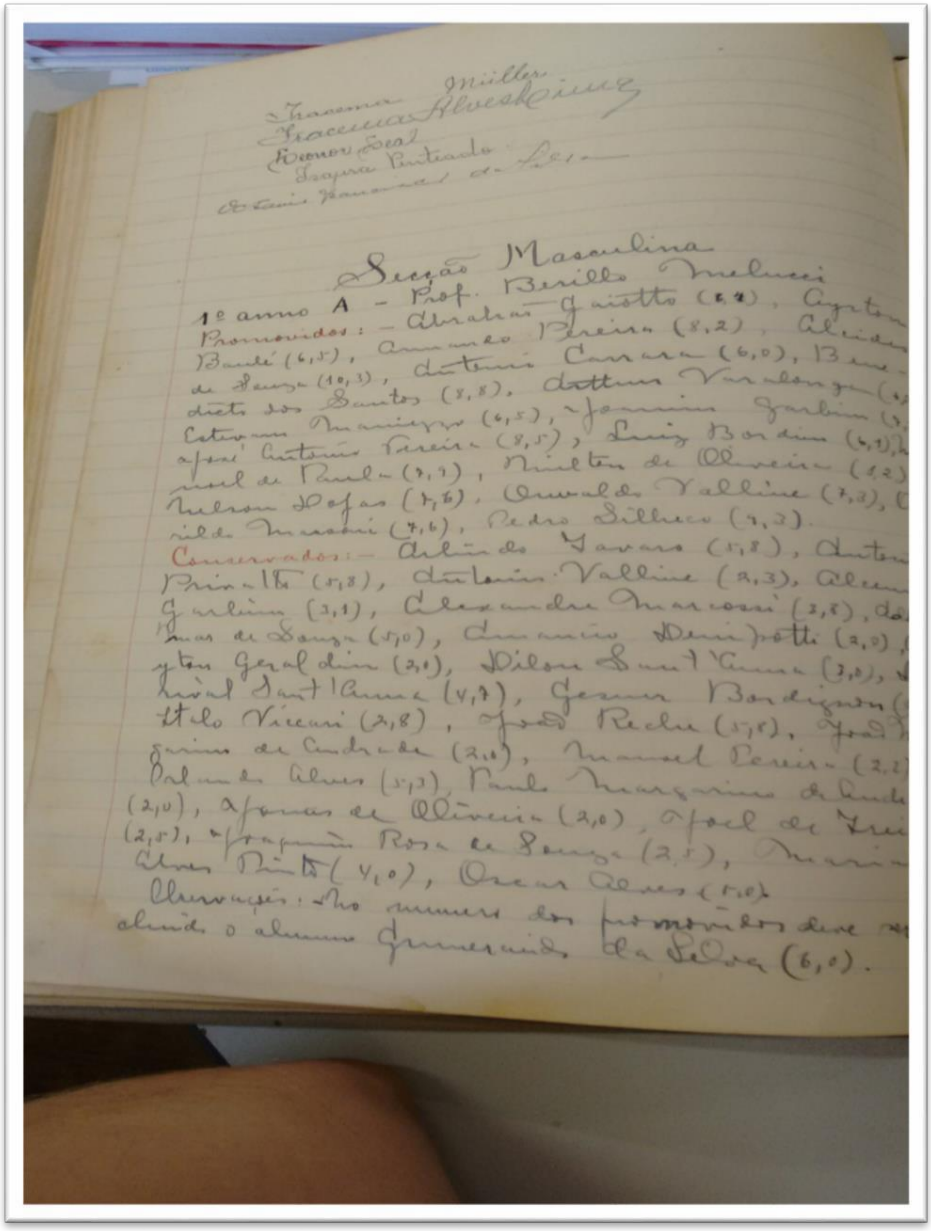
Aos trinta dias do mez de novembro de mil novecentos e vinte e nove, na sala nº 4 deste estabelecimento, ás horas, presentes os corpos docente e discente, eu, Bezilla Queluci, director substituto, procedi a entrega de diplomas e boletins de promoção aos alumnos cujos nomes constam adiante, do que lavrei a presente acta que assigno, conjunctamente com os demais professores deste grupo escolar.

Directoria do grupo Escolar de Orlandia, 30 de Novembro de 1929.

Bezilla Queluci, director substituto.

Raphael Epaminondas de Sá

Promovidos e conservados seção masculina no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".



Secção Masculina

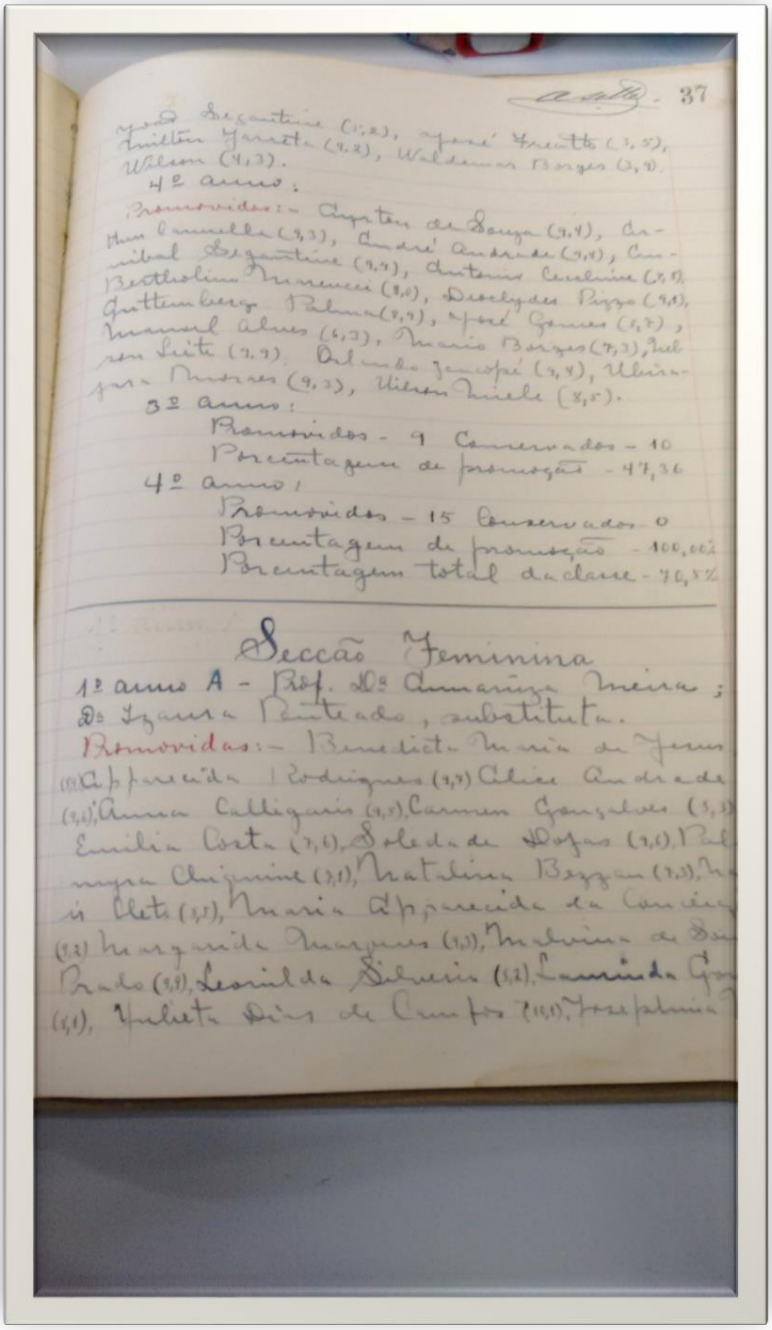
1º anno A - Prof. Benilde Meluci

Promovidos: - Abrahão Gaiotto (8,2), Agenor Bauli (6,5), Amando Freire (8,2), Alcides de Souza (10,3), Antonio Camara (6,0), Benedicto dos Santos (8,8), Dottum Varalonga (8,8), Estevam Nunes (6,5), Jeronimo Garbim (8,8), José Antonio Pereira (8,5), Luiz Bordim (8,0), Manuel de Paula (8,2), Nilton de Oliveira (8,2), Nelson Rojas (8,6), Oswaldo Vallim (8,2), Otilio Marconi (8,6), Pedro Silveco (8,2).

Conservados: - Alcides Navarro (5,8), Antonio Primalta (5,8), Antonio Vallim (8,3), Alcides Garbim (8,1), Alexandre Marconi (8,8), Dorvalino Dias de Souza (5,0), Domicio Donatti (8,0), Egydio Geraldino (8,0), Dilson Santa Anna (8,0), Euclides Santa Anna (4,8), Geraldo Bordignon (8,0), Italo Vicari (8,8), José Rocha (5,8), José Joaquim de Andrade (8,0), Manuel Pereira (8,2), Orlando Alves (5,2), Paulo Joaquim de Andrade (8,0), Ramos de Oliveira (8,0), Raul de Freitas (8,0), Joaquim Rosa de Souza (8,5), Mario Alves Pinto (4,0), Oscar Alves (5,0).

Observações: No numero dos promovidos deve ser incluido o aluno Jeronimo da Silva (6,0).

Promovidos e Conservados seção feminina no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".



37

José Sebastião (7,2), José Vicente (7,5), Emilio Garreta (7,2), Waldemar Borges (7,0), Wilson (7,3).

4º anno.

Promovidos:- Aspasia de Souza (7,4), Arthur Carvalho (7,3), Anibal Sebastião (7,4), André Andrade (7,4), Cunha Bottolino Francisco (7,4), Antonio Catalino (7,4), Guttemberg Palma (7,4), Diocleciano Pizzo (7,1), Manoel Alves (6,3), Mario Borges (7,3), Nelson Leite (7,4). Orlando Jacobi (7,4), Ulisses Nunes (7,3), Ulisses Miele (8,5).

3º anno:

Promovidos - 9 Conservados - 10

Percentagem de promoção - 47,36

4º anno:

Promovidos - 15 Conservados - 0

Percentagem de promoção - 100,00

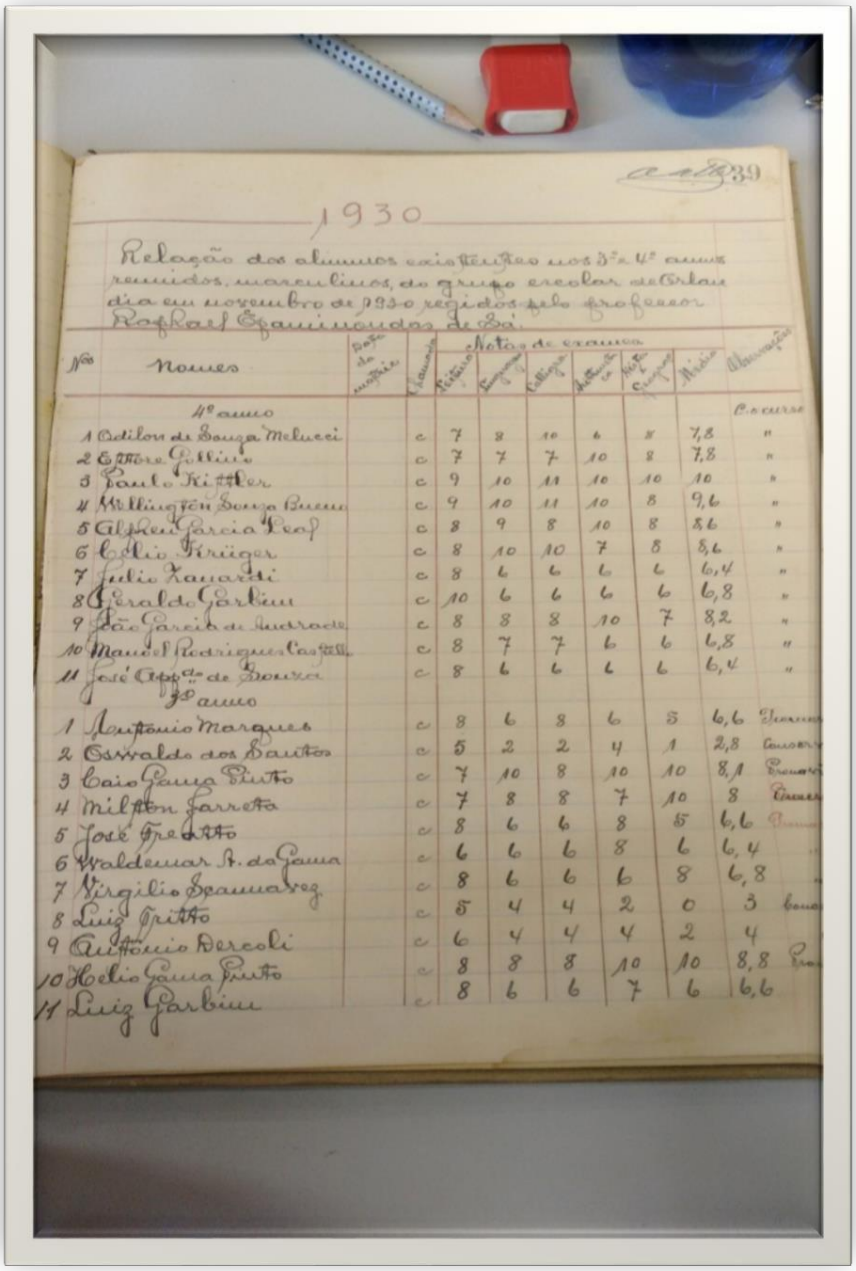
Percentagem total da classe - 76,32

Secção Feminina

1º anno A - Prof. Dª Amarinha Meira; Dª Izaura Penteado, substituta.

Promovidas:- Benedicta Maria de Jesus (8) Apparecida Rodrigues (7,4) Alice Andrade (7,1), Anna Calligaris (7,3), Carmen Gonçalves (7,3) Emilia Costa (7,1), Soledade Dorgas (7,1), Palmyra Chiquine (7,1), Natalina Bezzan (7,3), Maria Cleta (7,1), Maria Apparecida da Conceição (7,2) Margarida Marques (7,3), Madrina de Souza Prado (7,1), Lesmilda Silveira (7,2), Lamindo Gonçalves (7,1), Julieta Dias de Campos (7,1), Josepalmira

Relação de alunos de 1930 no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

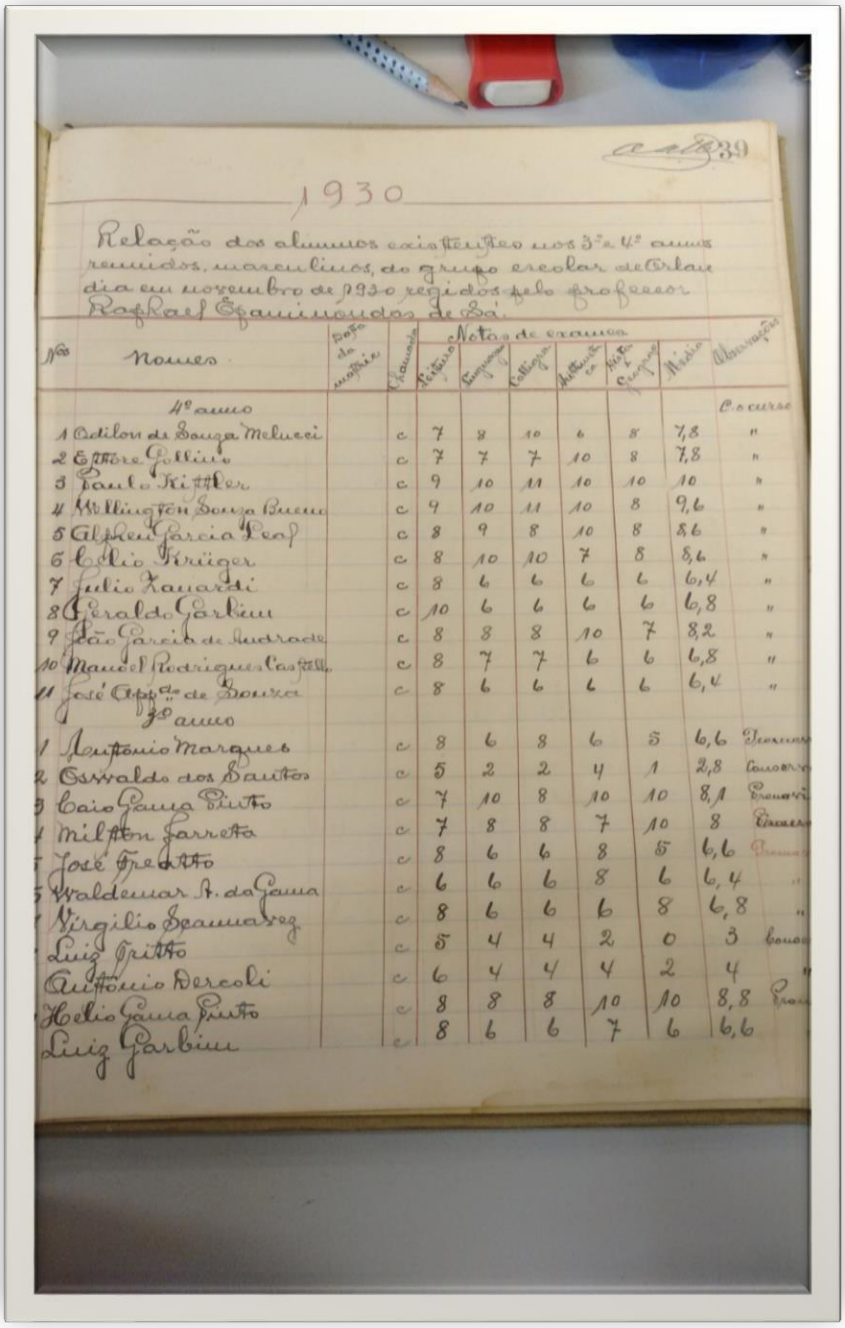


1930

Relação dos alumnos existentes nos 3.os e 4.º annos reunidos, matriculados, do grupo escolar de Ortaldo dia em novembro de 1930 regidos pelo professor Raphael Epaminondas de Sá.

Nos	Nomes	Data da matricula	Classe	Notas de exame: Portuguez	Arithmetica	Calligraphia	Desenho	Hist. e Corographia	Medio	Observações
	4º anno									C. e curso
1	Odilon de Souza Melucci		c	7	8	10	6	8	7,8	"
2	Ettore Gobbi		c	7	7	7	10	8	7,8	"
3	Paulo Kiffer		c	9	10	11	10	10	10	"
4	Millington Souza Bueno		c	9	10	11	10	8	9,6	"
5	Gilberto Garcia Leal		c	8	9	8	10	8	8,6	"
6	Celio Krüger		c	8	10	10	7	8	8,6	"
7	Julio Zanardi		c	8	6	6	6	6	6,4	"
8	Geraldo Garbim		c	10	6	6	6	6	6,8	"
9	João Pereira de Andrade		c	8	8	8	10	7	8,2	"
10	Manoel Rodrigues Castello		c	8	7	7	6	6	6,8	"
11	José Appa. de Souza		c	8	6	6	6	6	6,4	"
	3º anno									
1	Antonio Marques		c	8	6	8	6	5	6,6	Transf.
2	Osvaldo dos Santos		c	5	2	2	4	1	2,8	Cursou
3	Caio Gama Pinto		c	7	10	8	10	10	8,1	Promov.
4	Milton Barreto		c	7	8	8	7	10	8	Cursou
5	José Fretatto		c	8	6	6	8	5	6,6	Promov.
6	Waldemar S. da Gama		c	6	6	6	8	6	6,4	"
7	Virgilio Spaniavez		c	8	6	6	6	8	6,8	"
8	Luiz Fritto		c	5	4	4	2	0	3	boa
9	Antonio Dercoli		c	6	4	4	4	2	4	
10	Helio Gama Pinto		c	8	8	8	10	10	8,8	Prom.
11	Luiz Garbim		c	8	6	6	7	6	6,6	

Relação de alunos de 1930 no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".

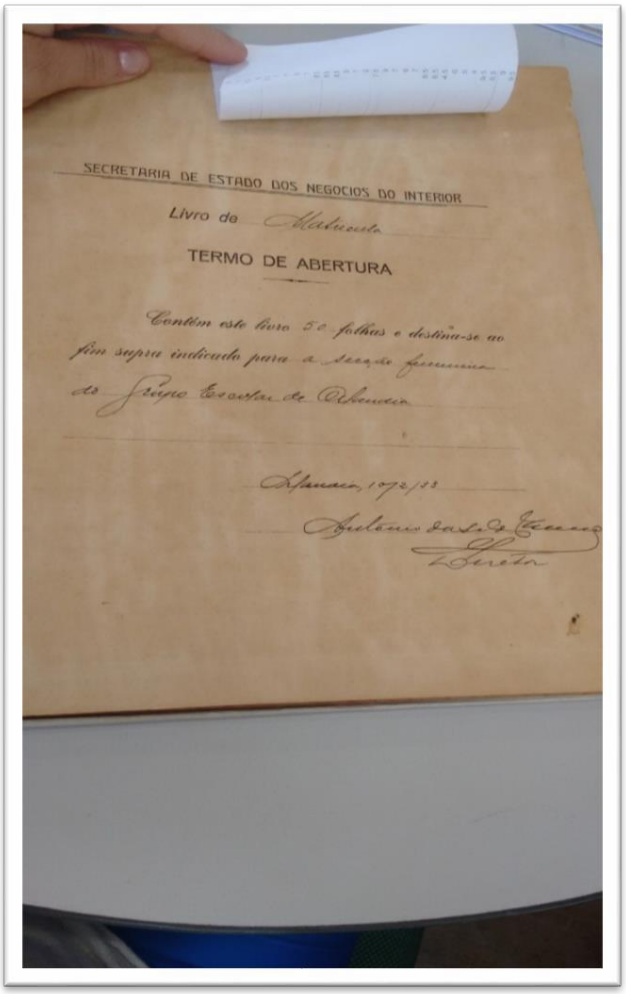


1930

Relação dos alumnos existentes nos 3.os e 4.os annos reunidos, masculinos, do grupo escolar de Orlandia em novembro de 1930 regidos pelo professor Raphael Epaminondas de Sá.

Nos	Nomes	Data da matricula	Chamada	Notas de exame: Portuguez	Arithmetica	Geographia	Historia do Brasil e Corographia	Media	Observações
	4.º anno								C. o curso
1	Odilon de Souza Melucci		c	7	8	10	6	8	7,8	"
2	Ettore Gollino		c	7	7	7	10	8	7,8	"
3	Paulo Kittler		c	9	10	11	10	10	10	"
4	Millington Souza Bueno		c	9	10	11	10	8	9,6	"
5	Alpheu Garcia Leal		c	8	9	8	10	8	8,6	"
6	Helio Piriger		c	8	10	10	7	8	8,6	"
7	Julio Zanardi		c	8	6	6	6	6	6,4	"
8	Geraldo Garbim		c	10	6	6	6	6	6,8	"
9	João Garcia de Andrade		c	8	8	8	10	7	8,2	"
10	Manoel Rodrigues Castello		c	8	7	7	6	6	6,8	"
11	José Cypriano de Souza		c	8	6	6	6	6	6,4	"
	3.º anno									
1	Antonio Marques		c	8	6	8	6	5	6,6	Promov.
2	Osvaldo dos Santos		c	5	2	2	4	1	2,8	Concorr.
3	Caio Gama Pinto		c	7	10	8	10	10	8,1	Promovi.
4	Milton Farreta		c	7	8	8	7	10	8	Promov.
5	José Fretto		c	8	6	6	8	5	6,6	Promov.
6	Waldemar A. da Gama		c	6	6	6	8	6	6,4	"
7	Virgilio Fernandez		c	8	6	6	6	8	6,8	"
8	Luiz Fritto		c	5	4	4	2	0	3	Concorr.
9	Antonio Bercoli		c	6	4	4	4	2	4	"
10	Helio Gama Pinto		c	8	8	8	10	10	8,8	Promov.
11	Luiz Garbim		c	8	6	6	7	6	6,6	

Termo de abertura do livro de matrícula / Ponto Pessoal do Grupo Escolar de 1922



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO INTERIOR

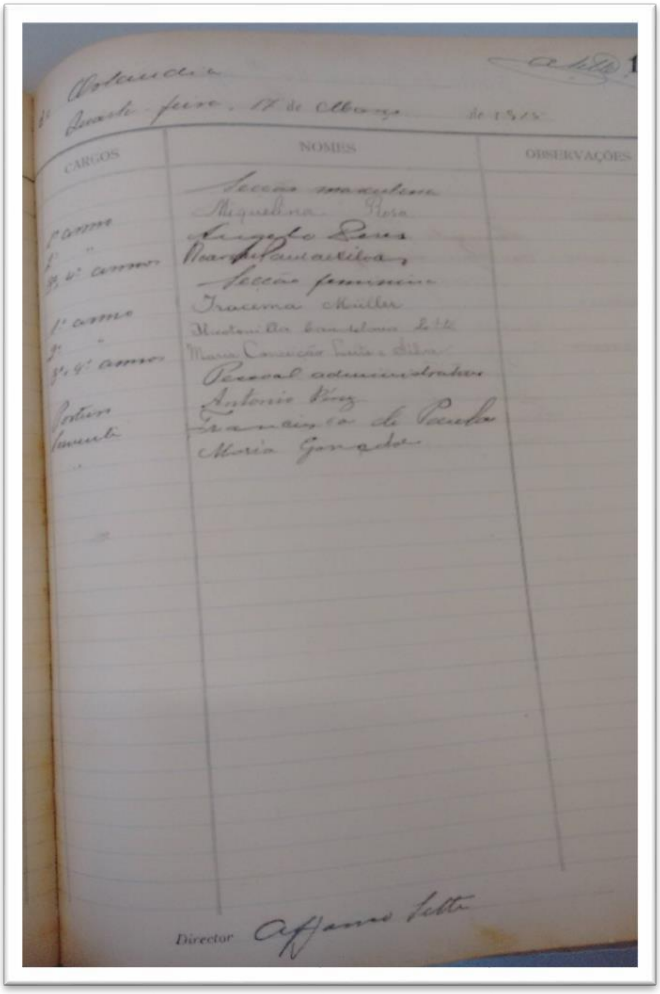
Livro de Matricula

TERMO DE ABERTURA

Contém este livro 50 folhas e destina-se ao fim supra indicado para a secção feminina do Grupo Escolar de Alhandra

Alhandra, 1922/23

O Director



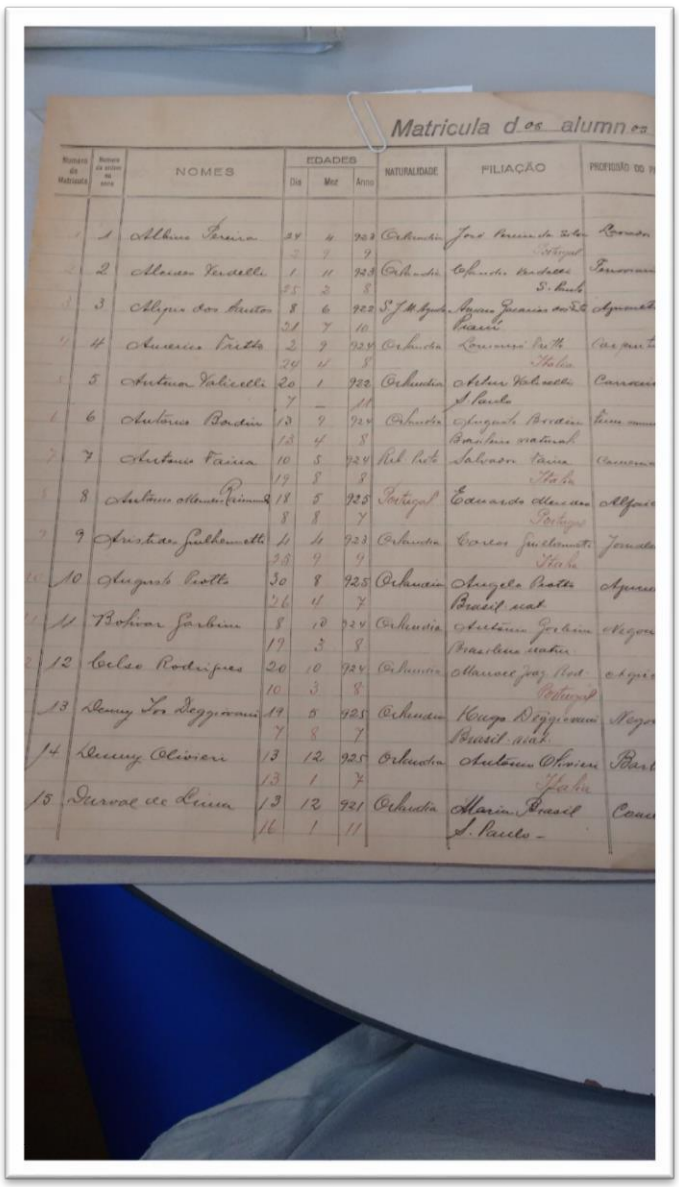
Abertura

Anno mil novecentos e vinte e dois, aos dezasete dias do mez de Março de 1922

CARGOS	NOMES	OBSERVAÇÕES
	Secção masculina	
1º anno	Miquelina Nora	
2º "	Angelo Dias	
3º, 4º anno	Maria Pavia Avila	
	Secção feminina	
1º anno	Trucma Muller	
2º "	Mariana Bernardina de Sá	
3º, 4º anno	Maria Conceição Lima e Silva	
	Pessoal administrativo	
Porteiro	Antonio Vaz	
Servente	Francisco de Paula	
	Maria Gonçalves	

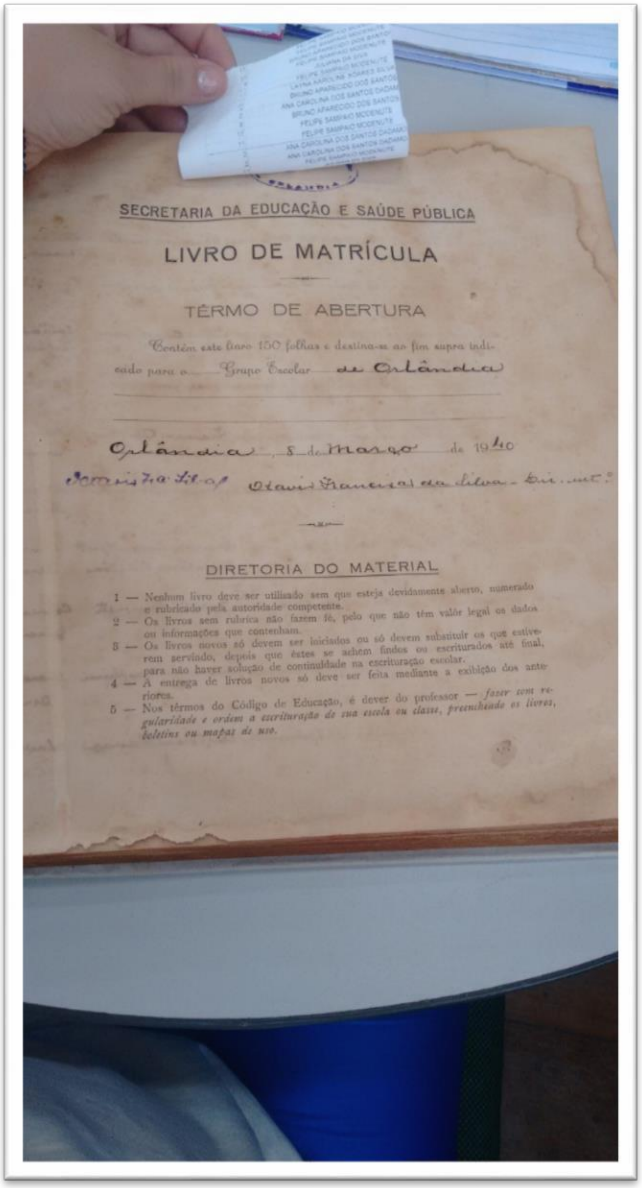
Director

Livro de matrícula dos alunos no Grupo Escolar



Matricula dos alumnos

Numero de Matricula	Numero de ordem no anno	NOMES	EDADES Dia	Mez	Anno	NATURALIDADE	FILIAÇÃO	PROFISSÃO DO PAI
1	1	Albino Pereira	24	4	923	Orlandia	José Pereira de Tolentino Portugal	Roceiro
			2	7	9			
2	2	Alcides Verdelli	1	11	923	Orlandia	Cesar Verdelli Estado S. Paulo	Fazendeiro
			25	2	8			
3	3	Alipio dos Santos	8	6	922	S. José do Rio Pardo	Agostinho Ferreira dos Santos Brasil	Agricultor
			21	7	10			
4	4	Americo Trotta	2	9	924	Orlandia	Domenico Trotta Italia	Carpinteiro
			24	4	8			
5	5	Antonio Valicelli	20	1	922	Orlandia	Arthur Valicelli S. Paulo	Carroceiro
			7	—	11			
6	6	Antonio Bordin	13	9	924	Orlandia	Augusto Bordin Brasileira natural	Fazendeiro
			13	4	8			
7	7	Antonio Faina	10	5	924	Rib. Preto	Salvador Faina Italia	Carroceiro
			19	8	8			
8	8	Antonio Alberto Primo	18	5	923	Portugal	Eduardo Alberto Portugal	Alfaiate
			8	8	7			
9	9	Aristides Guilhermetti	1	4	923	Orlandia	Cosmo Guilhermetti Italia	Jornaleiro
			38	9	4			
10	10	Augusto Piatti	30	8	925	Orlandia	Angelo Piatti Brasil nat.	Agricultor
			26	11	7			
11	11	Bolivar Garbim	8	10	924	Orlandia	Antonio Garbim Brasileira natur.	Negociante
			19	3	8			
12	12	Celso Rodrigues	20	10	924	Orlandia	Marcos Joaq. Rodrigues Portugal	Agricultor
			10	3	8			
13	13	Denny Lo Deggiovanni	19	5	925	Orlandia	Hugo Deggiovanni Brasil nat.	Negociante
			7	8	7			
14	14	Denny Oliveira	13	12	925	Orlandia	Antonio Oliveira Italia	Barbeiro
			13	1	7			
15	15	Durval de Lima	13	12	921	Orlandia	Maria Brasil S. Paulo -	Commerciante
			16	1	11			



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

LIVRO DE MATRÍCULA

TÊRMO DE ABERTURA

Contém este livro 150 folhas e destina-se ao fim supra indicado para o Grupo Escolar de Orlândia

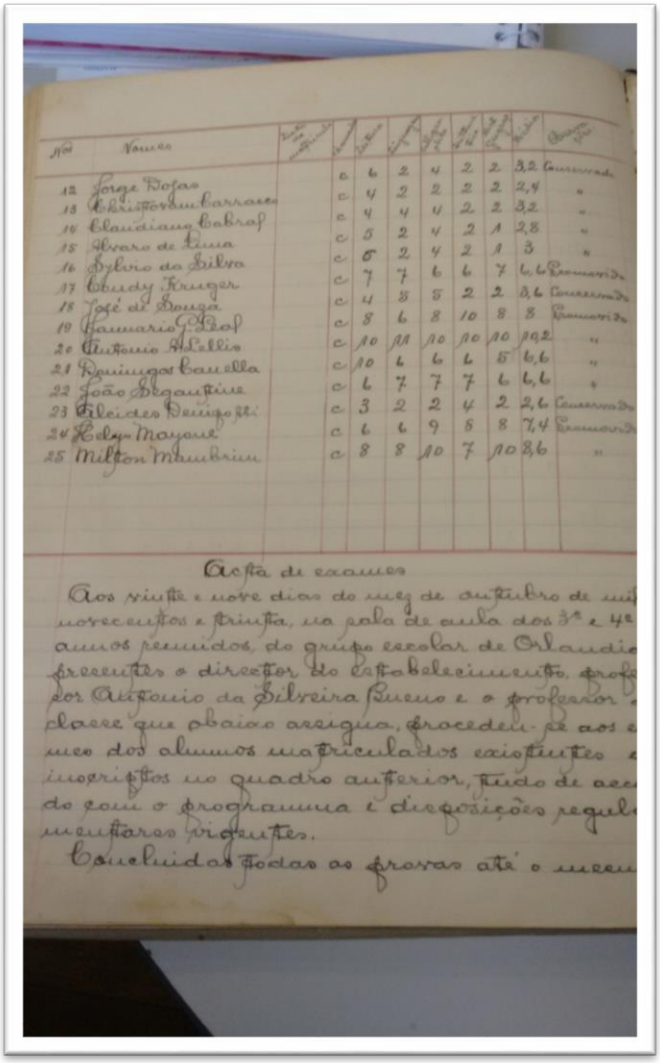
Orlândia, 5 de Março de 1940

O Comissario Lic. Otavio Francisco da Silva - Diretor

DIRETORIA DO MATERIAL

1 — Nenhum livro deve ser utilisado sem que esteja devidamente aberto, numerado e rubricado pela autoridade competente.
2 — Os livros sem rubrica não fazem fé, pelo que não têm valôr legal os dados ou informações que contenham.
3 — Os livros novos só devem ser iniciados ou só devem substituir os que estiverem servindo, depois que êstes se acham findos ou escriturados até final, para não haver solução de continuidade na escrituração escolar.
4 — A entrega de livros novos só deve ser feita mediante a exhibição dos anteriores.
5 — Nos têrmos do Código de Educação, é dever do professor — *fazer com regularidade e ordem a escrituração de sua escola ou classe, preenchendo os livros, boletins ou mapas de uso.*

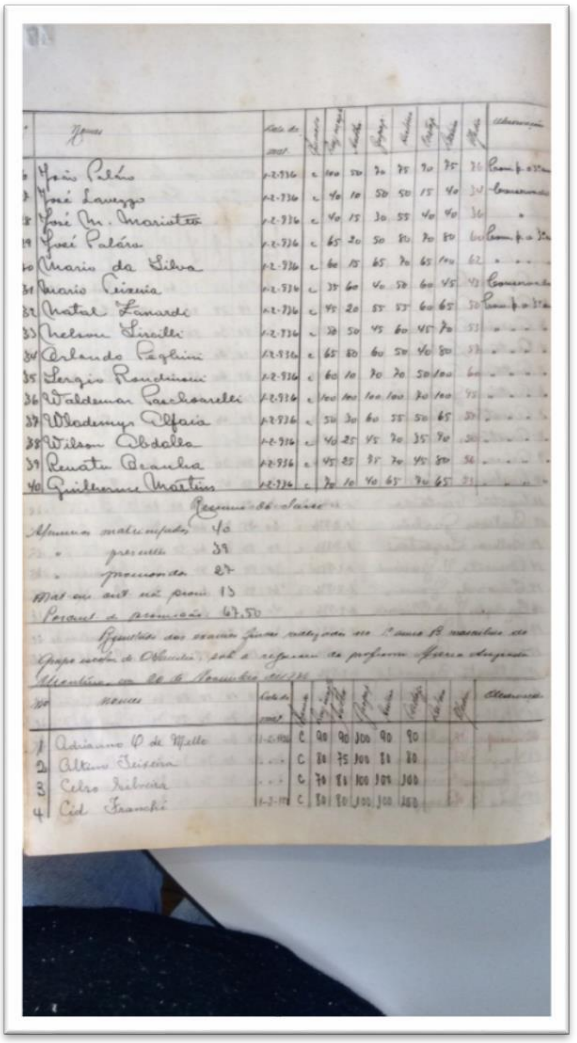
Ata de exames do Grupo Escolar



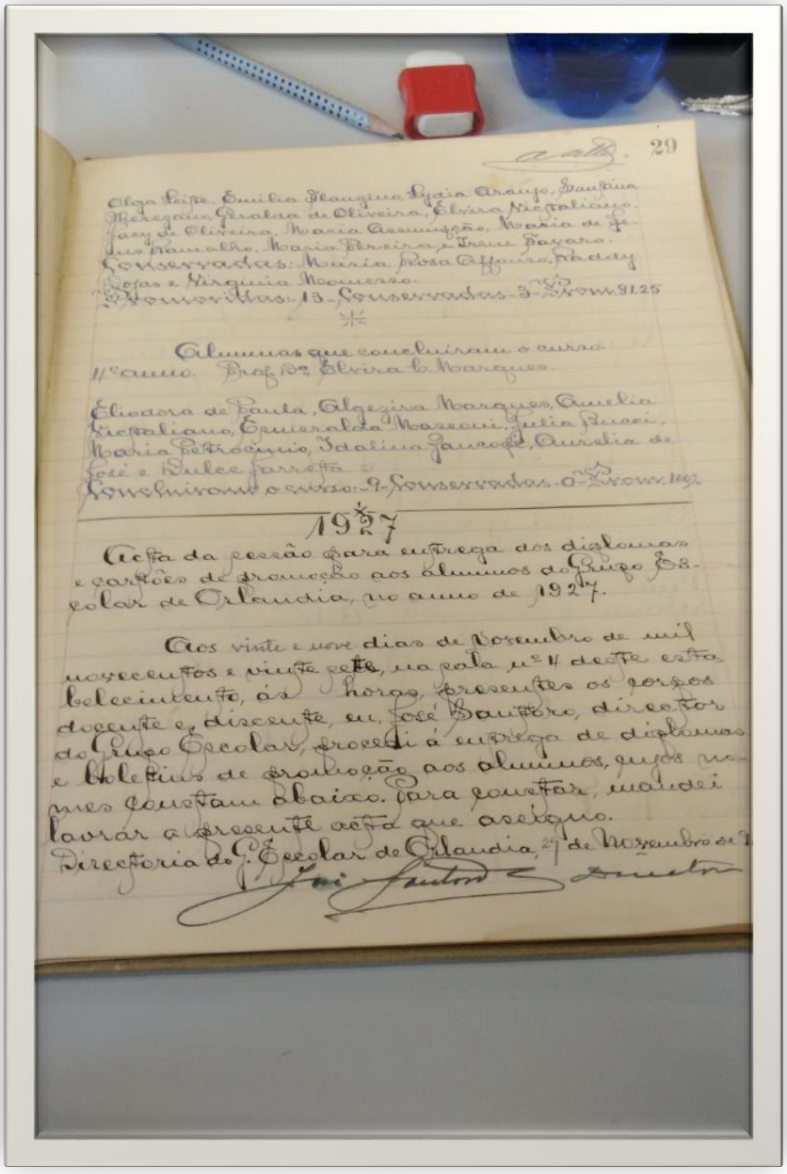
Acta de exames

Aos vinte e nove dias do mez de outubro de mil novecentos e trinta, na sala de aula dos 3º e 4º annos reunidos, do grupo escolar de Orlandia presentes o director do estabelecimento, professor Antonio da Silveira Bueno e o professor da classe que abaixo assigna, procedeu-se aos exames dos alumnos matriculados existentes e inscriptos no quadro anterior, tudo de accordo com o programma e disposições regulamentares vigentes.

Concluidas todas as provas até o mesmo



Ata de entrega de diplomas 1927 no Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"



29

Olga Leite, Emilia Fleuguss, Zaira Araujo, Faustina Mesquita, Cecilia de Oliveira, Elvira Nicolaiewsky, Lucy de Oliveira, Maria Assumpção, Maria de Lourdes Carvalho, Maria Pereira e Irene Favaro.
Conservadas: Maria Rosa Affonso, Paddy Lopes e Virginia Nogueira.
Promovidas 13 - Conservadas 3 - Brown 81.25

Alumnas que concluiram o curso
1º anno. Profª Dª Elvira L. Marques

Elisiora de Paula, Algezira Marques, Amelia Nicolaiewsky, Esmeralda Marcucci, Julia Russi, Maria Petrocinio, Idalina Lauretti, Aurelia de Lossi e Dulce Ferretti.
Concluiram o curso: 9 - Conservadas 0 - Brown 100

1927

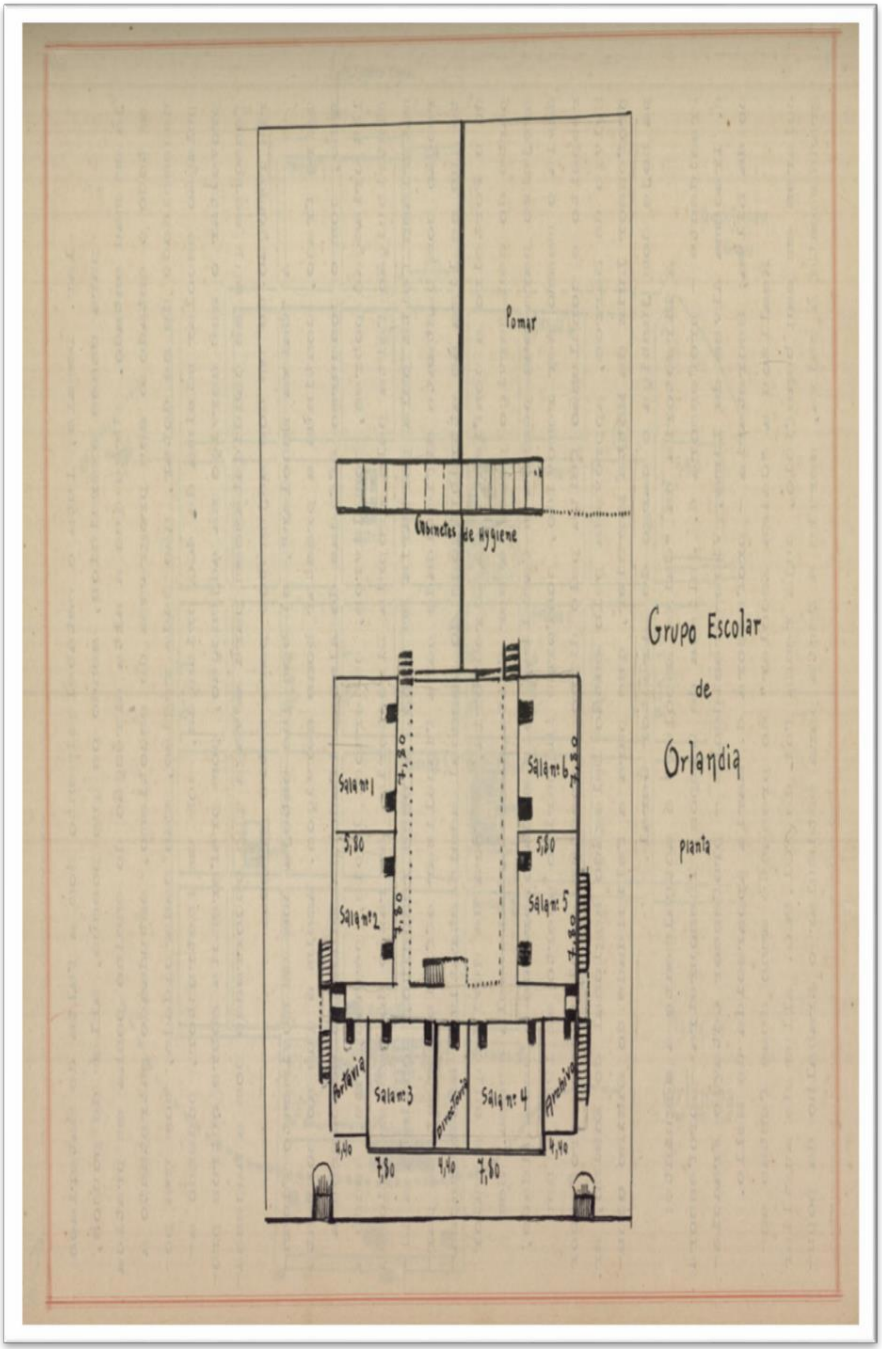
Acta da sessão para entrega dos diplomas e cartões de promoção aos alumnos do Grupo Escolar de Orlandia, no anno de 1927.

Aos vinte e nove dias de Novembro de mil novecentos e vinte sete, na sala nº 1 deste estabelecimento, ás horas presentes os senhores docente e discente, eu, José Bautero, director do Grupo Escolar, procedi á entrega de diplomas e boletins de promoção aos alumnos, cujos nomes constam abaixo. Para constar, mandei lavrar a presente acta que assigno.
Directoria do G. Escolar de Orlandia, 29 de Novembro de 1

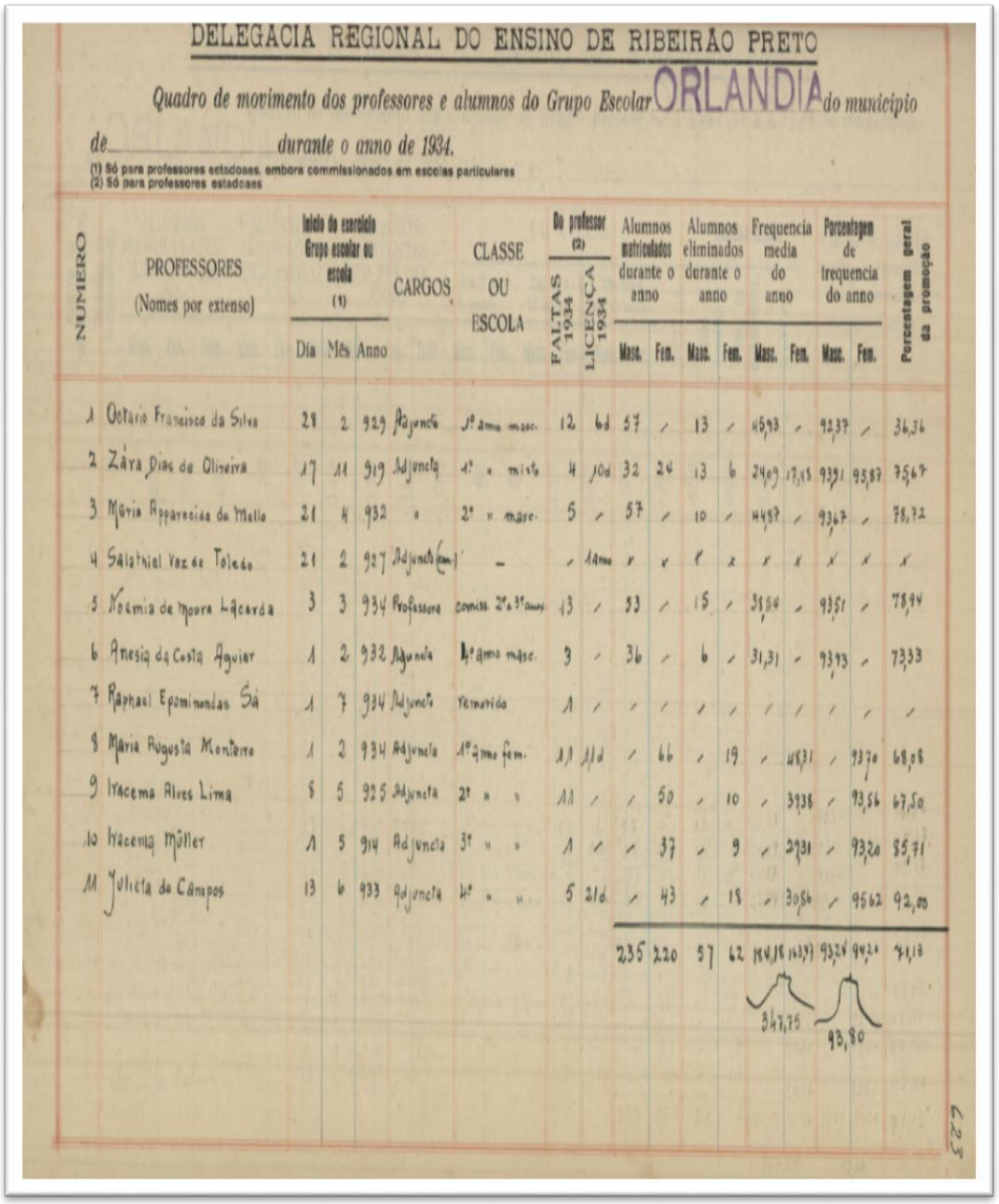
APÊNDICE B

ANUÁRIOS DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO: GRUPO ESCOLAR "CORONEL FRANSCISCO ORLANDO"

Planta do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando".



Quadro de movimento dos professores (1934)



DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

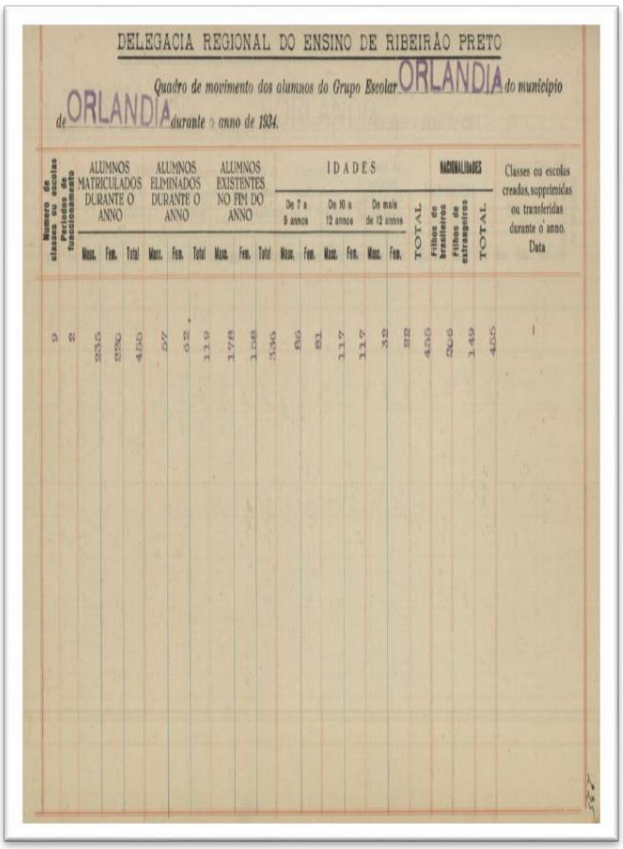
Quadro de movimento dos professores e alumnos do Grupo Escolar ORLANDIA *do municipio de_____ durante o anno de 1934.*

(1) Só para professores estadoaes, embora commissionados em escolas particulares
(2) Só para professores estadoaes

NUMERO	PROFESSORES (Nomes por extenso)	Inicio do exercicio Grupo escolar ou escola (1) Dia	Mês	Anno	CARGOS	CLASSE OU ESCOLA	Do professor (2) FALTAS 1934	LICENÇA 1934	Alumnos matriculados durante o anno Masc.	Fem.	Alumnos eliminados durante o anno Masc.	Fem.	Frequencia media do anno Masc.	Fem.	Porcentagem de frequencia do anno Masc.	Fem.	Porcentagem geral da promoção
1	Octavio Francisco da Silva	28	2	929	Adjuncto	3º anno masc.	12	6d	57	/	13	/	45,93	/	92,37	/	36,36
2	Zaira Dias de Oliveira	17	11	919	Adjuncta	4º " misto	4	10d	32	24	13	6	24,09	17,15	93,51	95,87	75,67
3	Maria Apparecida de Mello	21	4	932	"	2º " masc.	5	/	57	/	10	/	44,57	/	93,67	/	78,72
4	Salathiel Vaz de Toledo	21	2	927	Adjuncto (em)	—	/	1ano	x	x	x	x	x	x	x	x	x
5	Norma de Moura Lacerda	3	3	934	Professora	comiss. 2º e 3º anno	13	/	53	/	15	/	38,54	/	93,51	/	78,94
6	Anesia da Costa Aguiar	1	2	932	Adjuncta	1º anno masc.	3	/	36	/	6	/	31,31	/	93,93	/	73,33
7	Raphael Epaminondas Sá	1	7	934	Adjuncto	removido	1	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
8	Maria Augusta Monteiro	1	2	934	Adjuncta	1º anno fem.	11	11d	/	66	/	19	/	48,31	/	93,70	68,08
9	Iracema Alves Lima	5	5	925	Adjuncta	2º " "	11	/	/	50	/	10	/	39,36	/	93,56	67,50
10	Iracema Müller	1	5	914	Adjuncta	3º " "	1	/	/	37	/	9	/	29,31	/	93,20	85,71
11	Julieta de Campos	13	6	933	Adjuncta	4º " "	5	21d	/	43	/	18	/	30,86	/	95,62	92,00
									235	220	57	62	184,18	163,71	93,24	94,24	71,18
													347,75		93,80		

123

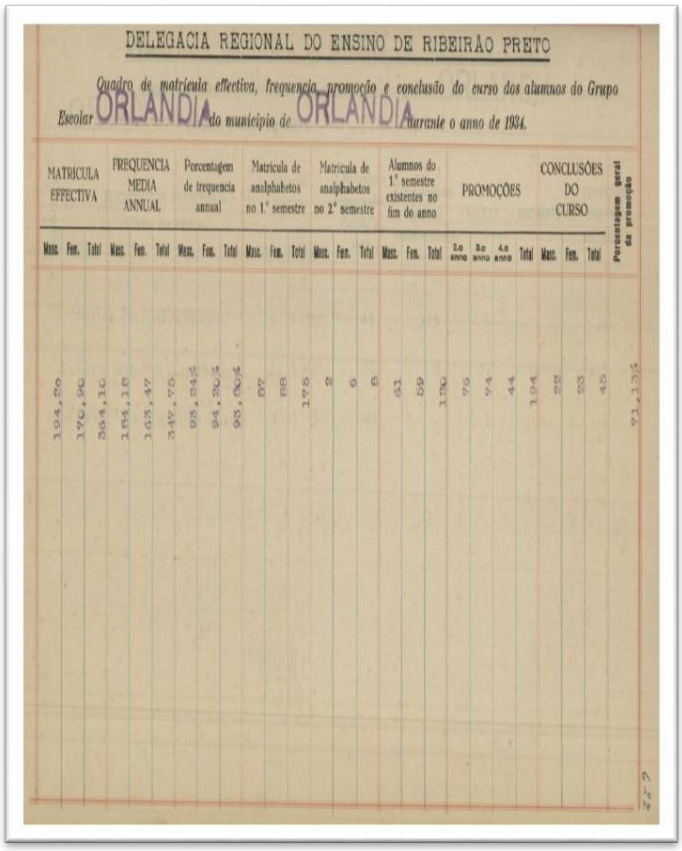
Quadro de movimento dos professores (1934)



DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

Quadro de movimento dos alumnos do Grupo Escolar ORLANDIA *do municipio de* ORLANDIA *durante o anno de 1934.*

Numero de classes ou escolas	Periodos de funccionamento	ALUMNOS MATRICULADOS DURANTE O ANNO			ALUMNOS ELIMINADOS DURANTE O ANNO			ALUMNOS EXISTENTES NO FIM DO ANNO			IDADES						NACIONALIDADES			Classes ou escolas creadas, supprimidas ou transferidas durante o anno. Data
											De 7 a 9 annos		De 10 a 12 annos		De mais de 12 annos		TOTAL	Filhos de brasileiros	Filhos de extrangeiros	TOTAL
		Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	Mas.	Fem.				
9	2	225	230	455	57	62	119	178	168	336	86	81	117	117	32	32	435	306	149	455

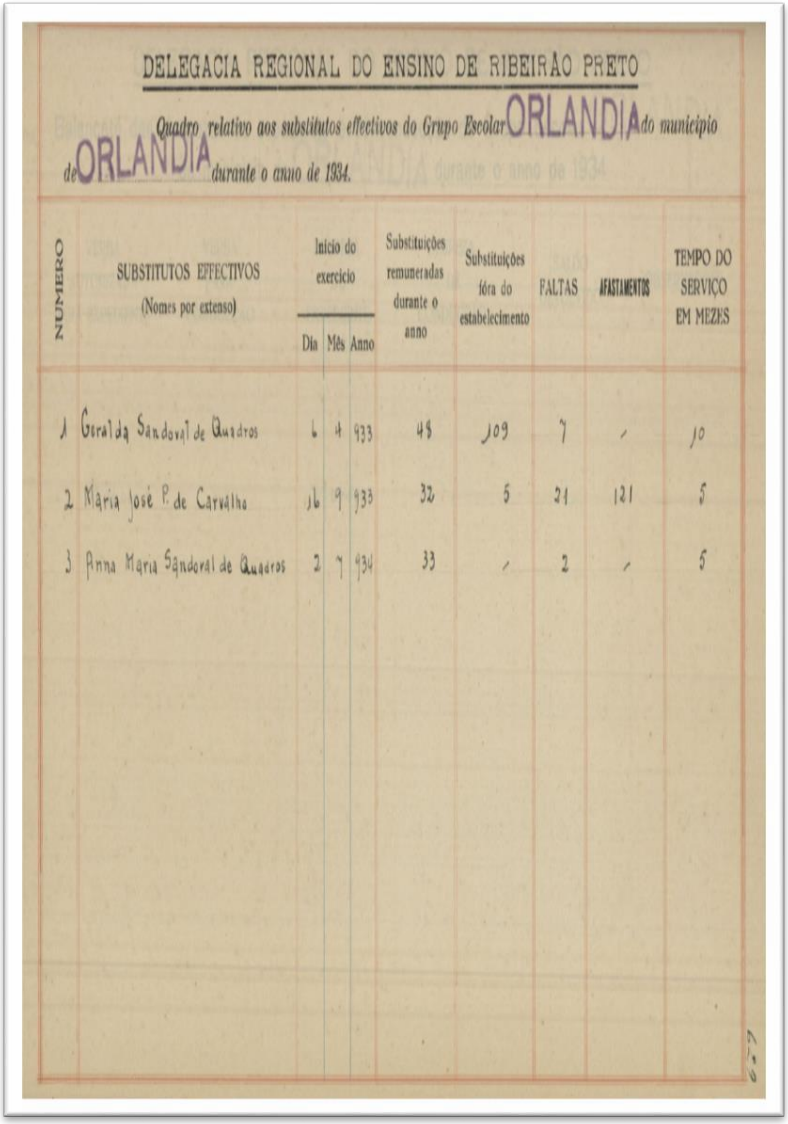


DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

Quadro de matricula effectiva, frequencia, promoção e conclusão do curso dos alumnos do Grupo Escolar ORLANDIA *do municipio de* ORLANDIA *durante o anno de 1934.*

MATRICULA EFFECTIVA			FREQUENCIA MEDIA ANNUAL			Porcentagem de frequencia annual			Matricula de analphabetos no 1° semestre			Matricula de analphabetos no 2° semestre			Alumnos do 1° semestre existentes no fim do anno			PROMOÇÕES			CONCLUSÕES DO CURSO			Porcentagem geral da promoção
Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	2.o anno	3.o anno	4.o anno	Total	Mas.	Fem.	Total	
194,20																								
170,90																								
364,10																								
164,18																								
163,47																								
347,75																								
93,84%																								
94,20%																								
93,90%																								
87																								
88																								
175																								
2																								
0																								
0																								
61																								
59																								
120																								
76																								
74																								
44																								
194																								
28																								
53																								
45																								
																								71,13%

Quadro de professores substitutos 1934

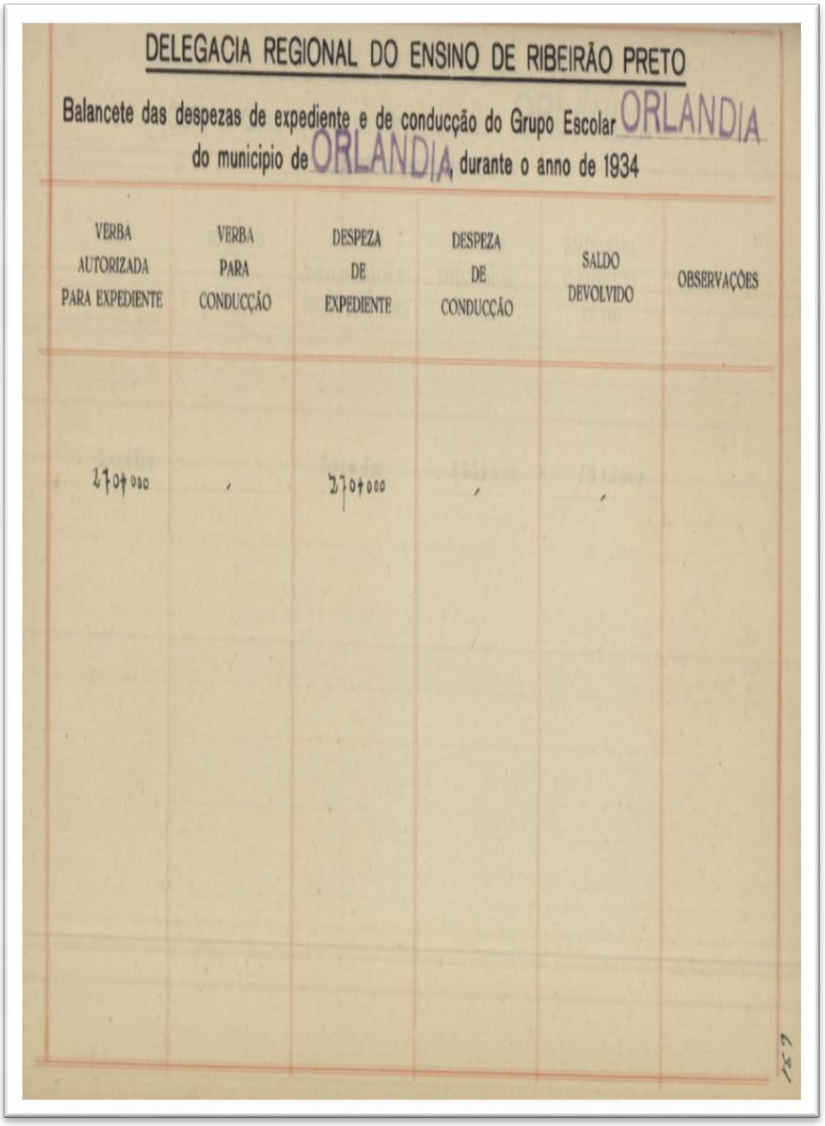


DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

Quadro relativo aos substitutos effectivos do Grupo Escolar ORLANDIA *do municipio de* ORLANDIA *durante o anno de 1934.*

NUMERO	SUBSTITUTOS EFFECTIVOS (Nomes por extenso)	Início do exercicio			Substituições remuneradas durante o anno	Substituições fóra do estabelecimento	FALTAS	AFASTAMENTOS	TEMPO DO SERVIÇO EM MEZES
		Dia	Mês	Anno					
1	Geralda Sandoval de Quadros	6	4	933	45	109	7	-	10
2	Maria José P. de Carvalho	16	9	933	32	5	21	121	5
3	Anna Maria Sandoval de Quadros	2	7	934	33	-	2	-	5

Despesas do Grupo Escolar de Orlândia

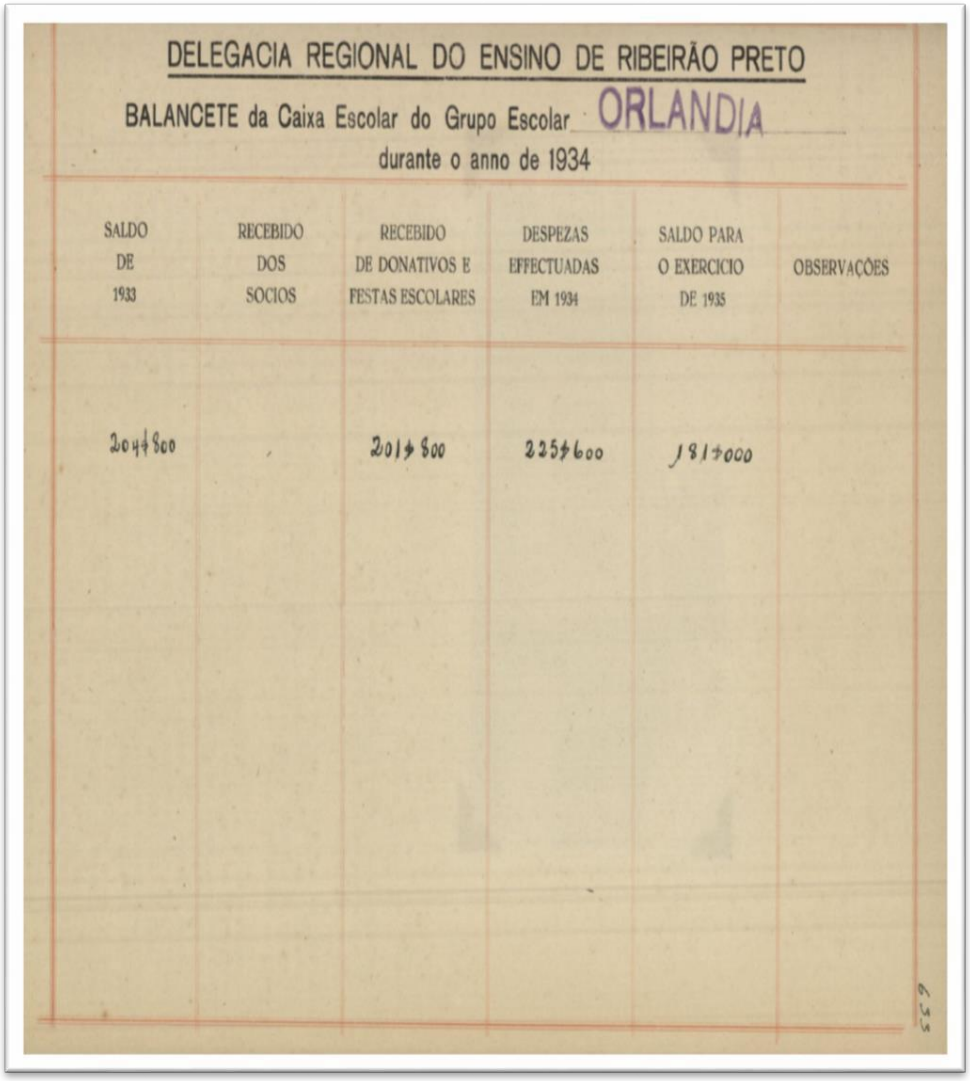


DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

Balancete das despezas de expediente e de conducção do Grupo Escolar ORLANDIA do municipio de ORLANDIA, durante o anno de 1934

VERBA AUTORIZADA PARA EXPEDIENTE	VERBA PARA CONDUCÇÃO	DESPEZA DE EXPEDIENTE	DESPEZA DE CONDUCÇÃO	SALDO DEVOLVIDO	OBSERVAÇÕES
270$000	,	270$000	,	,	

Balancete de caixa do Grupo Escolar “Coronel Francisco Orlando”.



DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO

BALANCETE da Caixa Escolar do Grupo Escolar ORLANDIA

durante o anno de 1934

SALDO DE 1933	RECEBIDO DOS SOCIOS	RECEBIDO DE DONATIVOS E FESTAS ESCOLARES	DESPEZAS EFFECTUADAS EM 1934	SALDO PARA O EXERCICIO DE 1935	OBSERVAÇÕES
204$800		201$800	225$600	181$000	